

GERALDA FÁTIMA DE SOUZA RODRIGUES

***Realizações dos sufixos -(z)inho/-(z)im no português brasileiro
dialetal: análise variacionista***

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
BELO HORIZONTE - JUNHO DE 2015**

GERALDA FÁTIMA DE SOUZA RODRIGUES

***Realizações dos sufixos -(z)inho/-(z)im no português
brasileiro dialetal: análise variacionista***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de DOUTOR em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração:
Linguística Teórica e Descritiva
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística
Orientadora: Prof.^a Dr. Jânia Martins Ramos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
BELO HORIZONTE - JUNHO DE 2015**

BANCA EXAMINADORA

Esta tese intitulada “**Realizações dos sufixos -(z)inho/-(z)im no português brasileiro dialetal: análise variacionista**” foi examinada pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Jânia Martins Ramos (Orientadora – UFMG)

Prof.^a Dr.^a Aléxia Teles Duchowny (UFMG)

Prof.^a Dr.^a Elizete Maria de Souza (UESB)

Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros (PUC – Minas)

Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães
(UFMG)

Professores suplentes:

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rocha (UFOP)

Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Coelho (UFMG)

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese:

*aos meus pais Vicente e
Bárbara, começo de tudo!
à minha orientadora
Prof.^a Dra.^a Jânia Ramos,
pela confiança
em meu trabalho e por
ser uma pessoa especial!*

AGRADECIMENTOS

Posso dizer que é impossível analisar a *significância* das pessoas que fazem parte desta minha trajetória, o que sei é que afora os *knockouts*, *singleton group* algumas foram, particularmente, especiais.

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, agradeço a Deus por me guiar, iluminar e me dar lucidez para seguir em frente com os meus objetivos, por colocar ordem no meu caos.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Jânia Ramos, resumí-la como orientadora, é pouco! Você foi muito mais que isso por ter conduzido meu processo de doutoramento de forma tão calma, segura e profissional em momentos em que nem eu mesma acreditava em mim! Sua atuação só me faz confirmar a tese de que para ser um acadêmico não é preciso se distanciar do ser humano. Adjetivar sua competência é ser redundante!

Agradeço à minha filha Juliana que, mesmo estando longe, cumprindo com suas obrigações acadêmicas, sempre se preocupou com o andamento do meu processo de escrita; ao meu filho Vinícius que participou mais de perto do final deste processo, principalmente, dos momentos de incertezas: a vocês dois, meu amor eterno.

Agradeço aos meus pais Vicente, ausência sempre presente, à minha mãe, Bárbara, mulher forte que soube compreender a minha reclusão dos últimos meses num momento de muita fragilidade emocional. Seguir seus passos é seguir o caminho do bem.

Aos meus irmãos Elizete, Hermes e Celinha que me auxiliou no registro das referências; aos meus sempre amados sobrinhos: Isabela, Mariana, Bárbara, Henrique e Fernando: família é porto seguro.

Às grandes pessoas que são Maria José, Sílvia e Eliane, amigas para todo o

sempre, suportes nos momentos em que a vida me fez passar por vários testes, o apoio incondicional de vocês também contribuiu para que eu chegasse até aqui.

À Clara, doce amiga e companheira do caminho profissional, ao Paulo Antunes, pessoa ímpar, que disse recentemente “...*escrevemos num livro invisível que não sei onde se guarda, nem quando se publicará.*”; ao Luís Henrique que, mesmo em poucas conversas, mostrou-me o caminho histórico de Mariana e Piranga.

Agradeço à Prof.^a Maria Antonieta Amarante M. Cohen, Tilah, por quem tenho grande admiração e ao Prof. Clézio Roberto Gonçalves pelas valiosas colocações no exame de qualificação.

À Elaine Chaves pela leitura atenta dos capítulos iniciais e por suas observações pertinentes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, representado pela coordenadora Prof.^a Emília Mendes Lopes, agradeço a oportunidade de ter podido continuar meu doutoramento.

Agradeço, também, aos secretários Fábio, Graça, Débora e à Malu que, apesar de não estar mais no Poslin, contribuiu para que tudo terminasse em bom termo.

Aos professores da banca examinadora Prof.^a Dr.^a Aléxia Teles Duchowny, Prof.^a Dr.^a Elizete Maria de Souza, Prof.^a Dr.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães que aceitaram participar da minha defesa.

RESUMO

Este trabalho tem por objeto de estudo o uso de diminutivos no Português Brasileiro e o interesse surgiu do fato de o fenômeno ser referido como típico do dialeto mineiro. Sites na internet e dicionários de *mineirês* elencam o uso de diminutivos como uma das especificidades deste dialeto; tais referências permitem identificar o uso de diminutivos como um estereótipo. A presente pesquisa inclui-se num projeto maior, intitulado “*A construção de um dialeto: o ‘mineirês’ a língua portuguesa em Minas*”, cujo objetivo geral é analisar cientificamente fenômenos linguísticos reconhecidos pelo senso comum como “marcas do dialeto mineiro”. Dessa maneira, a proposta deste trabalho é fazer um estudo sociolinguístico de sufixos diminutivos em duas cidades mineiras: Mariana e Piranga, tomando como as variantes as formas: -inho/ -im, -zinho/-zim. Assim, o objetivo geral é explicar as condições de uso e a origem da variável em análise além de fornecer uma análise sociolinguística das formas -(z)inho,-(z)im no português, apontando sua distribuição, origem e estratificação social e linguística. E, como objetivos específicos, temos os seguintes: a) verificar a frequência e distribuição das variantes numa amostra representativa das cidades de Mariana e Piranga; b) comparar os dois dialetos das duas cidades no que diz respeito à variável em análise; c) avaliar a força de fatores internos e externos; d) explicar, à luz de informações de natureza sócio-históricas, os resultados obtidos e, finalmente, e) verificar se há um processo de mudança em andamento. A hipótese aventada é que a variação em análise é de natureza diatópica. Como suporte teórico-metodológico, utilizar-se-á os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972 a,b, 1994 2001, 2008, 2010), Hewstone & Giles (1997). O programa utilizado para a quantificação de dados é o Goldvarb X.

Palavras-chave: Diminutivo - Variação de língua – Estereótipo - Atitude

ABSTRACT

The purpose of this work is to study diminutive suffixes in Brazilian Portuguese and determine whether this phenomenon is an indicator of different Brazilian dialects. Internet sites and dictionaries indicate the use of diminutives as one of the specificities of this “mineirês” dialect. These references help identify the use of diminutives as stereotypes. This research is part of a larger project, entitled “*A construção de um dialeto: a língua portuguesa em Minas*”; which general objective is to scientifically analyze linguistic phenomena typical of the “Mineiro” dialect. Thus, the purpose of this research is to conduct a sociolinguistic study of the diminutive suffixes in two different cities in Minas Gerais: Mariana and Piranga, with the variants: -inho/ -im, -zinho/-zim. Therefore, the general objectives are to explain the origin of these variants, conditions of use, and provide a sociolinguistic analysis of the forms –(z)inho,-(z)im by describing their distribution, origin, socio-economic and linguistic status. The specific objectives are: a) verify the frequency and distribution of variants of a representative sample in the cities of Mariana and Piranga; b) compare the two dialects from the two cities, using the variants in question; c) assess the strength of internal and external factors; d) explain the results achieved in light of socio-historical information, and finally, e) determine whether this change is an ongoing process. The suggested hypothesis is that the change in question is diatopical by nature. As theoretical and methodological support, we use the assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Changes (Labov, 1972a, b, 1974, 1994, 2001, 2008, 2010), Hewstone & Giles (1997). Statistical analysis is conducted through the use of the Goldvarb X program.

Keywords: Diminutive - Language variation - Stereotype - Attitude

“Human language, as distinct from animal systems of communication, allows us to transfer information on distant times and places, and to use that information to solve the basic problems of living. No matter how cumbersome or inefficient our language may be, it is reasonable to believe that language will serve that purpose better if it remains unchanged, as a common convention accessible to all.” (Labov, 2010)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Distribuição geral do teste de atitude com relação às perguntas do grupo I	78
Tabela 2 Distribuição geral do teste de atitude com relação às perguntas do grupo II	85
Tabela 3 Distribuição das variantes no corpus.....	133
Tabela 4 Distribuição geral de ocorrências das formas reduzidas e plenas conforme o tipo de área	134
Tabela 5 Distribuição de ocorrências das formas plenas e reduzidas entre o fator sexo.....	137
Tabela 6 Distribuição de ocorrências das formas plenas e reduzidas diante do fator faixa etária.....	138
Tabela 7 Distribuição de ocorrências das formas reduzidas: fator classe de palavras	140
Tabela 8 Distribuição de ocorrências das formas plenas e reduzidas: fator realização fonológica do segmento seguinte.....	141
Tabela 9 Distribuição de ocorrências das formas reduzidas e plenas para o fator gênero morfológico.....	142
Tabela 10 Distribuição de ocorrências das formas reduzidas e plenas para o fator nomes próprios e comuns	143
Tabela 11 Efeito da redução fonológica no uso de diminutivos conforme o tipo de sufixo.....	144
Tabela 12 Usos das formas diminutivas entre falantes da cidade de Piranga (MG)	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Características dos processos de formação produtiva de –inho e –zinho conforme Lee (1999)	31
Quadro 2 Diferenças entre –zinho e compostos lexicais.....	32
Quadro 3 Distribuição do acento nas formas diminutivas –inho e -im.....	57
Quadro 4 Distribuição do acento nas formas diminutivas –zinho e -zim	57
Quadro 5 Correlações entre protótipo, estereótipo e estigma	74
Quadro 6 Diferenças entre rural e urbano	112
Quadro 7 Produtividade de nomes com -inho e -zinho	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso das reduções dos diminutivos no dialeto mineiro	79
Gráfico 2 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso dos diminutivos no dialeto mineiro pelos mais jovens	80
Gráfico 3 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso dos diminutivos no dialeto mineiro pelos mais velhos	81
Gráfico 4 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso de 'bunitim' e 'bonitinho'	82
Gráfico 5 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso do diminutivo na fala cotidiana dos mineiros	83
Gráfico 6 - Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a avaliação da língua usada pelos mineiros.....	86
Gráfico 7 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso do diminutivo na fala dos mineiros em relação à forma plena	87
Gráfico 8 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso do diminutivo na fala dos mineiros da zona rural em relação à forma reduzida .	88
Gráfico 9 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre ao uso das palavras 'bunitim' e 'bonitinho' no dialeto mineiro.....	89
Gráfico 10 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre ao uso das palavras 'bunitim' e 'bonitinho'	101
Gráfico 11 Distribuição do uso de -inho;-zinho; -im; -zim entre jovens, medianos e velhos na cidade de Piranga (MG)	191

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 Evolução populacional da cidade de Piranga	122
Infográfico 2 Pirâmide etária de Piranga – IBGE (2010)	123
Infográfico 3 Evolução populacional da cidade de Mariana - IBGE (2010)	126
Infográfico 4 Pirâmide etária de Mariana ⁷²	127

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Mapa Político de Minas Gerais (Mariana-MG e Piranga-MG)	120
Mapa 2 Distribuição dos falares de Minas Gerais segundo o ALEMIG – Zágari (1977)	156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1.....	22
DIMINUTIVOS NO PORTUGUÊS E SUAS CONTROVÉRSIAS	22
1.1 <i>Etimologia</i>	22
1.2 <i>Derivação morfológica</i>	24
1.2.1 <i>Estatuto de [z] em –zinho</i>	24
1.2.2 <i>Derivação ou flexão?</i>	27
1.3 <i>Estudos morfofonológicos</i>	29
1.4 <i>Estudos sobre a interpretação semântica</i>	46
1.5 <i>Diminutivos e a abordagem variacionista</i>	49
1.6 <i>Conclusões</i>	60
CAPÍTULO 2.....	62
ESTEREÓTIPO E ESTIGMA LINGUÍSTICOS	62
2.1 <i>Introdução</i>	62
2.2 <i>Piadas</i>	63
2.3 <i>Estereótipo</i>	64
2.4 <i>Estigma</i>	68
2.5 <i>Correlações dos estereótipos com comunidade de fala e comunidade de prática</i> ..	70
2.6 <i>Estereótipos e comunidade de fala</i>	72
2.7 <i>Os testes</i>	75
2.7.1 <i>A descrição do teste</i>	76
2.8 <i>Conclusão</i>	102
CAPÍTULO 3.....	103
ANÁLISE VARIACIONISTA	103
3.1 <i>O quadro teórico</i>	103
3.2 <i>Em busca de estratificações sociais</i>	106
3.2.1 <i>Sexo</i>	108
3.2.2 <i>Variação diatópica</i>	110
3. <i>A análise</i>	114
3.3.1 <i>Amostra</i>	114
3.3.1.1 <i>As variáveis</i>	114
3.3.1.1.2 <i>Variáveis independentes</i>	115
3.3.1.1.2.1 <i>Fatores internos ou variáveis internas</i>	115
3.3.1.1.2.2 <i>Fatores externos ou variáveis externas</i>	118

3.4. <i>Identificando Piranga</i>	120
3.5 <i>Identificando Mariana</i>	124
3.6 <i>Conclusão</i>	128
CAPÍTULO 4.....	129
VARIANTES DO DIMINUTIVO EM FOCO: RESULTADOS	129
4.1 <i>Quantificação e análises dos dados</i>	130
4.2 <i>Os resultados globais</i>	133
4.2.1 <i>A variável dependente</i>	133
4.2.2 <i>A variável independente: rural/urbano</i>	134
4.2.3 <i>A variável independente: sexo</i>	136
4.2.4 <i>A variável independente: faixa etária</i>	138
4.2.5 <i>A variável independente: classes de palavras</i>	139
4.2.6 <i>A variável independente: realização fonológica do segmento seguinte</i>	141
4.2.7 <i>A variável independente: gênero morfológico</i>	142
4.2.8 <i>Fatores não significativos</i>	143
4.2.8.1 <i>A variável independente: nomes comuns e próprios</i>	143
4.2.8.2 <i>A variável dependente: tipo de sufixo</i>	144
4.3 <i>Conclusões</i>	145
4.3.1 <i>Refinando os resultados</i>	145
CAPÍTULO 5.....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE	151
O DIMINUTIVO E SUAS VARIANTES PLENA E REDUZIDA.....	151
6. REFERÊNCIAS.....	158
7.ANEXOS.....	168

INTRODUÇÃO

O estudo sobre diminutivos no Português Brasileiro apontam os sufixos –inho e –zinho como os mais produtivos.¹ Este trabalho tem por objeto de estudo as realizações destes sufixos, nas quais a vogal final é mantida ou apagada, resultando –(z)inho ou –(z)im. O interesse pelo tema surgiu do fato de a realização em –im ser referida como típica do dialeto mineiro. *Sites* na internet e dicionários de mineirês elencam essa realização de diminutivos como uma das especificidades deste dialeto.

A presente pesquisa inclui-se num projeto maior, intitulado “*A Construção de um Dialeto: a História da Língua Portuguesa em Minas*, cujo objetivo geral é analisar fenômenos linguísticos reconhecidos pelo senso comum como “marcas do dialeto mineiro”

Como proposta, este trabalho busca fazer um estudo sociolinguístico de sufixos diminutivos em dois dialetos brasileiros a saber: as cidades de Piranga (MG), zona rural e Mariana (MG), zona urbana. As realizações –inho e –im serão analisadas como formas variantes.

¹Outros sufixos formadores de diminutivos são –eco, -ico, conforme Coutinho(1972).

A)-inho

(1) *aquele **velhinho** da roça que vai lá... (FJSM01)²*

B)-im

(2) ***Novim** de tudo, ele tinha até um muié... a esposa dele era bunita.
(FJIP04)*

C)-zinho

(3) *dá uma **discussãozinha**... é só uma discussão(FJIP06).*

D)-zim.

(4) *Zélia **Toizim** era nossa professora (FJIP05).*

Pode-se descrever esta variação como queda de segmento vocálico em final de palavras compostas, que apresentam os sufixos –inho/-zinho. As variantes em (A-C) serão referidas neste estudo como variantes plenas; as variantes (B-D) como formas reduzidas.

Assim, o objetivo geral é explicar as condições de uso da variável em análise, fornecendo uma análise sociolinguística, apontando sua distribuição e estratificação social e linguística.

E, como objetivos específicos, tem-se os seguintes: a) verificar a frequência e distribuição das variantes numa amostra representativa do dialeto mineiro; b) verificar a frequência e distribuição das variantes numa amostra representativa do dialeto piranguense; c) comparar os dois dialetos no que diz respeito à variável em análise e contrapor as ocorrências da zona urbana, Mariana e as da zona rural Piranga; d) avaliar a força de fatores internos e externos; e) explicar, à luz de informações de natureza sócio-históricas, os resultados obtidos em (c) e, finalmente, f) verificar se há um processo de mudança em andamento.

² As siglas que acompanham os exemplos são formadas com base nos seguintes critérios: a primeira letra indica ser Masculino (M) ou Feminino (F). A segunda indica a idade Jovem (J), Adulto (A) ou Idoso (I). A terceira letra indica a escolaridade Superior (S) Ou não (I); a última letra indica a cidade Mariana (M) ou Piranga (P). Segue-se o número da entrevista, que vai de 01 a 32.

Inicialmente, será feita uma descrição dos tratamentos dispensados aos diminutivos. Veremos que se trata de uma questão de natureza complexa e, por isso, serão feitas resenhas dos estudos que tomaram os diminutivos como um fenômeno de natureza morfológica, sintática, semântica e fonológica. Em seguida, resenharemos abordagens sociolinguísticas do fenômeno. Por fim, discutiremos sua descrição como uma marca estereotipada. Como suporte teórico-metodológico, adotaremos a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972a,b; 1994; 2001, 2010).

Esta tese compõe-se de quatro capítulos. No capítulo 1, buscaremos identificar os padrões de ocorrência das formas dos sufixos *-(z)inho/- (z)im* no português brasileiro, apresentando resenhas de estudos sobre etimologia dos sufixos, os processos morfológicos, sintáticos e semânticos envolvidos em seu uso. Em seguida, serão feitas resenhas dos estudos variacionistas que tomam os sufixos diminutivos como variantes. No capítulo 2, apresentar-se-á uma análise variacionista das formas já referidas e repetidas em (5) e (6).

(5) *quando ele tive bem madurim nós come ele* (FJIP07)

(6) *... com direito a cafezinho, balinha.* (FJSM80)

Em (5) há queda de segmento vocálico final no diminutivo. Em (6) há manutenção do segmento vocálico final.

Buscar-se-á responder às seguintes indagações: (a) o uso das formas reduzidas *-im* e/ou *-zim* seriam marcas da zona urbana ou rural? (b) Quais os fatores condicionadores internos e externos da variável? (c) A variante *-im* é estigmatizada? (d) O processo variável em análise constitui uma mudança em progresso.

No capítulo 3, será fornecida uma interpretação dos resultados, à luz dos pressupostos que norteiam as investigações da teoria da variação (Labov, 1972 a,b, 1994, 2001, 2010). Uma atenção especial é dada às noções de protótipo, estereótipo, indicador e marcador.

No capítulo 4, serão feitas comparações entre os resultados obtidos em nossa pesquisa aos trabalhos resenhados no capítulo 1. No capítulo 5, as conclusões acerca da pesquisa concluirão este trabalho.

CAPÍTULO 1

DIMINUTIVOS NO PORTUGUÊS E SUAS CONTROVÉRSIAS

A tentativa de identificação de padrões de ocorrência das formas –inho e (z)inho no português brasileiro tem levado a diferentes propostas, o que evidencia uma surpreendente complexidade.

Neste capítulo, apresentaremos discussões sobre a etimologia dos diminutivos (1.1), sua morfologia, em que se atesta uma natureza secundária (1.2), sintaxe (1.3), sua fonologia (1.4), sua semântica, que remete a parâmetros que dizem respeito à dimensão, intensidade e pejoratividade (1.4). Finalmente, discutiremos em (1.5) análises variacionistas que concebem as formas diminutivas como variantes sociolinguísticas.

Em relação aos sufixos –inho e –zinho há mais de uma hipótese sobre sua origem e estatuto morfológico. Tais considerações serão apresentadas nos tópicos subsequentes.

1.1 Etimologia

De acordo com Nunes (1951) e Coutinho (1972), quanto à sua formação, o sufixo -inho seria oriundo do latim *-inus*, e o -z- um infixos que, provavelmente, embora em baixa frequência, pode ocorrer.

Num primeiro momento, o sufixo -inus foi usado de maneira bastante produtiva e era empregado para a formação de palavras adjetivas. Na sua fase áurea, serviu como afixo para termos literários e nomes pátrios, como em “*levantino*”, “*fiorentino*”. –inus era usado, unido a um substantivo *pullus* para designar animais novos, a função era a mesma de um genitivo: “*pullus asininus*” e “*pullus equinus*”. (MAURER JÚNIOR, 1959, p.254).

Devido à vitalidade desse sufixo, principalmente por causa da aplicação especial que recebeu na România, o mesmo passou a ter um emprego como formador de substantivos diminutivos no português, no catalão, no italiano, no rético e no espanhol.

Rocha Lima (1983) sustenta que -inho tenha se derivado de um morfema flexional latino -inu, que em português originou -inho e adquiriu, também, reforço fonológico por meio da variante -zinho passando, posteriormente, a funcionar como forma livre: -zinho. Neste último estágio, tornou-se um nome, funcionando como um adjetivo ou um substantivo, dependendo do contexto. Isso pode ser descrito da seguinte maneira:

(-inu > -inho > -zinho > zinho) = sufixos > adj. > subst.

O processo anterior, de acordo com Rocha Lima (1983), resultaria em desgramaticalização³ do sufixo -inho

Em se tratando dos sufixos -inho e -zinho há mais de uma hipótese sobre sua origem. Para Amadeu Amaral (1920), o diminutivo é, na língua portuguesa, extremamente produtivo através da flexão -inho. Em caso de substantivos próprios, o uso é bastante diversificado (“Zequinha”, “Quim”, “Quinzinho”). E este uso se estende, também, aos adjetivos e aos advérbios (“longinho”, “pertinho”, “assimzinho”, “agórinha”).

³Segundo Castilho (1997), desgramaticalização é o processo pelo qual um item perde suas propriedades gramaticais, constituindo-se numa categoria discursiva. Exemplos dados pelo autor como os marcadores conversacionais *tá ? sabe? entende? compreende?, viu? né?* atestam que os mesmos adquiriram função fática.

⁴Todos os exemplos aqui citados foram retirados de Amadeu Amaral (1920) em “O dialeto caipira”. Há outras particularidades em relação ao emprego dos diminutivos no que se refere a algumas expressões (“longinho” equivale a “um pouco longe”;

“pertinho”, a “bem perto”, (muito perto)”⁴, entre outras. O autor em questão afirma que:

Dir-se-ia existir qualquer "simpatia" psicológica entre a flexão diminutiva e a ideia adverbial. São expressões correntes: *falá baxinho*, *parô um bocadinho*, *andava deste jeitinho*, *vô lá num instantinho*, *falô direitinho*, *ia devagarinho*, *fartava no sírviço cada passinho*, etc. (AMADEU AMARAL, 1920, p. 28)

Por último, cabe ressaltar que as realizações -inho teriam como concorrente o sufixo -im, de origem francesa, encontrado em, por exemplo, *botequ-im*; *camar-im*, entre outras (NUNES, (1951) e COUTINHO (1972)).

1.2 Derivação morfológica

São duas as questões centrais dos estudos morfológicos: (a) -inho e -zinho são dois sufixos diferentes ou apenas um? (b) A sufixação configura um caso de derivação ou flexão? Estas discussões são importantes para a interpretação do fenômeno variável serão tratadas no capítulo 3.

1.2.1 Estatuto de [z] em -zinho

Na língua portuguesa, o meio mais produtivo de criar diminutivos consiste em agregar os sufixos -inho, -zinho ou -im a uma base nominal, conforme assinala Lee (2013).

Na gramática de Jerônimo Soares Barbosa (1875)⁵ os diminutivos -inho e -zinho

são tratados como uma única forma. A explicação para tal fato é bem simples: a inclusão do –z às bases lexicais é, tão somente, um recurso para evitar um hiato. Lê-se:

Os diminutivos são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais ou menos a significação(...). Os que diminuem mais acabam ou em inho, inha, quando os primitivos terminam em vogal, consoante, como filhinho (...); ou em zinho, zinha, quando os primitivos terminam em diphthongo, como homemzinho, (...). O z eufônico faz-se necessário na derivação d'estes diminutivos para evitar o hiato nascido do concurso de tres vogaes. (Barbosa, 1875, p. 83)

Para Barbosa, a consoante [z] em –zinho visa apenas a suprimir uma disfonia. Não é esse, entretanto, o tratamento dispensado por outros autores.

Moreno (1977) argumenta contra essa hipótese, apontando as seguintes restrições:

A) resistência ao uso com oxítonos terminados em consoante:

(7) mulher = mulher+inha= mulherinha (?)

B) resistência ao uso com proparoxítonas:

(8) xícara = xícara+inha= xicarainha (?)

C) não ocorrência com alguns vocábulos paroxítonos terminados em /i/:

(9) bule = bule+inho = buliinho (?)

D) uso condicionado em paroxítonos terminados em hiato e ditongo crescente:

(10) dia (ditongo crescente) = dia+inho = diinho (?)

(11) história (hiato) = historiazinha = historiazinha ~ historinha

⁵ Cf. Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa, 1875.

E) ausência de uso em paroxítonos atemáticos:

(12) açúcar = açúcar+inho=
açucarinho (?)

e, finalmente,

F) oxítonos terminados em /s/.

(13) parabéns = parabéns+inho = parabensinho (?)

Com relação ao item D, Moreno (1977) acrescenta que estas palavras passaram por um processo de acréscimo de –zinho e conseqüente supressão do z por mera convenção ortográfica.

Ainda em relação ao sufixo –zinho, Moreno (1977) descreve dois usos: um com paroxítonos terminados em ditongo decrescente; e outro com palavras que sofrem reduções em posição medial ou final (casos de síncope e apócope). O autor ressalta, ainda, que a manutenção do acento tônico, quando se associa a qualquer forma de supressão, parece ter forte relação com o processo de aglutinação. O sufixo –zinho não seria, de fato, um sufixo, mas um vocábulo independente que só ocorre na formação de diminutivos, possuindo acento próprio, o elemento que o antecede também conserva o acento e o timbre da vogal. Este comportamento atribui a –zinho características gramaticais semelhantes às do adjetivo e, por isso, as formações com –zinho podem ser classificadas como locuções (MORENO, 1977).

1.2.2 Derivação ou flexão?

Uma análise diferente é proposta por Câmara Jr. (1975) ao sustentar que tanto –zinho quanto –inho poderiam ocorrer nos casos tanto de composição quanto de derivação. Sufixos derivacionais não seguem um paradigma obrigatório para o léxico, mas os flexionais, sim. Dito de outra forma, a formação do diminutivo pode ser feita por meio de –inho ou –zinho, não constituindo, dessa maneira, um quadro regular. Isto pode ser observado nos exemplos de elaboração própria listados a seguir:

(a) comuns:

(14) *livrinho, rapazinho, entre outros;*

(b) nomes próprios:

(15) *Ritinha, Antoninho*

(c) forma verbal do gerúndio por causa de seu largo emprego na comunidade de fala familiar:

(16) *Néné está dormindinho.*

(d) a pronomes pessoais:

(17) *Elezinho está ali!*

(e) advérbios:

(18) *Cedinho ele veio me buscar.*

A partir dessas considerações, algumas questões emergem, carecendo de respostas: i) quais seriam as condições para se formar um diminutivo?; ii) qual o recurso mais usado pelos falantes para este fim?; iii) quais são os desvios de gramaticalidade que podem ser registradas nesta forma?

Para compreender melhor o fenômeno, Villalva (2010) aplicou um questionário escrito a, aproximadamente, 100 falantes nativos do Português Europeu, agrupados por: faixa etária (jovens e adultos), local de nascimento (distrito de Lisboa), grau de escolaridade (estudantes universitários). No teste foi pedido a

eles que formassem um diminutivo a partir de um nome, num contexto sintático neutro. Os resultados foram os seguintes:

- (a) 89% dos informantes usam sufixos –inho (a-o) ou –zinho (a-o);
- (b) 65% escolhem –zinho;
- (c) 69% das escolhas recaem sobre a família do –zinho: -zito; -zico, -zeco.

Investigando a correlação entre –zinho e –inho, Villalva (2010, p.790) sustenta que todas as classes temáticas aceitam a formação de diminutivos em –zinho e a preferência seria pela existência “[...] de um índice temático foneticamente identificável. Outro fator relevante é a constatação de que o tema em –e (garezinha (77,4%) e de tema Ø (como mulherzinha (89,2%))⁶ possuem características das classes de palavras atemáticas (mãozinha 92,2%) nas quais o uso do diminutivo é residual”.

Com o objetivo de buscar evidências a favor de sua proposta, Villalva (2010) elabora outro teste, os resultados são os seguintes:

- (i) palavras com bases maiores favoreceriam o uso de –zinho como em *electrocardiograma-zinho* (85,6%) e seu oponente *electrocardiograminha* (14,1%)⁷ curiosamente, o inverso encontra o seguinte ambiente para esta formação *chainho* (0%); *chazinho* 97,1%.
- (ii) As bases com duas sílabas, de tema –a ou –o teriam as formas do diminutivo em –inho (a): *perninha*, *ventinho*.
- (iii) Outro resultado relatado diz respeito às bases femininas formadas em tema –o e masculinas em tema –a: o índice temático da base é substituído pelo índice temático não marcado de cada gênero: *pijaminha* (78,3%) e *libidinho* (10,4%).

⁶Exemplos e porcentagens extraídos de Villalva (2010).

Os resultados desta análise podem ser assim resumidos: pedir a um falante para formar diminutivo é o mesmo que pedir para usar o sufixo –inho ou –zinho e esta instrução tem 98% de conclusão; a estrutura dos diminutivos formados se confirma com o descrito anteriormente.

Portanto, como se viu, o diminutivo exhibe uma forma de comportamento linguístico que irá depender da morfologia do item e de processos fonológicos.

1.3 Estudos morfofonológicos

A questão que se coloca em relação ao estatuto sintático do sufixo de diminutivo é: o sufixo é um núcleo ou uma adjunção? A discussão que segue acerca das respectivas propriedades contribui para uma melhor compreensão do fenômeno em análise.

Back e Matos (1972) argumentam que o morfema de grau desempenha a função de adjunto; as evidências apresentadas são a natureza facultativa e a mobilidade. Comparem-se:

(19) andaste (-s)

(20) mesa (-inha)

A ausência ou presença do –s em (19) muda a flexão verbal: de 2.^a pessoa singular para 2.^a pessoa plural, já em (20) isso não acontece, não é significativo o uso ou não do sufixo diminutivo, ou seja, a presença/ausência do diminutivo não está condicionada a fatores sintáticos. As flexões que são consideradas como sufixos obrigatórios, pois sua ausência compromete a compreensão da palavra.

⁷ Exemplos extraídos de Villalva (2010).

Em contraposição tem-se o adjunto, que possui natureza facultativa. Sua presença não é condicionada por fatores sintáticos porque não possui a mesma mobilidade sintática de seu equivalente 'pequeno' e, além disso, sua presença não altera a categoria sintática do item ao qual se associa: nomes se mantêm como nomes e advérbios como advérbios, como em *fita/fitinha; cedo/cedinho* (SIMÕES, 2005).

De acordo com Costa (1993), os sufixos *-inho* e *-zinho* são duas formas alternantes de sufixo diminutivo; a tendência de ampliação do uso de *-zinho* é pequena, sinalizando que *-inho* é a forma básica à qual, por um processo morfofonológico, /z/ é inserida quando o sufixo se junta a bases terminadas em vogal tônica, ditongo ou consoante. Para Cagliari (2002), o processo morfofonológico de inserção de *-zinho* pode estar relacionado a fenômenos prosódicos, como o acento.

Essa temática sobre a formação do diminutivo no PB também é discutida por Lee (1999) que divide este processo em dois eixos: i) diminutivo em *-inho*, que é acrescido aos radicais com vogais temáticas *-a*, *-e*, *-o* em classes morfológicas, apresentando número e gênero; ii) diminutivo em *-zinho*, acrescido aos radicais sem vogais temáticas. A partir desse ponto, o autor propõe uma nova abordagem apresentando a seguinte hipótese:

[...] a formação do diminutivo no PB não pode ser tratada apenas no domínio da derivação/composição e da flexão nos processos de formação de palavras sem haver uma articulação com o modelo da Fonologia Lexical Prosódica (FLP) nos moldes de Inkelas (1993[1989]).

Os quadros dispostos a seguir retratam, de forma resumida, condições de ocorrências dos sufixos *-inho* e *-zinho*, de acordo com o modelo de análise proposto por Lee.

Quadro 1 Características dos processos de formação produtiva de –inho e –zinho conforme Lee (1999)

<i>-inho</i>	Não ocorre no nível α^8	
	Não pode ser sufixo derivacional	
	Domínio prosódico ⁹ : um acento: <i>sapatínho</i> ¹⁰	
<i>-zinho</i>	Apresenta semelhanças em relação aos compostos pós-lexicais ¹¹ , mas não pode ocorrer no nível pós-lexical	i. há plural entre constituintes
		ii. concordância entre radical derivacional e sufixo
	Domínio prosódico: mais de um acento lexical: <i>càfezínho</i>	
<p>Formação produtiva no PB → depois do nível α → antes do nível pós-lexical</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Possivelmente nível β^{12}</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Hipótese: local onde ocorrem as flexões verbais regulares como -mos que ocorrem no processo de formação produtiva</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Regra de acento aplica-se aos sufixos de nível β: sufixos são entradas lexicais</p>		

⁸ Nível derivacional que funciona como domínio de aplicação de regras fonológicas. (Cf. Lee 1995).

⁹ Na linha proposta por Nespor & Vogel (1986), a hierarquia prosódica constitui-se de sete domínios: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. A proposta desta teoria é que os processos fonológicos estão inseridos num domínio prosódico, não ocorrendo, apenas, em fatores segmentais.

¹⁰ Todos os exemplos dos quadros em questão foram retirados de Lee (1999).

¹¹ Os compostos pós-lexicais são formados no componente pós-lexical, sendo, sintaticamente, transparentes, pois permitem a flexão, a derivação e a concordância. Tais compostos resultam da atuação da regra de formação de palavras não-morfológicas, no modelo descrito por Di Sciullo & Williams (1987).

¹² Nível flexional que funciona como domínio de aplicação de regras morfológicas. (Cf. Lee 1995).

Quadro 2 Diferenças entre –zinho e compostos lexicais

<i>-zinho</i>	Deslocamento de acento	<i>café zinho</i> > <i>càfezinho</i>
	Sofre regra para satisfazer o Princípio de Preservação de Estrutura	<i>cafes_zinhos</i> > <i>cafe_zinhos</i>
<i>Compostos pós-lexicais</i>	Não permite deslocamento de acento	<i>amór-próprio</i> <i>àmor-próprio</i>
	Não se sujeita ao Princípio de Preservação de Estrutura	<i>pa[s] sólida</i>

(Elaboração própria)

Ainda segundo Lee (1999), algumas diferenciações precisam ser feitas acerca de *-inho* e *-zinho*:

a) *-inho*: não se aplicam regras de alomorfia¹³, não se submete à regra de neutralização vocálica, não define gênero, por isso não pode ocorrer no nível da derivação¹⁴. Como pode ser visto no exemplo a seguir:

(21) b[É]lo - > b[e]leza

caf[É] - > caf[e]teira

(22) p[Ó] - > p[o]eira d[Ó]lar

- > d[o]larização¹⁵

¹³ De acordo com Crystal (2000), do ponto de vista morfológico, o termo alomorfe é composto pelo prefixo /alo/, que significa variação e pela raiz /morfe/, que significa forma. Assim, o termo alomorfia pode ser definido como um fenômeno de variação na forma e invariância no conteúdo, ou seja, numa mesma situação, um mesmo morfema realiza-se, foneticamente, de formas variadas.

¹⁴ Cf. Quadro 1.

¹⁵ Exemplos extraídos de Lee, 1999, p.2.

b) *-zinho*: possui deslocamento do acento, está sujeito ao Princípio da Preservação da Estrutura,¹⁶ assim sendo, não pode ser classificado no nível da composição.¹⁷

Após analisar as condições do domínio morfológico e do prosódico aplicadas ao diminutivo, Lee (1999) conclui que a realização do diminutivo no PB não se enquadra no nível da derivação, da flexão ou da composição e afirma que ela deve ser considerada como “[...] estatuto independente na gramática” e “[...] essa formação acontece no nível β [...]”.¹⁸

Sobre as propriedades morfológicas, não há quaisquer alterações em relação aos aspectos lexicais e o gênero das bases lexicais que sustentam os sufixos *-inho* e *-zinho*. Segundo Lee (1999), isso pode ser comprovado a partir dos exemplos extraídos dos dados:

(23) ... *aí passô uns tempim fiquei isperano ela na
por da sala...(FJIP09)*
tempo > tempim

¹⁶ Conforme Kiparsky (1985), este é um dos quatro princípios básicos que norteiam a Fonologia Lexical. Nele, prevê-se que somente os segmentos contrastivos da representação subjacente (fonemas) de cada língua podem ocorrer durante as operações lexicais, de modo que o Princípio da Preservação da Estrutura determina os tipos de regras fonológicas que podem se aplicar no léxico.

¹⁷ Composição é o processo que forma palavras compostas a partir da junção de dois ou mais radicais. Existem dois tipos: a) composição por justaposição: quando se junta duas ou mais palavras ou radicais, não havendo possibilidade de ocorrer alteração fonética, exs.: passatempo, quinta-feira; b) composição por aglutinação: quando se liga dois ou mais vocábulos ou radicais, ocorrendo a supressão de um ou mais de seus elementos fonéticos, exs.: embora (em boa hora), planalto (plano alto). Neste processo, ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.(CUNHA & CINTRA, 2013).

¹⁸ Cf. quadro 1.

(24) ... só quêê é meu padrim...(FAIP19)
padrinho > padrim

(25) ...cê vai sozim? (MIIP37)
sozinho > sozim

Lee (1999) discute, ainda, a questão de os diminutivos parecerem alomorfes com a preferência por *-inho* em palavras que terminam por vogal e com acento paroxítono, conforme se vê nos exemplos:

-inho (a):

(26) *pedaço > pedacinho (FJIP07)*

(27) *esticada > esticadinha (FJIP08)*

-zinho (a):

(28) *assento > assentozinho (FIIP34)*

(29) *boa > boazinha (FJIP10)*

Entretanto, quando se trata dos não verbos no PB, tanto *-inho*, responsável pela distribuição do diminutivo, quanto *-zinho*, maior formador dos não verbos, sem distinções, podem formar diminutivos por não estarem em distribuição complementar, podendo, ainda, serem alomorfes de um mesmo morfema:

(30) *namoradinho (FIIP34) > namoradozinho*

(31) *duintinha (FAIP19) > doentzinha*

Lee (1999) ressalta que, quando ocorre a vocalização de /l/ (a), além da presença de uma vogal epentética (b), em palavras já flexionadas na categoria do plural, o diminutivo –zinho é o preferido, conforme se vê nos exemplos seguintes:

(32) *igual* > *igualzinho* / *iguais* > *iguaizinhos* (FJIP09)

(33) *rapaz* > *rapazinho* / *rapazes* > *rapaizinhos* (FIIP35)

Além das formas diminutivas elencadas anteriormente, o autor registra a variação que ocorre entre estes sufixos na fala informal (34, 35, 36) e a formação de diminutivos quando se trata de vocábulo composto (37, 38), observe-se:

(34) *lampadazinha* ~ *lampadinha*

(35) *facilzinho* ~ *facinho*

(36) *xicarazinha* ~ *xicrinha*.

(37) *água de colônia* > *aguinha de colônia*

(38) *recém-casado* > *recém-casadinho*¹⁹

Além das propriedades características abordadas anteriormente, Lee (1999)

¹⁹ Exemplos retirados de Lee (1999).

registra, também, o sufixo diminutivo pode aparecer em uma palavra na forma de redobro, contrariamente ao que ocorre com os sufixos flexionais:

(39) *cadeira* > *cadeirinha* > *cadeirinhazinha*

(40) *tempo* > *tempinho* > *tempinhozinho*

De forma resumida, as discussões anteriores culminam nos seguintes postulados:

- os diminutivos *-inho* e *-zinho* não são alomorfes, por não se encontrarem em distribuição complementar;
- *-zinho* é mais produtivo na formação de diminutivo;
- os diminutivos *-inho* e *-zinho* possuem propriedades diferentes dos sufixos flexionais e derivacionais;
- o choque de acento favorece a formação produtiva (cf. LEE, 2002);
- *-inho* e *-zinho* apresentam propriedades fonológicas e morfológicas diferentes.

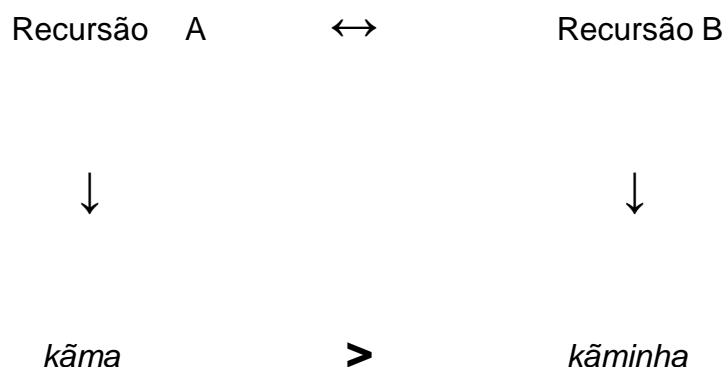
Por causa, justamente de as propriedades morfofonológicas dos diminutivos serem diferentes, Lee (2013) retoma tais discussões acerca do polêmico assunto no PB.

Segundo ele, uma explicação mais contundente estaria ligada à abordagem da Teoria da Otimalidade (OT²⁰) Transderivacional (Benua, 1995) em que

²⁰ A Teoria Otimalidade postula que “ [...] restrições de fidelidade militam contra discrepâncias entre representações subjacente e de superfície, fazendo com que eventuais disparidades *input-output* sejam devidamente explicadas” (GONÇALVES, 2007).

morfologia e fonologia teriam alguma relação de identidade, assim sendo, “A presença de vogal nasalizada e a preservação de qualidade vocálica abriram uma possibilidade de explicar a formação de diminutivos do PB” (LEE, 2013). Isso ocorreria porque a palavra derivada estaria condicionada à forma da base.

O exemplo, apresentado por Lee (2013), mostra como ocorre a preservação da vogal nasalizada na formação do diminutivo no PB:



Na recursão de A, escolheu-se *kãma* como ótimo; já na recursão B, a restrição de fidelidade OO sobre a restrição de marcação faz com que surja a vogal nasalizada na posição pretônica e isso faz com que a otimalidade recaia sobre este vocábulo.

A restrição ao uso completo dessa teoria fica por conta da não correspondência entre a palavra base e a palavra com diminutivos. Retome-se o exemplo que foi utilizado anteriormente:

(41) *rap[ai]s* > *rap[ai]zinho*

(42) *rapazes* > *rap[ai]zinhos* (FIIP35)

em que a vogal epentética ocorre na base e na forma diminutiva quando há a presença de oxítone terminada por /s/, como em (41) e, como em (42), ocorre somente com a presença da vogal epentética, na forma plural, apenas na forma diminutiva.

Lee (2013) diz que uma solução interessante apresentada para este problema advém da teoria de Bachrach & Wagner (2007) na qual o diminutivo *-inho* é adjunção do n, enquanto *-zinho* é adjunção do #; assim, eliminaria a hipótese de que os diminutivos do PB são anexados ao radical.

Dessa forma, propriedades fonológicas envolvem os diminutivos e são consequência da interface Sintaxe-Fonologia em que se aplicam regras fonológicas dentro da sintaxe. Para finalizar, Lee (2013) afirma que, com relação à forma *-zinho*, pode-se pressupor, como característica desta forma, o fato de apresentar “deslocamento de acento pelo choque de acento” (LEE, 2013).

É sabido que independentemente de escolher *-inho* ou *-zinho* para formação do diminutivo no PB, fatores fonológicos estarão agindo, pois há a necessidade de se ajustar a forma fonológica aos padrões da língua. Parametrizar distribuição e comportamento do diminutivo não é algo tão fácil de resolver, isto pode ser notado em relação ao diminutivo *-zinho* que, segundo Lee (1999), não há uma explicação adequada para o fato de algumas palavras admitirem, na fala cotidiana, duas formações para a realização do diminutivo, promovendo, assim, a variação das formas.

Retomem-se os exemplos do autor:

(43) lâmpada ~ lampadinha ~ lampadazinha

(44) fácil ~ facinho ~ facilzinho

Bachrach & Wagner (2007), estudando o caso dos diminutivos no PB, propõem que o diminutivo, em sua maioria, apresenta propriedade morfológica geral de um adjunto, ao passo que os outros sufixos não. Esta análise²¹ apresenta algumas evidências a saber:

- (i) evidência de estrutura sintática: sufixos derivacionais são núcleos, pois são eles que determinam a categoria de derivação, como em

²¹ Proposta baseada na perspectiva da morfologia distribuída (Halle & Marantz, 1993).

(45) e também a classe infleccional e sexo como em (46):

(45)	- N	'friend'	- Adj	'small'
	- Adj	'friendly'	- N	'smallness'
	- N	'friend' (dim)	- Adj	'smallish'
	- N	'friend'(dim)	- Adj	'smallish' ²²

(46) - poet-a (fem. masc.)

- poet-a - poet-~iñ-a - 'small poet' (fem. or masc.)

- poet-a - poet-a z~iñ-o - 'small poet' (masc)

- poet-a - poet-a z~iñ-a - 'small poet' (fem.)

Um fator interessante apontado pelos autores é considerar que diminutivo é adjunto, pois não muda a categoria gramatical. Outra evidência em favor da adjunção é a seleção dos alomorfes por dependerem de núcleos maiores. As diferenças apontadas pelos autores entre -inho e -zinho são: a flexão no primeiro é determinada pela base (" poet-a/ poet-~iñ-a fem. ou masc.); no segundo concorda em gênero, mas não necessariamente flexiona a classe.

²² Exemplos extraído dos autores.

- (ii) Evidência de diferenças fonológicas: diminutivo em –inho possui apenas um acento separado:

(47) câm-a - câm-ĩĩ-a - '(small) bed'²³.

Em –zinho, tem-se duas bases que são submetidas a ciclos separados de acentos:

(48) c̃ am-a - c̃ am-a z̃ĩĩ-a - '(small) bed"

(49) bOl-a - bOl-a z̃ĩĩ-a - '(small) ball

- (iii) Evidência contra Correspondência Output-Output (COO)²⁴: este princípio só se aplica aos casos em que duas formas compartilham o mesmo núcleo, como é o caso dos diminutivos. A escolha da forma diminutiva –zinho ou –inho é reivindicada pelo COO. Por exemplo, no caso de 'flor', -zinho ("florinha" X "florzinhas") é escolhido em detrimento de -inho para preservar a base final da palavra. Se -r- não for preservado, a partir da base plural *flo [r] es*, COO não consegue captar a natureza da generalização fonológica.

Turunen (2009) defende que mesmo o sufixo tendo as propriedades elencadas por Lee (2013, [1999]) o sufixo –zinho pode apresentar variações fonológicas de caráter regional como em *pinho* que apresenta uma ditongação. Contudo, estas diferenças podem se manifestar nos planos fonético-fonológico e/ou morfológico, não no plano semântico-pragmático no qual não haveria diferença de sentido.

²³ Exemplo dos autores.

²⁴ Segundo Gonçalves (2005), a dimensão O-O (*Output-Output*) consegue diferenciar processos morfológicos não-concatenativos de processos fonológicos. Nas operações não-aglutinativas, diferenças entre as representações profunda e superficial acontecem numa dimensão O-O (*Output-Output*), de forma geral, e nas dimensões específicas de cada processo.

Conforme já foi visto, nas seções anteriores, os sufixos formadores de diminutivos -inho e -zinho, frequentes no PB, têm uma distribuição previsível: -inho ocorrendo em palavras terminadas por vogal átona (“*jarro/jarrinho*”); e -zinho ocorrendo em vocábulos nos quais o acento tônico recai sobre a última sílaba (“*sofá/sofazinho*”). Algumas palavras primitivas, terminadas em vogal átona, apresentam-se como exceção à distribuição relatada anteriormente por admitirem mais de uma forma no diminutivo (“*pobre/pobrezinho*”); talvez *pobrinho*; no entanto, os terminados em vogal tônica não permitem as duas possibilidades.

Além das formas relatadas anteriormente, é possível registrar outras ocorrências para estes sufixos que são as formas reduzidas: para -inho, -im e para -zinho, -zim, de acordo com o que foi descrito no Capítulo 1. Segundo a literatura, este fenômeno pode ser caracterizado, de forma geral, como redução fonológica e envolve vários processos, mas um tipo pode ser considerado interessante para este trabalho: a redução silábica:

(50) *ele era bonzinho demais > ele era bãozim demais (FJIP09)*

(51) *os dois menininhos novos > os doi mininim novu. (FAIP19)*

Como se pode observar, em ambas as sentenças há queda de sílaba, o primeiro exemplo retrata o processo fonológico em que os segmentos da sílaba final são dessemelhantes /-zinho+de/, mas ainda assim houve a redução; no segundo exemplo, pode-se aplicar a mesma regra, porém há uma questão que a difere da anterior: os segmentos finais possuem semelhanças /-inho+no/, a nasalização do segmento final da primeira palavra liga-se ao segmento seguinte.(ALKMIN & GOMES 1982). Assim sendo, resta saber, no caso dos sufixos diminutivos, que outros contextos fonológicos favoreceriam a aplicação da redução silábica.

Como o PB pode ter sofrido influência das línguas indígenas, outro estudo acerca do diminutivo refere-se à língua Tupi-Guarani, no dialeto Mbyá. Em se tratando de

língua indígena, é importante registrar aqui os apontamentos feitos por Dooley (2013)²⁵ sobre os diminutivos nesta tipologia linguística, segundo ele, há algumas condições em que o diminutivo se realiza no léxico guarani, dialeto *Mbyá*.²⁶

Entretanto, antes, far-se-á uma breve explicação acerca das ligações históricas entre Proto-Tupi-Guarani, que é a gênese, e todas as línguas tupi-guarani atuais. Dos dialetos descritos anteriormente, o mais moderno é o dialeto da língua guarani, conhecido como *avañeém*, sua influência é exercida entre Argentina, Bolívia e Brasil, na fronteira com o Paraguai. No Brasil, há três subdialetos do guarani: *kaiwá*, *nhandéva* e *Mbyá*.

Rodrigues (1951a, p.50) afirma que existem alguns universais que caracterizam as línguas tupi-guarani, tais como; a) foneticamente, são línguas equilibradas por causa da harmonia existente entre vogais e consoantes; b) morfologicamente, a estrutura interna é complexa, mas coerente; c) sintaticamente, também complexa, com relativa liberdade de expressão; d) derivacionalmente e/ou composicionalmente, há grande facilidade de expressão.

Em guarani *Mbyá*, a noção de grau é descrita por Dooley (2013) como produtiva a partir do sufixo *-i* que, anexado à base, tem a função de indicar o diminutivo.

(52) *Roberto tuja'i* Roberto velhinho²⁷

Um fato interessante é que neste dialeto existe o processo de nasalização progressiva que sonoriza a sílaba seguinte, por esse motivo o sufixo indicador de diminutivo, apesar de se configurar com apenas o *-i*, em tese, deve ser pronunciado nasalizado como em Português *-im*. No verbo *anhotỹ'i* 'plantei um pouco' o sufixo *-i* 'diminutivo' é nasalizado progressivamente por estar após a vogal nasal *ỹ*. O efeito progressivo da nasalização retira a obrigatoriedade do

²⁵ Segundo este autor, o manual em questão servirá de base para alunos guarani do ensino médio e outras pessoas interessadas em conhecer ou pesquisar o dialeto *mbyá* da língua guarani tal como ele é, atualmente, falado no Brasil.

²⁶ A inserção deste dialeto tem apenas o intuito de apresentar, resumidamente, a realização do diminutivo neste dialeto.

²⁷ Todos os exemplos aqui foram extraídos de Dooley (2013).

sufixo *-i* ser marcado com o til. Ainda em conformidade com Dooley (2013), há a predominância da derivação regressiva, quando ocorre a nasalização de consoantes ou vogais precedentes, isto leva a crer que o fenômeno progressivo com o diminutivo é exceção.

Em linhas gerais, no guarani Mbyá, o diminutivo ocorre nas seguintes condições:

- a) quando um advérbio de grau modifica a predicação ou outro advérbio;
- b) na composição nome + adjetivo: tipo considerado como extremamente produtivo:
 - (53) *tuguai-pe'i* ‘esquilo’, de *tuguai* ‘rabo’ + *pe* ‘achatado’ + *-i* ‘diminutivo’
 - (54) *avaxi-ju-hatã'i* ‘uma variedade de milho amarelo’, de *avaxi* ‘milho’ + *ju* ‘amarelo’ + *atã* ‘duro’ + *-i* ‘diminutivo’; *ju* ‘amarelo’ e *atã'i* ‘durinho’
 - (55) *boi-yma'i* ‘urutuzinho’, de *mboi* ‘cobra’ + *yma* ‘antigo’ + *-i* ‘diminutivo’.

Conforme foi visto, no dialeto Mbyá, o diminutivo se realiza a partir do acréscimo do sufixo *-i* à palavra que o recebe e o mais interessante é a nasalização deste segmento que ocorre por causa do fenômeno da progressão. Isso tem semelhança com a redução do diminutivo *-inho* para *-im* que ocorre no PB. Compare-se:

Madurim [madurĩ] PB ↔ *avaxi-ju-hatã'i* Mbyá

A inserção desta referência interlinguística corrobora o fato de que a realização do diminutivo ainda não tem estatutos bem definidos que consigam abarcar a gama de ocorrências nas quais ele está inserido. Como foi relatado anteriormente, a língua Mbyá apresenta semelhanças com o PB no que se refere à preferência pelo falante com relação à base formadora deste sufixo.

Outro estudo sobre o estatuto do diminutivo no PB é o de Armelin (2014), assim como outros autores, Armelin (2014) também confirma o fato de o diminutivo ser muito produtivo com uma grande variedade de categorias: substantivos (“bolinha”), adjetivos (“bonitinho”), advérbios (“longinho”), gerúndios (“correndinho”), participípios (“conferidinho”) e, até mesmo, formas verbais (“gosteizinho”)²⁸.

Sua proposta é a de que –inho e –zinho têm estatutos sintáticos distintos: -zinho é composicional e –inho é não composicional.

De acordo com a autora, diminutivo não-composicional tem a capacidade de determinar as propriedades formais da estrutura de uma palavra: de [- animado] para [+ animado], veja-se:

(56) a almofada [- animado] → o almofadinha [+ animado]

Vale lembrar que exemplo anterior é considerado ambíguo, pois ora é composicional (“a almofadinha = almofada pequena”), ora não-composicional, como o exemplo em (44). Diminutivo não-composicional também pode alterar a categoria da base:

(57) quente (adjetivo) → quentinha (substantivo – comida)

Armelin (2014) afirma que, quando a consoante epentética –z- é exigida, -zinho pode desencadear interpretação não-composicional e, nestes casos, -inho não encontra ambiente de realização. Observe-se:

(58) caju → *cajuinho / cajuzinho

Composicional: caju pequeno

Não-composicional: doce de caju

²⁸ Todos os exemplos citados na resenha sobre Armelin (2014) foram extraídos da própria autora.

Em suma, o sufixo -inho tem status de núcleo, requerendo uma relação local com a raiz. Os casos de -zinho, em que -z é consoante epentética, também têm o mesmo estatuto. Já o sufixo -zinho tem interpretação composicional. Armelin (2014) apresenta, ainda, alguns domínios de interpretação não-composicional:

- (i) diminutivos não-composicionais podem mudar as características formais da base lexical;
- (ii) as formas não-composicionais tendem a se correlacionar mais com os substantivos por terem o estatuto de categorização no núcleo;
- (iii) a relação estabelecida entre a raiz e a não-composicionalidade pode ser uma questão de localidade;
- (iv) a vogal temática é colocada em adjunção ao categorizador.

Por esse motivo, a delimitação do domínio da interpretação não-composicional deve ser estabelecida sintaticamente, além disso, o diminutivo não-composicional foi analisado como uma categoria nominal nuclear que se relaciona com a raiz.

1.4 Estudos sobre a interpretação semântica

O sufixo -inho, conforme relatam os estudos tradicionais, encerra ideia de diminuição: menino/menininho. Mas a ideia de diminuição não é a única. Outros efeitos de sentido são obtidos ao se acrescentar esse sufixo a um item lexical. Vejam-se os pares a seguir:²⁹

(a) fino/ fininho

(59) Este livro é fino/fininho.

(b) querido/ queridinho

(60) Ele é o querido/queridinho da mamãe.

²⁹ O diminutivo pode, também, ter valor pejorativo, conforme se vê em Rocha Lima (1983) livro/livreco Ex.: Não sei como você continua a ler este livro/livreco!

- (c) mineiro/ mineirinho
(61) O mineiro/mineirinho chegou em São Paulo ontem.
- (d) bonito/bonitinho
(62) Pedro é um bebê tão bonito/bonitinho!
- (e) cego/ceguinho
(63) O cego/ceguinho conseguiu atravessar a avenida!
- (f) arrumado/arrumadinho
(64) O quarto dela ficou tão arrumado/arrumadinho!
- (g) branco/branquinho
(65) O jaleco da Míriam está branco/branquinho.
- (h) santo/ santinho
(66) Ele se comporta como um santo/santinho do pau oco.
- (i) bobo/bobinho
(67) Nossa! Como você é bobo/bobinho!
- (j) vaca/vaquinha, porco/porquinho
(68) A vaquinha caiu no atoleiro.³⁰

Em (a) indica referência; em (b), relação e em (c) origem, conforme afirma Coutinho (1972). Em (d) afetividade, (e) piedade; (f) perfeição; (g) superlatividade; (h) ironia; (i) desprezo, (j) fases da vida, conforme Luft (1991).

Veja-se que a tipologia arrolada em (a-k) pode ser melhor descrita, pois o sentido de superlatividade está presente em (f) e (g). Também o sentido pejorativo está presente não só em (k) como também em (h) e (c). Além disso, e enumeração descontextualizada dos itens não evidencia com clareza o sentido. Certamente os onze tipos acima poderiam ser reduzidos a três: dimensão, intensidade e pejoratividade, conforme Simões (2005) ou, certamente, a dois: dimensão e afetividade (positiva ou negativa)³¹.

³⁰ Exemplos de elaboração própria.

³¹ O sentido pejorativo também aparece no francês através do uso de um termo que equivale a 'livrinho'.

Alguns adjetivos diminutivos com sufixo *-inho* mudam de significado, adquirindo o valor de intensificação. Por isso, pode-se dizer que há uma transição de adjetivos diminutivos para intensificadores de qualidade resultando, assim, num recurso de superlativação.

Villalva (2010, p.788), sobre estudos do diminutivos no Português Europeu, afirma que analisar a questão do diminutivo apenas sob o foco “[...] avaliativo, pode ser questionável [...]”, pois não há uma forma ordenada na emissão de juízos de valor uma vez que o diminutivo tende a desempenhar uma “função estritamente retórica” como em (62). Observe-se os exemplos extraídos da autora:

- (69) *Esta **casinha** (=casa pequena) não serve para uma família numerosa)*
- (70) *Depois de uma longa viagem adoro voltar à minha **casinha** (=querida casa)*
- (71) *E não gostaria de ir ver esta **casinha** (=que eu quero mesmo vender-lhe?)*

Viaro (2011) sustenta³² que o impasse entre a distinção flexão/ derivação não pode ser resolvido em termos de produtividade. Uma vez que os sufixos flexionais são caracterizados como os mais produtivos, como, então, justificar a alta produtividade de *-inho*, sufixo incluído no grupo dos derivacionais? A resposta pode estar condicionada ao fator critério de avaliação. Assim, a solução extrapolaria os valores semânticos, ou seja, ocorreria a presença de outros valores; *-inho* pode significar bom e pequeno, separadamente e no sentido descritivo pequeno/bom, ao mesmo tempo. O autor chama de significados aglutinadores ao fato de duas acepções conviverem numa mesma palavra.

Os afixos *-inho* e *-zinho*, segundo análises de Mendes e Guimarães (2011), possuem comportamentos diferentes no que diz respeito à aplicação dos mesmos: *-zinho* parece ser mais idiossincrático o que tornaria sua análise mais complexa.

³² Tese de Livre Docência (2011), FFLCH/USP.

Conforme foi visto em Turunen (2008) e Lee (2013, [1999]), a formação de –zinho se realiza em palavras com sílabas pesadas ou aquelas que possuem mais sílabas. No entanto, Mendes e Guimarães (2011) afirmam que esta categorização ainda precisa ser refinada, pois as bases oxítonas só aceitam –zinho, já as bases não oxítonas como *livro*³³ podem formar o diminutivo em *livrinho* ou *livrozinho*. Resumidamente, os autores têm a seguinte proposta para -inho e –zinho:

i) *-inho* → *morfema canônico* → *ocupa posição dentro da base*

ii) *-zinho* → *forma dependente (Cf. Câmara Jr. 1970)* → *adjetivo enclítico*

Uma vez que a produtividade dos afixos depende das condições de produção dos mesmos, a hipótese defendida por Mendes e Guimarães (2011) é a *Hipótese Infixativa (HI)* na qual aliam-se raiz e VF (vogal final) numa combinação de uma base complexa, para eles seria a interpretação mais econômica no sentido acomodar os casos mais recorrentes do diminutivo, mesmo porque as ocorrências podem variar nos diversos dialetos e/ou idioletos do PB, entretanto, os autores não especificam em quais deles isto acontece.

1.5 Diminutivos e a abordagem variacionista

Sob a perspectiva variacionista, não encontramos muitos trabalhos que discutem o fenômeno do diminutivo no Português Brasileiro.

Emílio (2003)³⁴ toma ocorrências com os sufixos –inho e –zinho como variantes sociolinguísticas. Sua amostra compõe-se de 12 entrevistas do banco de dados do Projeto VARSUL, sendo que 6 são de Curitiba e 6 de Florianópolis. Enunciados do tipo (72) e (73) compõem o corpus, tendo sido submetidos à análise quantitativa, usando-se o programa GoldVarb 2001.

33 Exemplo dos autores.

34 Exemplos extraídos de Emílio (2003)

(72) (...) *já que eu gostava de ler e que lesse alguns **livrinhos** , né?*
(SC Flp 1 L 167/181)

(73) (...) *É tinha uma **praiazinha**, uma praiazinha pequena , NE?* (SC
Flp 18 L 536/540)

Os fatores condicionadores testados foram: i) morfossintáticos: função sintática, classe gramatical, tipo de determinante; ii) semântico-pragmático e estilístico: contexto temático (infância, trabalho, família, cidade/bairro, política, lazer e outros), avaliação do matiz (positivo, negativo, neutro), remissão temporal (presente, passado), componentes do diminutivo (expressivo, dimensivo + expressivo, dimensivo), menção no contexto temático (primeira, retomada), referência contextual ligada ao falante ou a outro participante ligado a ele e iii) sociais: sexo, escolaridade e região.

Feita a análise, verifica-se também que o sufixo -inho aparece com sentido expressivo mais frequentemente que seu concorrente. Se expressa ideia positiva em relação a algo, seu peso relativo é .92; se é negativa .50 (Cf. exemplos 74 e 75); ou se é neutra .23. A autora conclui que a escolha de *-inho* ou *-zinho* é realizada, na maioria das vezes, para expressar apreciação em relação a algo. Observe-se os exemplos seguintes para as dimensões positiva e neutra, respectivamente³⁵:

(74) *Nós temos uma capital que realmente não deixa de ser uma grande capital, mas não tem aquele pique de cidade grande ainda. ...Pra morar eu gostaria de ficar na minha **cidadezinha** de berço.”* (SC Flp 02 L 150/155)

(75) *E sirvo com macarrão ou salada. Faço uma **saladinha** de tomate.* (SC Flp 20 L 1393)

³⁵ Exemplo extraído de Emílio (2003).

Quanto ao fator escolaridade, o informante com maior escolaridade tende a fazer o maior uso do diminutivo –inho .72. Segundo a autora, uma consciência maior dos recursos expressivos da língua estaria presente neste grupo, o que explicaria esse resultado.

Em relação ao sexo, homens e mulheres apresentam os percentuais 44% e 56%, respectivamente. Emílio conjectura que talvez os homens estejam mais voltados para os aspectos subjetivos da língua.

Emílio (2003) propõe que a noção laboviana de variação estilística, associada basicamente a graus de formalidade e registros, precisa ser alargada de modo a contemplar, detalhadamente, a identificação e a intenção do falante, assim como sua acomodação ao ouvinte. Desse modo a expressividade linguística, manifestada no momento da interação, poderia ser melhor descrita.

Outro estudo foi realizado por Bisol (2010, p.72). A autora afirma que há um predomínio do sufixo –inho nas formas nominais porque, nestes casos, há a motivação da epêntese. Dessa forma, a autora aponta como o primeiro caso a flexão de gênero que é mantida tanto na forma da base lexical como no morfema diminutivo. A autora defende a ideia de que o diminutivo –inho, por ser o mais produtivo no PB, necessita da consoante epentética /z/ apenas para satisfazer exigências estruturais, como *onset*, preservando os traços fonológicos e posições básicas estruturais. Atente-se para os exemplos:³⁶

(76) borboletinha ~ borboletazinha/patinho ~ patozinho/garotinha
~ garotazinha

Por outro lado, há exceções que são registradas por Bisol (2010): a dessemelhança entre a disparidade entre VT [vogal temática] e gênero da forma de base e do diminutivo em que se insere a consoante /z/ a fim de preservar a vogal da base, fazendo com que as vogais tanto da base e a do diminutivo mantenham o gênero da palavra.

³⁶ Exemplos extraídos de Bisol (2010, p.72).

Os exemplos de ocorrência deste caso são formas nominais de gênero masculino com VT /a/ (“o aroma/o aromazinho”); com formas nominais do gênero feminino com VT /o/ (“a contralto/ a contraltozinha”), além das formas nominais que fazem parte da categoria comum de dois (“o/a pianista/o pianistazinho/a pianistazinha”)³⁷ (BISOL, 2010, p.72).

Há, ainda, casos de disparidade que pertencem às formas nominais com a presença da vogal temática /e/, sem nenhuma relação com o gênero (*verdinho/verdezinho, paredinha/paredezinha, correntinha/correntezinha*)³⁸ levando a autora a concluir que “a variação em nominais temáticos está comprometida com o gênero gramatical.” (BISOL, 2010, p.73).

Outro caso descrito por Bisol (2010) refere-se ao Princípio do Contorno Obrigatório (doravante OCP)³⁹ em que tal princípio é ativado havendo a inserção do segmento consonantal /z/ para contornar a adjacência de segmentos com as mesmas propriedades fônicas (*vinho* → *vinhozinho* ≠ **vinhinho*; *pinho* → *pinhozinho* ≠ **pinhinho*; *linho* → *linhozinho* ≠ **linhinho*).⁴⁰

Já nos casos das formas nominais terminadas em hiato, no que se refere aos diminutivos, Bisol (2010) afirma que ainda é um problema que a teoria precisa desvendar, pois “a parte final da base prosódica não oferece, como nos demais nominais temáticos, uma consoante para *onset*.” (BISOL, 2010, p.73). Por isso, tem-se de um lado “via apagamento de VT [vogal temática], (ka.no.a > ka.no.í.n?a), o hiato da base é desfeito e o de DIM [diminutivo] permanece.” (BISOL, 2010, p.73); e de outro, “via epêntese” ka.no.a > ka.no.a.zi.n?a, o hiato da base é preservado para resolver o de DIM.” (BISOL, 2010, p.73).

³⁷ Processo de desgramaticalização.

³⁸ Exemplo: Bisol (2010).

³⁹ O Princípio de Contorno Obrigatório (PCO) proposto, inicialmente, por Leben (1973) é uma hipótese fonológica na qual certos traços idênticos e consecutivos são rejeitados nas representações superficiais, ou seja, o PCO proíbe sequências adjacentes de unidades idênticas nas representações fonológicas. Então, se dois segmentos idênticos ocorrem em sequência, este princípio faz com que ocorra a redução para um único segmento, mantendo-se a unidade temporal dos dois segmentos.

⁴⁰ Exemplos extraídos de Bisol (2010, p.73).

O último caso citado por Bisol, em se tratando da variação nos diminutivos, relaciona-se ao seguinte fato: “a base que contém minimamente duas sílabas exibe pé binário de cabeça à esquerda.” (BISOL, 2010, p.74). Assim sendo, quando o acento principal se propaga até o acento secundário, a sílaba imediatamente anterior é deslocada para não ocorrer uma sobreposição acentual com retração de acento. Como em toda regra há exceção, aqui não seria diferente: nas proparoxítonas há o “[...] pé binário de cabeça à esquerda [...]” a fim de preservar o diminutivo: *(lâm.pa.da) → (lâm.pa.da.)(zí.nha) ~ (lâm.pa.)(dí.nha)*, *(cá.te.dra) → (cà.te.dra.)(zí.nha) ~ (cà.te.)(drí.nha)*, *(cór.re.go) → (còr.re.go.)(zí.nho) ~ (còr.re.)(guí.nho)*. (BISOL, 2010, p.74)

Resumindo as discussões sobre o diminutivo elencadas por Bisol (2010), tem-se que:

- a) a forma canônica do diminutivo no PB é –inho;
- b) existe a variação das formas nominais temáticas;
- c) em alguns casos, é necessário o controle de fatores redundância de gênero, hiato duplicado, acento marcado e OCP vão motivar ou expurgar a consoante epentética;
- d) o diminutivo exige onset, preservando os elementos da base;
- e) o output também é relevante para a estruturação do diminutivo como palavra fonológica.

Bisol (2010) também discute o fenômeno do diminutivo no PF, acerca do comportamento do diminutivo e deixa claro que, no que se refere às formas –inho, –zinho, não há consenso, se de um lado há semelhanças semântica e fonética, por outro, na área morfológica, a inserção de uma consoante de ligação, ou não, depende do contexto para a ocorrência, ou seja, definir em quais contextos ocorrem, exatamente, -inho e/ou –zinho ainda é um problema a ser pesquisado.

Em busca de soluções para esta indagação, pesquisou-se, na tese de doutoramento de Oliveira (2012), uma pista que pudesse esclarecer quais seriam

os ambientes propícios para as reduções de –inho para –im e –zinho para –zim.

Oliveira (2012)⁴¹ afirma que não resta dúvidas de que pode ocorrer o apagamento da sílaba com o diminutivo. A dificuldade fica por conta da semelhança entre a consoante nasal palatal com a vogal –e. Por esse motivo, na análise feita, o autor não fez distinção entre a forma plena e o apagamento da vogal e/ou sílaba.

De acordo com suas análises, não houve nenhuma variável independente⁴² que tivesse um comportamento significativo. Isso pode ter relação com a quantidade dos dados analisados. Os resultados encontrados apontam o fato de o apagamento poder estar vinculado à altura da vogal se a mesma vier seguida por uma pausa ou por uma consoante; nas 34 ocorrências analisadas, houve apagamento em 100% dos casos quando o diminutivo é do gênero masculino, termina por [ʊ] e vem seguido de uma pausa; no entanto, as sílabas foram mantidas quando terminam por [ə]. Esta hipótese pode ter alguma relação com os dados que serão apresentados em breve; conforme pode ser visto nos exemplos a seguir, será averiguado se os fatores externos, como faixa etária e sexo, serão ou não serão expressivos:

⁴¹ Tese de doutorado 'Comendo o final das palavras': análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG

⁴² Gênero, faixa etária, vogal da sílaba de CV, contexto seguinte, acento da sílaba seguinte e fronteira de constituintes prosódicos. (Cf. Oliveira, 2012, p.244-245).

(77) ... *áí ela invento munta mintira ela compro um bolo bunitim.* (FJIP09)

(78) ... *foi piciso deu resovê fazê um paiozim.* (MAIP29)

(79) ...*mai né... gen fai um muncadim.* (MIIP40)

No que se refere ao contexto seguinte ser preenchido por uma consoante, Oliveira (2012) constatou em seu trabalho que houve apagamento de 83,3% dos casos.

Dos 83 dados analisados relativos ao diminutivo em Mariana, 11 referem-se à redução; destes, 6 ocorrem no final como em (80) e 5 casos ocorrem no meio de frase (81) conforme exemplos seguintes:

(80) *Que tá tudo certim.* (FISM115)

(81) *Morava pertim di nós.* (FIIM107)

Observe-se em (80) que, apesar de a sílaba final do diminutivo e a sílaba inicial da palavra seguinte não apresentarem contextos fonéticos semelhantes, a redução pode acontecer porque /t/ e /d/, mesmo sendo segmentos diferentes, fazem com que as consoantes de ataque possuam o mesmo vozeamento.

Em síntese, segundo Oliveira (2012), o apagamento em diminutivos é mais recorrente que em outros casos: a forma plena -inho apresenta 21,8% (31) das ocorrências enquanto a forma reduzida -im perfaz um total de 78,2% (111) de um total de 142 casos.

Outra questão explicitada diz respeito à velocidade da fala como fator decisivo para o apagamento da sílaba final, mesmo não conseguindo explicar todos os casos que foram estudados. O autor também defende a hipótese, corroborando as ideias de Bisol (2001), de que a variável peso da sílaba anterior constitui-se em

mais um ponto que poderia ajudar a explicar a complexidade de ocorrências do diminutivo no PB: caso a sílaba anterior seja pesada, há maior probabilidade de apagamento da sílaba final. Entretanto, caso a sílaba anterior seja leve, a sílaba seria mantida ou a vogal apagada.

É interessante observar que independentemente do peso da sílaba anterior ou da sílaba pertencente à palavra seguinte, o acento recai sempre no segmento reduzido. Observe-se os quadros que seguem⁴³:

⁴³ Exemplos retirados do *corpus* em análise.

Quadro 3 Distribuição do acento nas formas diminutivas –inho e -im

-INHO			
Perto	Pertinho	Pertim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Direito	Direitinho	Direitim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Paulo	Paulinho	Paulim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Rancho	Ranchinho	Ranchim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Serviço	Servicinho	Servicim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Pouco	Pouquinho	Poquim	paroxítona-paroxítona-oxítona

(Elaboração própria)

Quadro 4 Distribuição do acento nas formas diminutivas –zinho e -zim

-ZINHO			
Curral	Curralzinho	curralzim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Lugar	Lugarzinho	lugarzim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Menor	menorzinho	menorzim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Rapaz	Rapazinho	Rapazim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Só	Sozinho	Sozim	paroxítona-paroxítona-oxítona
Tempo	Tempinho	tempuzim	paroxítona-paroxítona-oxítona

(Elaboração própria)

Pode-se verificar que, após a inserção dos sufixos –inho e –zinho na palavra primitiva, o acento primário migra para a penúltima sílaba do sufixo e, somente depois de a palavra sofrer a redução, o acento será colocado na sílaba na qual estiver a redução.

Sendo essa forma de acento significativa e regular nas reduções dos sufixos, conclui-se que esta é mais uma situação que merece atenção para delimitar os ambientes nos quais os diminutivos podem ocorrer.

Especificamente sobre os diminutivos, Oliveira (2012) afirma que decidiu não aprofundar as análises em palavras contendo as formas reduzidas pelo fato de ser difícil distinguir o processo de redução como apagamento da vogal ou da sílaba. Ainda assim, conforme o autor:

[...] identifica-se com clareza o apagamento da vogal (por meio de espectrogramas), mas a identificação do apagamento da consoante é dificultada pela semelhança da consoante nasal palatal com a vogal nasalizada [ɪ] [...] (OLIVEIRA, 2012, p.246)

Apesar disso, o autor analisa alguns dados de diminutivos que foram registrados em sua pesquisa, considerando a forma plena e a redução. O que ele pode constatar foi que das variáveis independentes, nenhuma delas foi realmente significativa no que se refere à estatística das ocorrências. Isto pode ter sido ocasionado pelo número de dados e pela sua distribuição. De acordo com o autor, em todas as 34⁴⁴ ocorrências de diminutivo, com [ʊ] (masculino), o apagamento da vogal pode estar associado à altura da vogal, quando seguida de pausa e de consoante; já a manutenção da vogal, num total de 4 ocorrências, há relação com a presença da vogal [ə].

Quando o contexto seguinte é uma consoante, há o apagamento de 83,3% dos casos e quando no contexto do diminutivo há uma vogal, o apagamento é de 100% de apagamento se seguidos de vogal. Resumindo: há evidências de que o apagamento nos diminutivos ocorra em proporções maiores que nos outros casos, principalmente na coocorrência dos segmentos [ɲʊ] que na do morfema.

⁴⁴Cf. Oliveira, 2012, p. 248: número total de ocorrências.

O trabalho de Oliveira (2012) mostra-se bastante instigante no que se refere às conclusões, especialmente, no tratamento dado ao diminutivo, nas suas formas plena ou reduzida. O autor constatou que, no dialeto mineiro, a redução com o diminutivo masculino é categórico⁴⁵ e que a altura da vogal pode ter decisão neste processo. Outro ponto a se verificar no presente trabalho é se realmente as variáveis independentes não terão nenhuma, ou quase nenhuma, interferência na produção final de tais segmentos, uma vez que o número de ocorrências a serem analisadas nesta pesquisa são maiores que as que foram analisadas.

Freitas e Barbosa (2013) analisaram o diminutivo, na perspectiva variacionista, são duas as hipóteses aventadas pelas autoras i) o diminutivo –inho seria o único morfema e o segmento –z ocorreria apenas para satisfazer as condições de boa formação da estrutura da palavra, preservar o acento além de evitar o hiato. Em relação a esta hipótese, é de se esperar que haja interação dos fatores sociais tais como gênero, faixa etária dialeto regional incidindo nesta questão. ii) na outra hipótese existiriam, realmente, duas formas distintas –inho e –zinho em estas formas diminutivas ocorreriam apenas por razões estruturais sem interferência de fatores sociais. As análises foram quantificadas por intermédio da variância multifatorial (ANOVA Multi Way) com significância 0,05. Os resultados apontaram para o descarte da primeira hipótese e confirmação da segunda em que –inho apresentou um número maior de ocorrência entre mulheres do dialeto fluminense, da faixa etária 18 a 20 anos; entre os homens, a forma –inho ocorreu entre informantes com idades entre 24 e 26 anos. Outro dado que chama a atenção é a ocorrência da variante –inhozinho entre mulheres cariocas na faixa etária de 21 a 23 anos, assim, depreende-se que a situação de uso determina a alternância entre as formas diminutivas.

⁴⁵ Cf. Oliveira, 2012, p.248: essa afirmação se baseia nos dados analisados pelo autor.

1.6 Conclusões

O diminutivo é uma categoria da qual muito se fala na tradição gramatical e linguística, entretanto, a descrição e definição desta categoria são dificultadas por uma variedade de fatores derivados dos processos de formação de palavras e isto pode ser percebido por intermédio das análises feitas nos tópicos precedentes, neste trabalho.

A grande polêmica dos estudos aqui discutidos é se –inho e –zinho são um ou dois morfemas. A proposta de Armelin (2014) avança em relação às demais e será retomada oportunamente por tratar de -zinho e –inho por meio de estatutos sintáticos distintos.

Outra questão posta pela literatura é que –zinho e –inho possuem vários sentidos e quais deles seriam mais recorrentes: (a) o semântico que sinaliza redução das dimensões ex.: *carro/carrinho* e, para muitos autores, é o significado central; (b) funções subjetivas e interacionais ex.: *bonitinho*.

Como se vê, as análises não abordam a relação tipos de sufixo e região geográfica na qual o falante está inserido. Outra questão: há ainda um aspecto não tratado na literatura: o fato de –im ser um estereótipo do dialeto caipira. Amadeu Amaral (1920) em seu livro. *O dialeto caipira* fala sobre “simpatia psicológica” ex.: “*parô um bocadinho*”, no levantamento dos falares na região de São Paulo (Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos). Há registro de –im, quando enumera expressões locais como no vocábulo *cochimpim*⁴⁶, que não parece ser um diminutivo.

O único trabalho variacionista que discute as ocorrências de –zinho e –zim,-inho e –im como variantes é Oliveira (2012). Mas seu interesse é o processo fonológico

⁴⁶ “Aparelho composto de um pau que gira horizontalmente sobre o topo de outro espetado no chão, e em cujas extremidades se sentam meninos, fazendo-o rodar com os pés.

de queda de segmento vocálico final e queda de sílaba final nos diversos tipos de itens lexicais. Os diminutivos aparecem como um dos casos. Seus resultados são muito importantes porque permitem uma comparação entre diminutivos e não diminutivos.

Para realizar uma investigação que contemple as lacunas apontadas, este trabalho pretende dar um tratamento sociolinguístico às formas diminutivas –inho e –zinho. Duas hipóteses vão ser testadas nesta pesquisa: há estratificação geográfica e estratificação etária na distribuição das variantes.

No próximo capítulo, serão apresentados os pressupostos teórico-metodológicos que darão suporte à discussão do tema bem como a apresentação dos parâmetros da análise quantitativa sob os quais as análises estarão sujeitas.

CAPÍTULO 2

ESTEREÓTIPO E ESTIGMA LINGUÍSTICOS

2.1 Introdução

Formas fonologicamente reduzidas de diminutivo são recorrentes em sites da *Internet* que visam satirizar os falantes do estado de Minas Gerais. São numerosas as piadas e anedotas, assim como glossários e dicionários informais. Duas questões podem ser formuladas diante dessa preferência por usar diminutivos como estereótipo dessa região brasileira: (i) para os próprios mineiros, a forma reduzida de diminutivo seria estigmatizada? (ii) essa forma seria tão frequente a ponto de identificar o dialeto mineiro?

Para buscar uma resposta à primeira questão, inicialmente, será feita uma análise de uma amostra formada de 40 piadas recolhidas em sites, de modo a mostrar o percentual de diminutivos na forma reduzida. Em seguida, conceituar-se-á estigma linguístico, tomando como ponto de partida a noção de estereótipo. Na terceira seção, serão apresentados os resultados de testes cujo propósito foi verificar como os próprios mineiros avaliam a forma reduzida. Em relação à questão (ii), será feita uma análise variacionista, no próximo capítulo.

2.2 Piadas

Num breve levantamento de textos de 40 piadas sobre mineiros, foi possível compor uma amostra de 4844 palavras. Foram encontradas 119 ocorrências e diminutivos, 26 delas na forma reduzida. Nas entrevistas orais, a frequência lexical de diminutivos é de 0,13% do número total de palavras da amostra (119 em 280.000 palavras, ver capítulo 4) e nas piadas o percentual é 2,45%. A comparação mostra que nas piadas o percentual é quase dez vezes maior. Esses resultados indicam ser este um estereótipo dialetal.

Ao comparar o número de formas de diminutivo reduzidas e plenas na amostra de piadas, chegou-se ao percentual de 21,84%. Tendo em vista que os textos analisados são de modalidade escrita, esse percentual pode ser considerado muito alto, pois textos escritos geralmente não registram formas reduzidas de diminutivo. Isso reforça ser esse traço um estereótipo. Diante disso, cabe perguntar: para os mineiros, seria um estereótipo positivo ou negativo?

Para buscar uma resposta, a conceituação de estereótipo será dada na próxima seção. Antes, porém, observe-se, a seguir, uma das piadas encontradas. O objetivo é mostrar o formato desse tipo de texto e documentar os contextos em que as formas reduzidas de diminutivo ocorrem.

Tudo ispricadim, direitim...⁴⁷

Mineirim no leito de morte decidiu ter uma conversa definitiva com a sua companheira de toda a vida sobre a fidelidade:

- Muié, pode falá sem medo... já vô morrê mess e prifiro sabê tudim direitim... Ocê alguma veiz traiu eu?

- Ô Zé, num fala dessas coisa que eu tenho vergonha...

- Pode falá muié....

⁴⁷ <http://giacono.wordpress.com/category/piadas-de-mineiro/> Acesso em: 24/abril/2013.

- *Quero não...*
- *Fala muié, disimbucha...*
- *Mió dexá pra lá, Zé.*
- *Vai, conta...*
- *Queto Zé, morre em paz...*

Observam-se, nesse texto, vários processos fonológicos reconhecidos como marcas da fala caipira. A queda de sílaba final e a queda de vogal final são uma dessas marcas e a ocorrência desse último processo em diminutivos aparece já no título da piada. Uma piada, para capturar a identidade regional, tal como em (82), exige que a naturalidade do falante seja considerada, pois a relação identitária exclui a relação de diferença e pode produzir uma multiplicidade de sentidos (PENNA, 1992a: p. 56).

A identidade de um povo é cultural e imaginária e representada não refletindo a realidade tal como ela é, o conjunto de ideias formadas por indivíduos determinariam a cultura de uma sociedade e, no caso da piada, o humor dependeria apenas da questão cultural (POSSENTI, 2010: p.146).

Quando se fala em identidade, deve-se ter em mente como os indivíduos organizam o mundo em que vivem, ou seja, a apreensão cultural e social definem, basicamente, a forma de pensar de determinada sociedade.

2.3 Estereótipo

O termo estereótipo é derivado do grego *stereós* = sólido + *týpos* = molde, marca, sinal. A partir de 1920, o escritor e colunista político estadunidense Walter Lippmann, em sua publicação *Public opinion* veiculou uma ideia desprestigiada das minorias valendo-se desta palavra, a partir daí, atribuíram um conceito considerado de cunho negativo todas as vezes em que havia referência a algo que fugia aos padrões estipulados pela sociedade.

Para Lippmann (1922), há que se considerar duas noções ambivalentes: uma psicológica e outra política em que descreve o estereótipo como uma forma de nomear a ordem em meio ao caos nas sociedades modernas. Observe-se o excerto que segue:

[...] notamos um traço que marca um tipo conhecido e enchemos o resto do quadro com os estereótipos que trazemos na cabeça.[Assim] as mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las.(LIPPMANN, 1922, p.156)

Tal definição o coloca em consonância com padrões de tipificação e representação existentes no processo cognitivo por intermédio do qual se estruturam e se interpretam experiências, cenas e objetos complexos e distintos.

Pelo fato de as representações seletivas, parciais, ultra-simplificadas e instrumentais do ser humano constituírem-se como parte do processamento mental dos estímulos, admite-se, na área da psicologia social, além das áreas ciência política, da história e dos estudos midiáticos, que o estereótipo é necessário na sociedade, isto faz com que seus adeptos sejam, de certa forma, eximidos de responsabilidade desta prática. Esta tese faz com que não haja nenhuma maneira de combater a visão estereotipada.

A visão anterior delineada por Lippmann parece corroborar para uma sociedade focada no que se poderia chamar de padrões rígidos de comportamento e conduta sociais. Entretanto, o mesmo autor propõe uma outra visão acerca do estereótipo: a de que este termo estaria ligado a uma ideia política, ou seja, seriam construções simbólicas oblíquas em relação ao racional e, principalmente, resistente à toda mudança social.

Depois da inserção do termo estereótipo por Lippmann no âmbito das ciências, Hewstone e Giles (1997) fazem um estudo dos estereótipos sociais e descobrem que não há um consenso sobre a natureza como eles se manifestam na

sociedade: se por um lado há atitudes preconceituosas, por outro, eles podem conter uma verdade. Jameson (1998) também define estereótipo como “o lugar de um superávit ilícito de significado” no qual a individualidade de um ser passa a ser alegorizado, estabelecendo limites simbólicos entre o aceitável e o inaceitável

É importante lembrar que o indivíduo organiza o mundo que o cerca de forma a obter o máximo de informação com o mínimo de cognição. Nesse momento, vale a pena lembrar o que afirmou Lippmann sobre o registro das informações do mundo: há uma tendência de se construir um conceito acerca das coisas a partir: a) do ponto de vista do outro e b) daquilo que se é capaz de imaginar e isso tem como resultado um afastamento da observação real do contexto.

Assim, o papel dos estereótipos seria uma forma de o indivíduo se preocupar com a manutenção de seus interesses:

Os sistemas de estereótipos podem ser considerados como o núcleo de nossa tradição pessoal, as defesas de nossa posição na sociedade. (...) Nesse mundo, as pessoas e as coisas têm os seus lugares bem conhecidos e fazem certas coisas esperadas. Sentimo-nos em casa, encaixamo-nos e somos membros.
(LIPPMANN, 1922, p.63)⁴⁸

Uma vez que Lippman (1922) preconiza um estudo tão importante, então, as pessoas garantiriam as respectivas posições na sociedade em prol de assegurarem seus valores. Tal fato não significa que a visão da realidade seria real, apenas uma maneira de processar alguma informação.

De modo geral, nas Ciências Humanas, o estereótipo é considerado como um mediador cognitivo, levando-se em conta que o foco refere-se, apenas, à realidade social, ou seja, o julgamento de uma estereotipia é construído a partir de representações que cada indivíduo possui da realidade social (BODENHAUSEN & MACRAE (1998); MACRAE & BODENHAUSEN, 2000)).

⁴⁸ Cf. original: “The systems of stereotypes may be the core of our personal tradition, the defenses of our position in society. (...) In that world people and things have their well-known places, and do certain expected things. We feel at home there. We fit in. We are members.

Já nas Ciências da Linguagem, isto não seria diferente: a estereotipia cria linhas imaginárias que atuam de maneira a separar uma comunidade linguística das outras. Sobre esse aspecto, Krüger (2004) reafirma que estereótipos sociais, compreendidos como crenças de um indivíduo, instalam-se na cognição e comportamento de forma que as informações finais resultem numa situação em que o suposto conhecimento acerca de um determinado indivíduo ou grupo específico torne-se enviesado.

Outras considerações importantes acerca do estereótipo são discutidas por McGarthy, Yzerbyt e Spears (2002) e por Brown e Turner (2002). Os primeiros autores afirmam que, primeiramente, é necessário entender como e por que visões estereotipizadas são compartilhadas, pois eles partem do pressuposto de que, para existir uma sociedade, é preciso ter grupos que dividam valores e crenças. Isto acontece pelo fato de agrupamentos humanos compartilharem representações culturais e ideológicas e, obviamente, a língua, com suas variáveis e variantes, não ficaria isenta destas análises. O excerto que segue corrobora esta afirmação:

Sem indivíduos, não poderia haver sociedade, a menos que os indivíduos se percebessem como pertencentes a grupos, ou seja, para compartilhar características, circunstâncias, valores e crenças com outras pessoas, então, a sociedade estaria sem estrutura ou ordem. A essas percepções de grupos dá-se o nome de estereótipos. (MCGARTHY, YZERBYT E SPEARS, 2002, p.1)⁴⁹

Os segundos autores, Brown e Turner (2002, p.68), distinguem três contextos nos quais o estereótipo pode ser formado na reflexão de: i) uma observação direta de um determinado grupo; ii) expectativas de como um grupo deveria se comportar; iii) combinações tanto dos dados fornecidos pela observação quanto de expectativas sobre o conhecimento que se tem relativo a determinado grupo.

⁴⁹ Cf. original: "Without individuals there could be no society, but unless individuals also perceive themselves to belong to groups, that is, to share characteristics, circumstances, values and beliefs with other people, then society would be without structure or order. These perceptions of groups are called stereotypes."

Assim sendo, todas as percepções com relação a um fato ou grupo social estão intimamente ligadas à categorização que pode, às vezes, refletir a realidade, ou, por outro lado, compreender as razões pelas quais os indivíduos são como são.

2.4 Estigma

O termo estigma, de acordo com Goffman (1988, p.11), teve sua origem na Grécia e foi uma forma utilizada para evidenciar algum tipo de depreciação de quem os apresentava, desta forma, pode-se perceber que a questão envolvida neste caso é a de uma construção social e, por isso, equivale a dizer que estigma “[...], é uma linguagem de relações e não de atributos (...). Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Observe-se, ainda, que o estigma exclui alguns atributos negativos, mantendo outros, entretanto, apenas aqueles que estão em relação imprópria com o estereótipo; neste momento, entende-se que se instaura uma linguagem de relações.

O termo estigma possui duplo espectro. O estigmatizado desacreditável que se refere a uma potencialidade interna e a outra o desacreditado, que conforme definição histórica a partir de concepções gregas, o indivíduo traz a marca estampada em si. Por causa disso, três são as classificações principais dentro das duas condições citadas: a primeira refere-se às deformidades físicas, a segunda, às de caráter. Tanto uma quanto outra não são objetos de estudo neste trabalho, já a terceira, que é a referente aos estigmas de religião, nação e raça já se configuram com o pertinentes, pois têm ligações com o viés social, podendo, no caso da nação e raça reforçarem o traço estigmatizado no indivíduo.

Enquanto a sociedade faz uma seleção, conforme Goffman (1988), para categorizar as pessoas, o conjunto de circunstâncias sociais determina em quais categorias os indivíduos de uma sociedade podem se inserir nelas.

O estigma linguístico pode ser compreendido como uma atitude social em que se marcam indivíduos e classes sociais pela maneira como se expressam evidenciando, pejorativamente, as diferenças linguísticas; isto pode ser confirmado por intermédio do seguinte excerto de Labov (2001, p.28):

[...] A força da avaliação social, positiva ou negativa, é, geralmente, exercida somente nos aspectos superficiais da linguagem: no léxico e na fonética. No entanto, o aspecto social não é afetado [...] não são os sons da língua que recebem o estigma ou prestígio [...]⁵⁰

Em língua, os conceitos “certo’ e ’ errado’ são utilizados pela sociedade para categorizar os indivíduos e classes sociais pela maneira de falar, revelando os preconceitos.

Conforme amplamente confirmado por estudos sociolinguísticos, as variedades linguísticas populares são tão gramaticais quanto as variedades consideradas cultas. O diferencial nestas variedades fica por conta do estabelecimento dos grupos sociais entre o que é aceitável e o que é rejeitado.

Associadas aos grupos de indivíduos do meio social menos prestigiado, variantes que configuram traços descontínuos (no espaço geográfico ou social), levam à identificação de determinados grupos sociais. É importante salientar, também, que traços estigmatizados por uma comunidade linguística ocorrem em menor frequência dentro desta comunidade por receberem avaliação negativa do grupo de maior influência da sociedade local.

⁵⁰ “[...] The force of social evaluation, positive or negative, is generally brought to bear only upon superficial aspects of language: the lexicon and phonetics. However, social affect is not in fact assigned [...]: it is not the sounds of language which receive stigma or prestige[...].”

2.5 Correlações dos estereótipos com comunidade de fala e comunidade de prática

Em que medida os termos discutidos anteriormente teriam ligação com fatos linguísticos? Uma resposta possível seria aquela que postulasse o cunho social da linguagem. Além disso, as análises sociolinguísticas contemporâneas têm revelado a estreita relação entre linguagem e sociedade partindo do pressuposto de que a linguagem possui o papel de dar significado ao mundo real. Trudgill (2000) cita dois aspectos reveladores: (i) a função da linguagem em estabelecer relações sociais e (ii) o papel desempenhado pela linguagem em transportar, em ser o veículo pelo qual as informações sobre os falantes são transmitidas. Estas informações sobre os falantes estão diretamente ligadas às diferenças dialetais por fazerem com que se tenha uma formação de um determinado grupo de fala.

Certamente, há informações linguísticas que chamam a atenção ao evidenciar diferenças dialetais que, frequentemente, são alvo de avaliações estereotipadas. A propósito do quanto se pode inferir por meio de uma despretensiosa conversação, Trudgill (2000) afirma que mais importante do que é dito é como se diz, pois:

Nosso sotaque e nossa fala, geralmente, mostram de onde viemos e que tipo de conhecimentos prévios que temos. Podemos até dar alguma indicação para algumas de nossas ideias e atitudes, e toda esta informação pode ser utilizada pelas pessoas a fim de formular uma opinião sobre nós. (TRUDGILL, 2000, p.2)⁵¹

A avaliação de inferioridade ou de superioridade conferida a algum aspecto linguístico pode ser atribuída aos valores sociais e não às características inerentes à linguagem.

⁵¹“ Our accent and our speech generally show where we come from, and what sort of background we have. We may even give some indication of certain of our ideas and attitudes, and all of this information can be used by the people we are speaking with to help them formulate an opinion about us.”

Um aspecto que diz respeito à sociolinguística é a maneira com que a linguagem

pode contribuir para o desenvolvimento e a manutenção dos estereótipos sociais; portanto, a análise produtiva de qualquer língua, no que diz respeito ao contexto social, não pode restringir-se apenas ao confronto quantitativo de formas linguísticas em relação a quaisquer estruturas sociais. Para se compreender a manutenção de um estereótipo, é necessário entender a relação que há entre o grupo estereotipizado e o grupo que seria chamado de “padrão”, ou seja, a relação intergrupala deve ser levada em conta além de um controle meramente quantitativo.

Em Hewstone e Giles (1997) tem-se a categorização dos estereótipos sob três pontos de vista: a) as pessoas são categorizadas com base em características identificáveis como sexo, etnia e estilo de fala; b) um agrupamento de habilidades e interesses que são atribuídos aos membros de uma determinada categoria estereotipada; dessa forma, cria-se a noção de que todo comportamento diferente do categorizado cria a diferença em relação a outros grupos; c) o conjunto de predicados é direcionado a cada membro do grupo. Ainda de acordo com Hewstone e Giles (1997) e Lima (1997), o fato de haver estereótipos com traços positivos sempre foi relegado a um plano secundário por serem menos controversos e, talvez, menos frequentes.

A tendência de os estereótipos negativos se sobreporem aos positivos justifica-se pelo fato de a sociedade legitimar formas de dominação e poder. A distinção negativo/positivo é interessante pois estaria ligado a certos usos da língua que revelariam determinados valores sociais (LIMA, 1997: p. 177).

É preciso lembrar que a sociedade apoia o estereótipo, há uma permissividade consensual. Ainda há que considerar o apoio social que os estereótipos recebem. Apesar de haver convivência entre os grupos, um estereótipo não se extingue simplesmente porque a leitura que se faz é a de que se exclui um membro que não corresponda à visão em foco.

2.6 Estereótipos e comunidade de fala

Dado o vínculo existente entre língua e comunidade de fala, é importante considerar que as “pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua” Labov (2008, p.21) e verificar como diferentes comunidades de fala se comportam em relação a formas estereotipadas .

Uma vez definido o que se entende por estereótipo em relação à linguagem, é necessário averiguar quais seriam as fronteiras que marcariam a separação entre uma comunidade de fala⁵² em relação à outra, ou seja, quais fatores estariam atuando para que os comportamentos linguísticos sejam diferentes. Tais fronteiras comportam dois níveis relevantes: um que é consciente em que falantes dividem atitudes e valores semelhantes em relação a uma determinada língua; e o outro nível: o inconsciente.

Para verificar se a avaliação social corresponde a uma estratificação social, são propostos testes (Labov,2001: p.193-197):

- a) *self report test*: neste caso, os falantes devem selecionar as variantes linguísticas que, teoricamente, estão mais próximas do uso diário. O que chama a atenção é que, neste caso, as pessoas declaram que fazem uso habitual de formas linguísticas próximas à norma padrão;
- b) *family background test*: neste teste, é avaliada a percepção do falante no que se refere à identificação de dialetos diferentes;
- c) *matched guise test*: nesta avaliação, são identificadas as atitudes inconscientes dos falantes em relação à língua. É neste teste que os falantes avaliam trechos de conversas de outros falantes e os classificam de acordo com questões subjetivas tais como confiabilidade, inteligência, caráter além de julgar a qual profissão, ou posição social pertence o indivíduo em análise, a partir de sua fala.

⁵² Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um conjunto de falantes que usam as mesmas formas; ela é melhor definida como um grupo de falantes que compartilham as mesmas normas no que diz respeito à linguagem. “A speech community cannot be conceived as a group of speakers who use all the same forms; it is best defined as a group of speakers who share the same norms in regard to language.” (Labov, 1972, p. 15)

Labov (2001, [1972]) reconhece que se deve levar em conta a dimensão social subjetiva para os estudos da variação, entretanto discute a validade dos testes de atitude à medida que os resultados apurados, a partir das respostas dos falantes entrevistados, podem ser incompatíveis com o uso real da variante pesquisada. Até porque, para ele, os testes podem ser considerados seguros somente quando analisam atitudes que caracterizam as variáveis com traços de marcadores ou de estereótipos.

Os indicadores estão no nível inconsciente e vinculados aos elementos linguísticos com pouca força avaliativa; outra característica é fato de poder haver diferenciação do uso social destes elementos à idade, à região ou ao grupo social, excetuando-se o estilo. Os marcadores podem ser detectados em testes subjetivos além de poderem se referir às estratificações sociais e estilísticas. Os estereótipos podem ser definidos como marcas sociais, sendo que uma boa parte deles tendem a receber valoração negativa por parte dos falantes. Outros há, entretanto, que podem receber avaliação positiva para uns e, para outros, ser uma forma estigmatizada.

Labov contrapõe os estereótipos, que para ele são traços marcados socialmente de forma consciente aos marcadores que são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados que apresentam respostas regulares em testes de reação subjetiva e, finalmente, aos indicadores que podem ser classificados como traços estratificados, com pouca força avaliativa e não sujeitos à variação estilística. Ressalte-se aqui que os dois últimos traços são definidos como o resultado de julgamentos sociais inconscientes.

Assim, os traços estão num processo contínuo de avaliação social e, de acordo com Labov, do mais marcado ao menos marcado socialmente teria esta ordem: estereótipo, com a marca mais forte; marcador, seria a classificação intermediária e o indicador que, nesta cadeia, possui menos avaliação negativa de acordo com o julgamento social. É importante lembrar aqui que avaliar as formas das variantes é um dos cinco pontos centrais na discussão quando se discute mudança linguística. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, [1968])

O intuito deste trabalho ao descrever estereótipo e estigma foi o de mostrar que há julgamentos que podem ser compartilhados social e culturalmente entre os indivíduos. O quadro seguinte resume as correlações apresentadas nesta seção de modo a explicitar o lugar do estigma nos julgamentos sociais.

Quadro 5 Correlações entre protótipo, estereótipo e estigma



(Elaboração a partir de Goffman (1978))

Essa síntese permite capturar uma correlação importante, aquela que se apresenta entre estereótipo e protótipo.

A psicolinguista Eleanor Rosch (1973) sustenta que as pessoas criam categorias para as coisas no mundo e, depois disso, atribuem o mesmo nome para coisas similares. Portanto, a cognição humana é o ponto de partida para qualquer processo de categorização, incluindo a linguística.

Kleiber (1990) propõe que o conceito de cada palavra deve ser compreendido como um processo psicológico chamado de protótipo. A significação de uma determinada palavra pode ser definida a partir de uma representação mental. E esta imagem mental envolve uma entidade abstrata que combina características

típicas relacionadas.

Como a noção de protótipo atua na variação? A noção de protótipo deve ser compreendida como um fenômeno que associa um objeto mental ou uma imagem cognitiva à palavra que se quer caracterizar. Essa discussão é importante na medida em que dá subsídios para que se compreenda a estereotipia. Em princípio, os dois fenômenos parecem ser distintos, mas não são, pois, para que haja alguma coisa ou situação que possa vir a ser classificada como “fora da regra”, há que se conceber antes um modelo para aquela categoria (KLEIBER, 1990, p.58).

2.7 Os testes

Um teste foi formulado com a intenção de identificar a atitude do falante em relação ao que ele pensa sobre o uso diminutivo na fala cotidiana. Trata-se de um teste de atitude aplicado a pessoas nascidas em Minas Gerais, de modo a verificar se o fenômeno em análise é um estereótipo positivo ou negativo para os próprios mineiros.

Para responder aos testes, foram selecionados 50 sujeitos, sendo dez pessoas de cada faixa etária assim discriminada: a) de 15 a 21 anos; b) de 22 a 35 anos; c) de 36 a 49 anos; d) de 50 a 69 anos; e) acima de 70 anos; com relação à escolaridade, optou-se por não fazer distinção. Foi utilizada a escala semântica de diferencial de OSGOOD, SUCI E TANNENBAUM (1957).

As localidades escolhidas foram: Conselheiro Lafaiete/MG, para a zona urbana, e está localizada na macrorregião central do estado, na microrregião também denominada Conselheiro Lafaiete, composta por 12 municípios que circundam a região. A cidade foi fundada por volta de 1683 por causa da presença da bandeira de Garcia Rodrigues. A cidade possui uma população estimada, de acordo com os dados de 2010, em 116.512⁵³ habitantes e uma área territorial de 371,3 Km²,

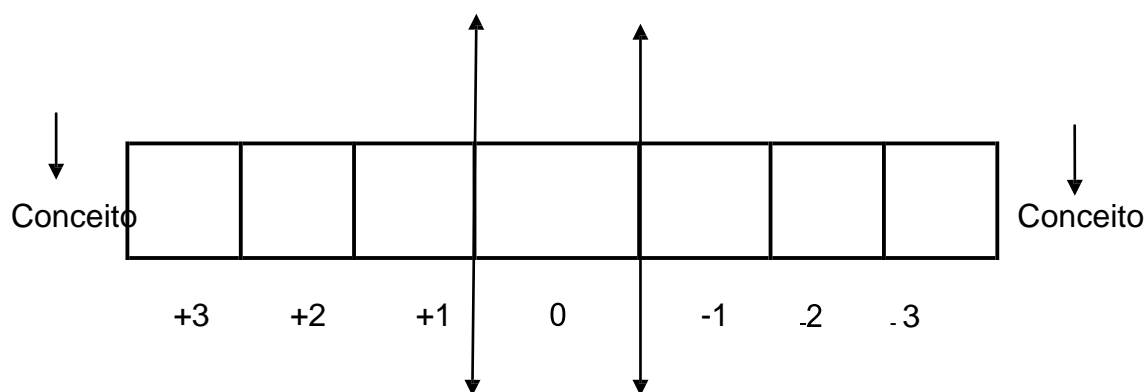
⁵³Dados extraídos do levantamento feito pelo IBGE, em 2010.

distância 95,3 Km de Belo Horizonte. Para a área rural, foi escolhido o distrito de

Padre Viegas pertencente à cidade de Mariana/MG; possui uma população, em 2010, de 2 002 habitantes⁵⁴, foi criado pelo decreto-lei estadual nº 148, de 17 de dezembro de 1938 com o nome de Mainart e, pela lei estadual nº 336, de 27 de dezembro de 1948, passou a ter a denominação atual.

2.7.1 A descrição do teste

Aplicou-se um questionário de 25 perguntas⁵⁵, sendo 10 informantes para cada faixa etária a saber: 15 a 21 anos; 22 a 35 anos; 36 a 49 anos; 50 a 69 anos mais de 70 anos, oriundos da zona urbana e/ou rural. Para cada questão, foram disponibilizados 7 intervalos ancorados e a marca representa a direção escolhida. Nas extremidades, à esquerda e à direita, as respostas são antagônicas. Para cada item, o informante pode marcar um dos intervalos em uma escala. Se ele considerar que a resposta é um dos extremos, pode registrar os polos +3 ou -3; o intervalo central representa o ponto neutro, ou seja, uma resposta com esta marca significa o equilíbrio.



⁵⁴ Dados extraídos do IBGE, de acordo com o censo de 2010.

⁵⁵ Ver anexo V.

As perguntas desse teste devem ser respondidas em uma escala de percepção. Será detalhado, abaixo, um subconjunto das perguntas, mais exatamente onze delas.

A) Perguntas do grupo I:

1. Mineiro nunca fala final de palavras:

Concordo plenamente __:__:__:__:__:__:__ Discordo plenamente

2. Mineiro, mais novo, usa muitos diminutivos na sua fala:

Concordo plenamente __:__:__:__:__:__:__ Discordo plenamente

3. Mineiro, mais velho, usa muitos diminutivos na sua fala:

Concordo plenamente __:__:__:__:__:__:__ Discordo plenamente

4. A palavra bunitim soa pior que bonitinho.

Concordo plenamente __:__:__:__:__:__:__ Discordo plenamente

5. Mineiro usa muito diminutivo em qualquer tipo de fala.

Concordo plenamente __:__:__:__:__:__:__ Discordo plenamente

Na tabela que segue, pode-se observar o resultado geral por faixa etária; é importante frisar que, nas extremidades da escala, tem-se, à esquerda a expressão “concordo plenamente” seguido pelos graus de percepções, depois, “discordo plenamente”. Os números descritos abaixo de cada ponto da escala referem-se à quantidade de pessoas que responderam aos questionamentos.

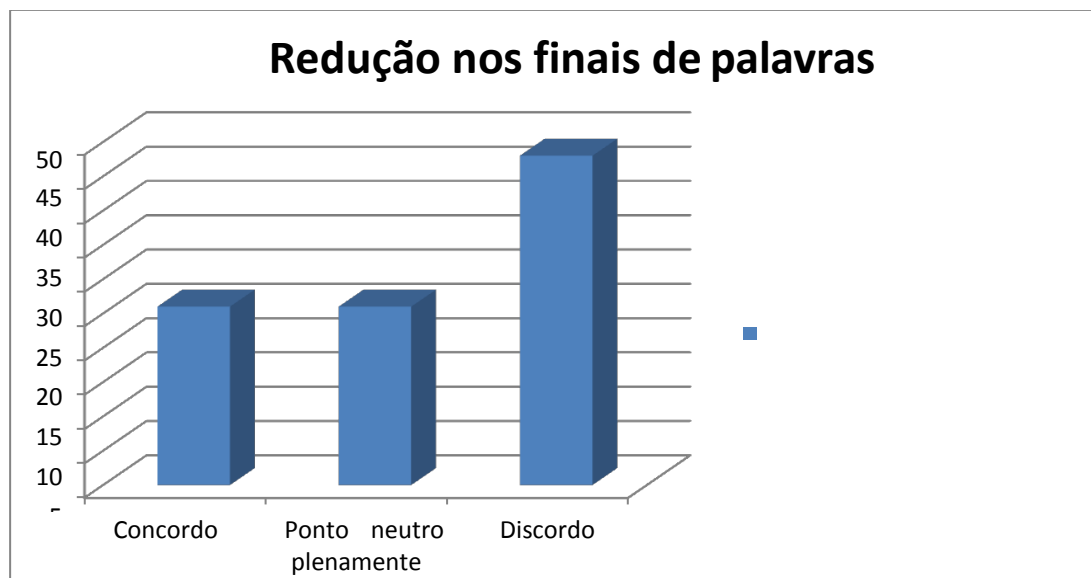
Tabela 1 Distribuição geral do teste de atitude com relação às perguntas do grupo I

Número da pergunta	Faixa etária 15-21 anos	Faixa etária 22-35 anos	Faixa etária 36-49 anos	Faixa etária 50-69 anos	Faixa etária
1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 3 2 5	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 2 2 6	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 2 5 3	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 3 3 1 5	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 3 2 5
2	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 3 7	____ : ____ : ____ : ____ : ____ _____	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 3 3 3	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 2 5 3	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 2 4 3
3	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 2 1 5 1 1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 4 2 3 1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 3 2 4 1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 6 2 2	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 5 3 2
4	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 5 2 2	____ : ____ : ____ : ____ : ____ _____	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 2 3 2 2 1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 3 2 2 1 1 1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 1 3 1 2 2
5	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 4 1 3 1	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 2 1 4 3	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 3 2 2 2	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 2 2 2 3	____ : ____ : ____ : ____ : ____ 1 2 1 4 2

A partir dos resultados da tabela, tem-se a elaboração dos seguintes gráficos:

i) Pergunta 1 do grupo I: “Mineiro nunca fala final de palavras”

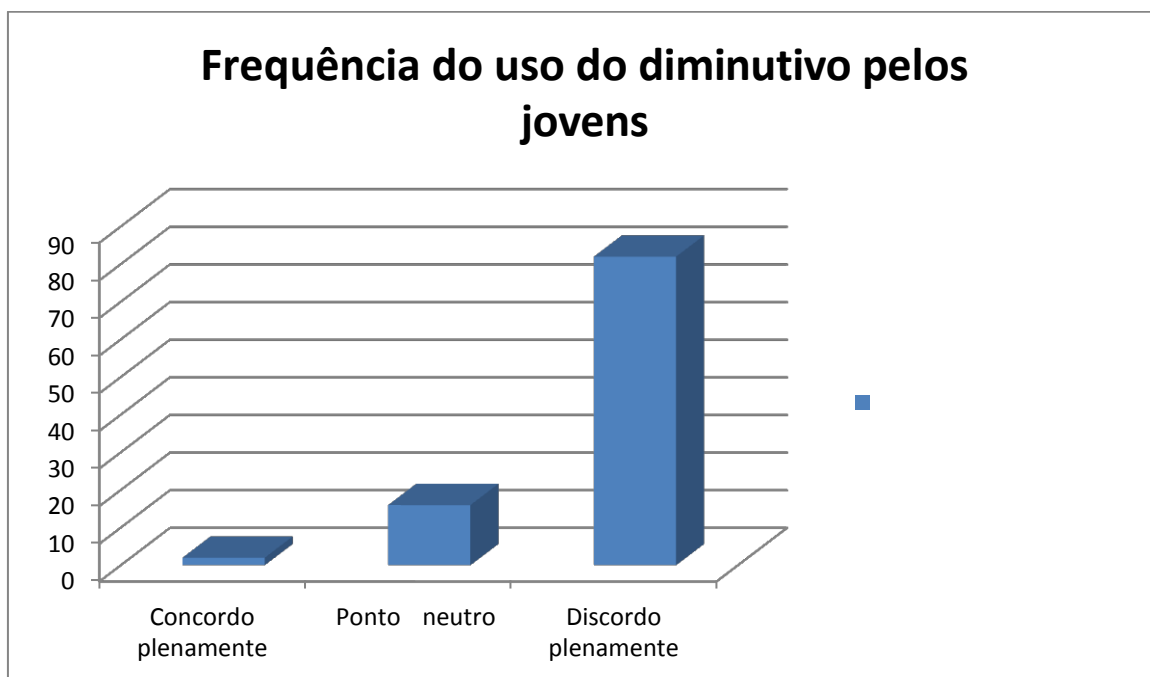
Gráfico 1 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso das reduções dos diminutivos no dialeto mineiro



Este gráfico mostra que 72% entrevistados são sensíveis à variável e 48% rejeitam o estereótipo; 26%, que se mantiveram no ponto neutro, mostram-se insensíveis à variável.

ii) Pergunta 2 do grupo I: *“Mineiro, mais novo, usa muitos diminutivos na sua fala”*

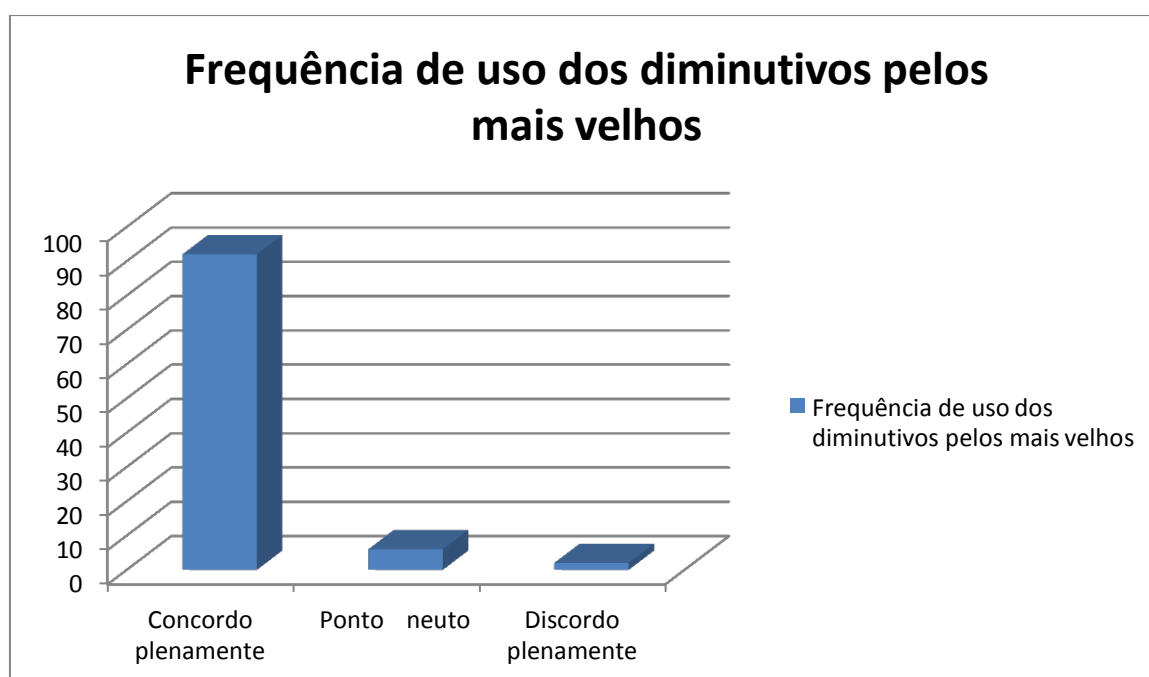
Gráfico 2 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso dos diminutivos no dialeto mineiro pelos mais jovens



Neste gráfico, 2% dos entrevistados concordam com esta afirmativa, 16%, estão relacionados o ponto neutro e 82% dos entrevistados discordam que os mais jovens usam muitos diminutivos na sua fala. Novamente, aqui, a atitude do falante em relação ao estereótipo é negativa.

iii) Pergunta 3 do grupo I: “Mineiro, mais velho, usa muitos diminutivos na sua fala”

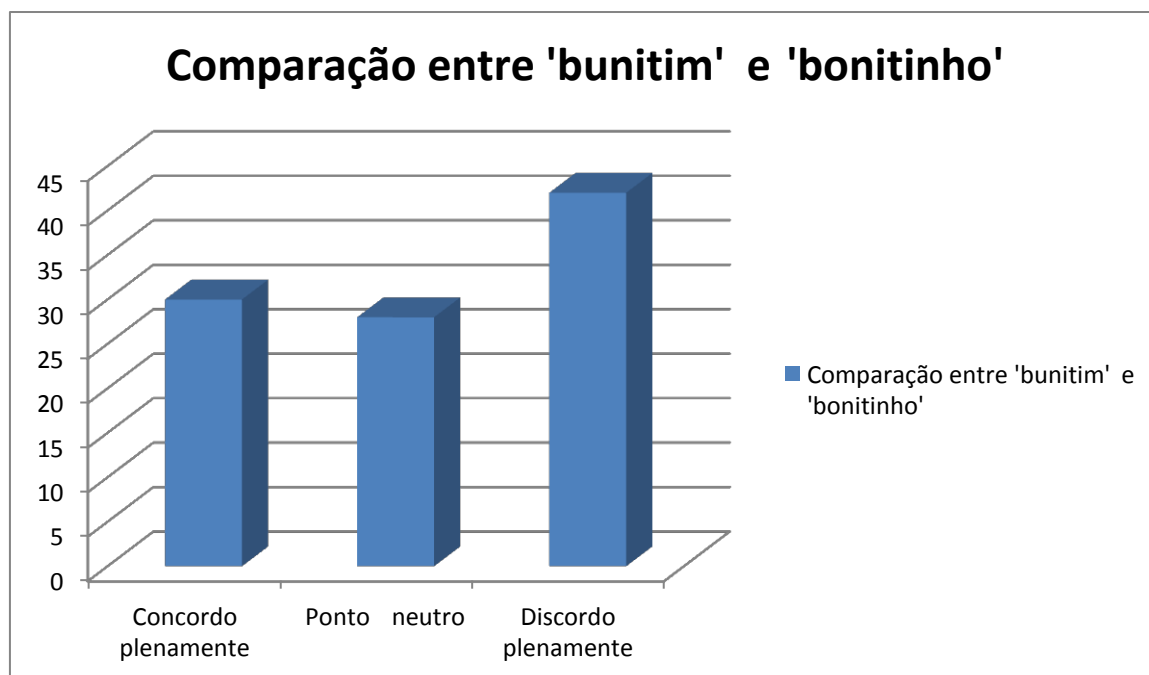
Gráfico 3 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso dos diminutivos no dialeto mineiro pelos mais velhos



Os resultados apresentados apontam para um entendimento, entre os que preencheram o questionário, que os mais velhos tendem a fazer um maior uso de palavras no diminutivo, 92%, contra 6% que identificaram o fato como neutro e apenas 2% discordaram deste fato. Além de mostrar que os informantes são sensíveis à variável, esses resultados indicam que o estereótipo é avaliado como algo do passado.

iv) Pergunta 3 do grupo I: “A palavra ‘bunitim’ soa pior que ‘bonitinho’”

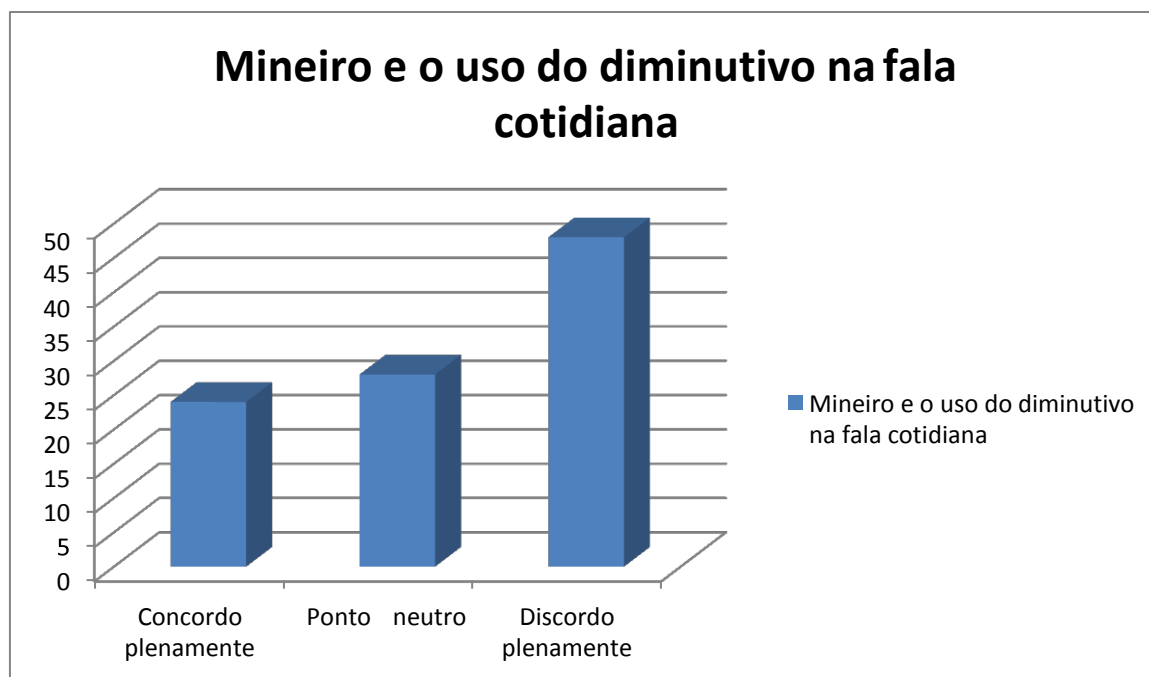
Gráfico 4 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso de 'bunitim' e 'bonitinho'



Quando se trata de análise um vocábulo em especial, parece que os entrevistados não possuem uma percepção muito clara, pois os valores encontrados foram 30% para a concordância do fato; 28% mantiveram-se num posicionamento neutro e 42% discordaram do fato de a palavra “bunitim’ ter alguma diferença negativa em relação à ‘bonitinho’”. Estes resultados mostram que uma percepção diferente: o grau de rejeição ao estereótipo é menor. Somando-se os neutros e os que aceitam, o percentual de informantes que reagem de modo não negativo ao estereótipo é de 58%.

V) Pergunta 3 do grupo I: “Mineiro usa muito diminutivo em qualquer tipo de fala”

Gráfico 5 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso do diminutivo na fala cotidiana dos mineiros



Esta pergunta visa a avaliar a percepção dos mineiros em relação ao uso cotidiano de diminutivos, 48% dos entrevistados, nas diferentes faixas etárias, responderam que este uso não é recorrente; 24% disseram que concordam e 28% mantiveram-se no limite do neutro. Se forem somados os percentuais relativos aos que discordaram e aos que responderam em favor da neutralidade, observa-se que, de modo geral, entre os entrevistados, a tese de que o mineiro não usaria o diminutivo na fala cotidiana seria aceitável.

Agora, serão apresentados resultados referentes à tabela do grupo II, veja-se, primeiramente, as perguntas pertencentes a este grupo.

A) Perguntas do grupo II:

1. A Língua Portuguesa falada pelos mineiros é;

Pior ____:____:____:____:____:____:____Melhor

2. Só os mineiros da zona urbana falam as palavras de forma completa:

Concordo plenamente ____:____:____:____:____:____:____Discordo plenamente

3. Mineiro da zona rural nunca fala final de palavras:

Concordo plenamente : : : : : : Discordo plenamente

4. Mineiro prefere usar a palavra bunitim que bonitinho.

Concordo plenamente : : : : : : Discordo plenamente

5. Tanto a palavra bunitim quanto bonitinho soam bem.

Concordo plenamente : : : : : : Discordo plenamente

6. Mineiro usa muito diminutivo na fala familiar.

Concordo plenamente : : : : : : Discordo plenamente

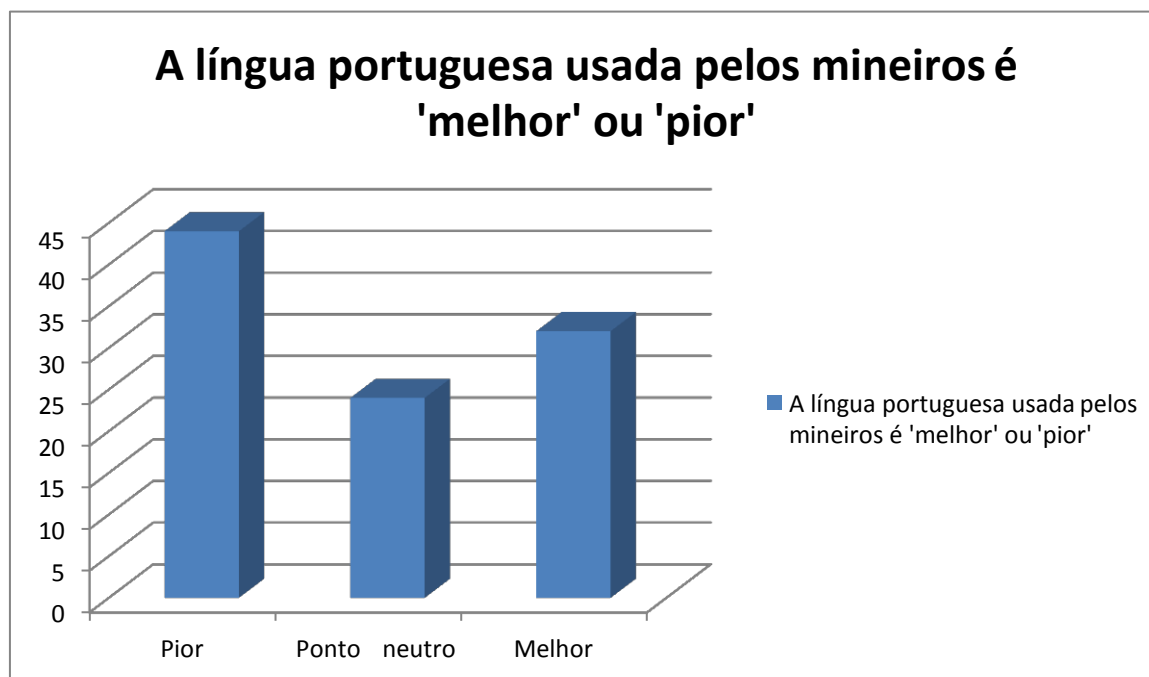
Já neste grupo, estão reunidas as respostas que avaliam a percepção dos falantes no que se refere às formas plenas e reduzidas dos diminutivos em relação às zonas urbana e rural. Na tabela seguinte, tem-se os resultados concernentes às questões elencadas anteriormente:

Tabela 2 Distribuição geral do teste de atitude com relação às perguntas do grupo II

Número da pergunta	Faixa etária 15-21 anos	Faixa etária 22-35 anos	Faixa etária 36-49 anos	Faixa etária 50-69 anos	Faixa etária
1	3 4 1 2	5 2 3	4 3 2 1	3 2 5	4 4 1 1
2	4 4 2	3 4 2 1	5 2 1 2	5 4 1	6 3 1
3	7 3	5 3 2	2 3 4 1	4 3 3	6 2 2
4	4 2 4	3 4 2 1	1 3 5 1	7 2 1	5 3 2
5	5 5	4 3 3	3 3 4	2 4 4	7 3
6	5 2 3	3 3 4	4 6	5 4 1	3 4 3

i) **Pergunta 1 do grupo II: “A Língua Portuguesa falada pelos mineiros é ‘pior’**

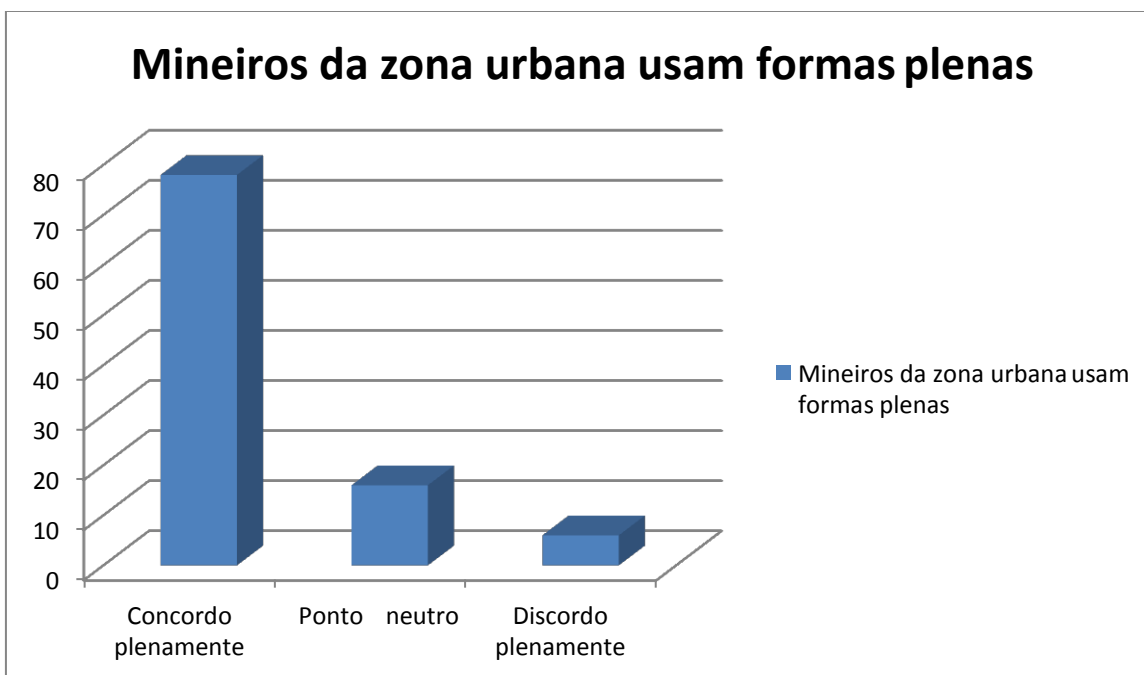
Gráfico 6 - Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a avaliação da língua usada pelos mineiros



Nesta análise, a avaliação tem como objeto o próprio dialeto. 44% dos entrevistados afirmam ser o dialeto mineiro ‘pior’. Os que se mantiveram neutros foram 24% e os que consideram o dialeto mineiro como ‘melhor’ totalizaram 32%. Esses resultados manifestam uma avaliação desfavorável dos informantes em relação ao próprio dialeto.

ii) Pergunta 2 do grupo II: “Só os mineiros da zona urbana falam as palavras de forma completa”

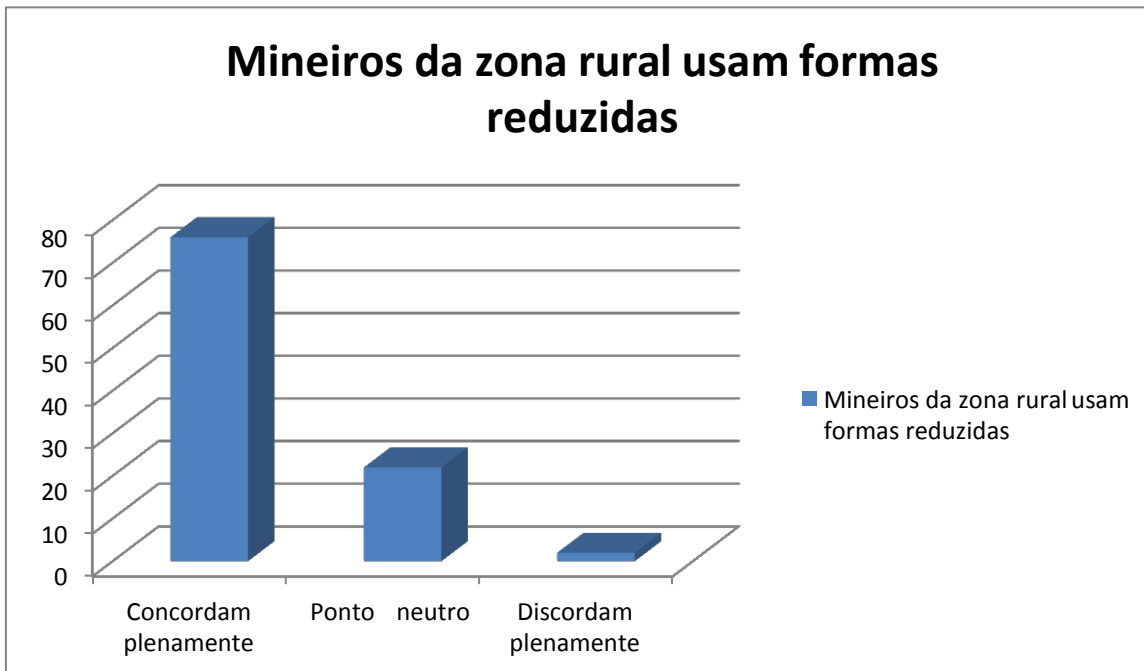
Gráfico 7 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso do diminutivo na fala dos mineiros em relação à forma plena



Os entrevistados têm a percepção de que os usuários do dialeto mineiro que pertencem à zona urbana usam mais as formas plenas; 74% dos informantes consideram que a fala urbana constitui o padrão linguístico. O percentual de quem discorda e de quem é neutro é muito inferior ao encontrado nas outras perguntas.

iii) Pergunta 3 do grupo II: “Mineiros da zona rural nunca falam final de palavra”

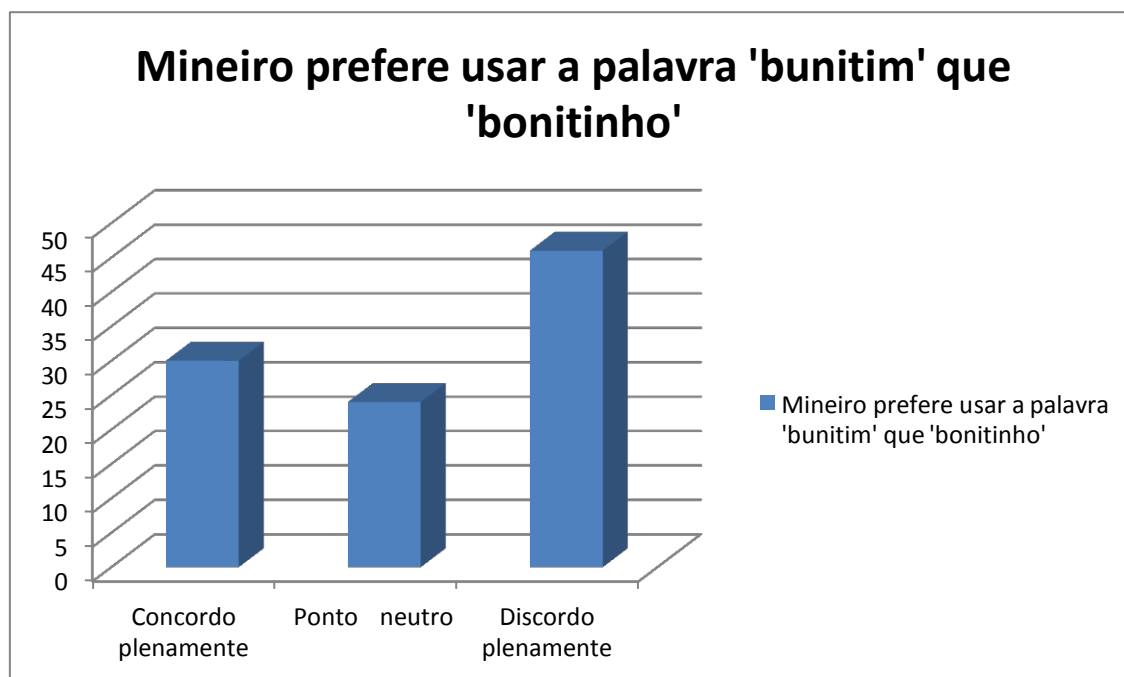
Gráfico 8 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre a frequência no uso do diminutivo na fala dos mineiros da zona rural em relação à forma reduzida



De acordo com os números encontrados, pode-se perceber que 76% dos entrevistados classificam os falantes mineiros da zona rural como aqueles que fazem uso constante das formas reduzidas. 22% são neutros e apenas 2% discordam desta avaliação. Os resultados mostrados neste gráfico e no anterior são coerentes no que diz respeito ao padrão linguístico: as formas reduzidas são reconhecidas como não padrão.

iv) Pergunta 4 do grupo II: “Mineiro prefere usar a palavra 'bunitim' que 'bonitinho’”

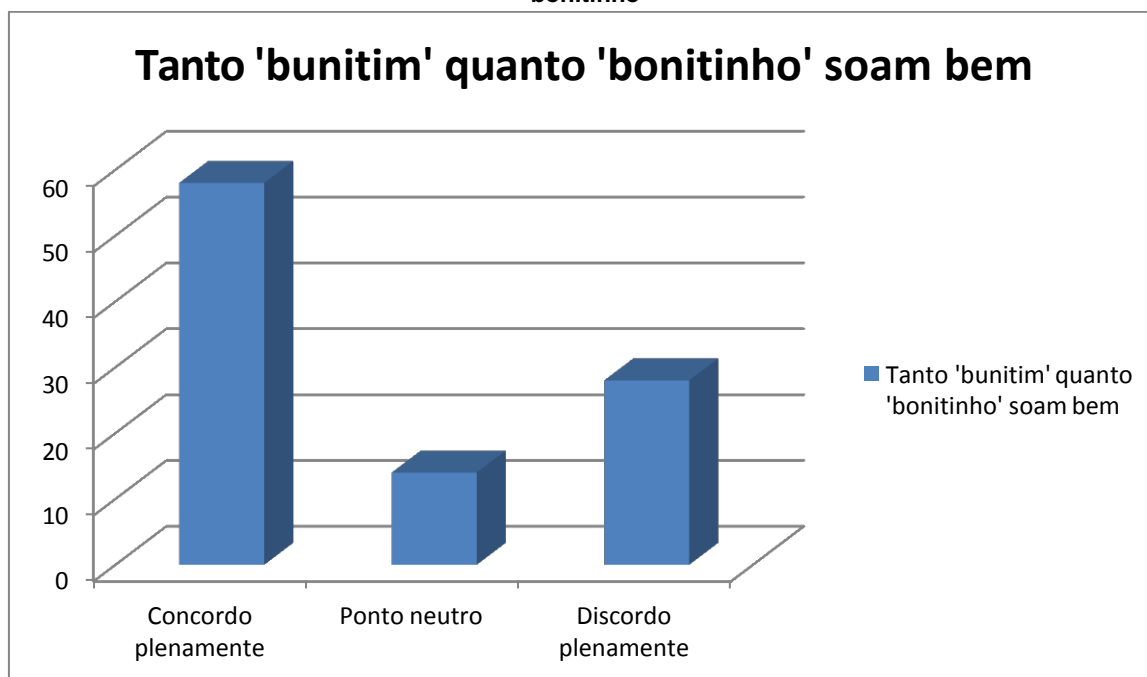
Gráfico 9 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre ao uso das palavras 'bunitim' e 'bonitinho' no dialeto mineiro



A esse respeito, nota-se que os resultados encontrados apontam que, no dialeto mineiro, de forma geral, há avaliação positiva da forma plena: 46% discordaram da pergunta. Entretanto 24% mantiveram-se neutros e 30% concordaram que o mineiro prefere a forma reduzida. Esse resultado é coerente com o da pergunta (3), Gráfico 4. O estereótipo é avaliado negativamente, embora a aceitação seja relativamente significativa: 30%.

v) Pergunta 5 do grupo II: “Tanto a palavra ‘bunitim’ quanto ‘bonitinho’ soam bem”

Gráfico 10 Distribuição acerca da percepção dos entrevistados sobre ao uso das palavras 'bunitim' e 'bonitinho'



Os entrevistados consideraram que todas as duas formas 'bunitim' e 'bonitinho' soam bem; os que concordaram, referem-se a 58% dos entrevistados; os que optaram pelo ponto neutro, 14% e os que discordaram, por acreditar que a forma plena é mais “aceitável”, responderam por 28% do total geral. Esse resultado é surpreendente porque, embora reconheçam que a forma reduzida é não-padrão, os informantes a avaliam positivamente. Veja-se que a expressão “soa bem” tem a ver com afetividade e familiaridade, o que sugere que o estereótipo é reavaliado, quando o parâmetro deixa de ser a padronização e passa a ser a afetividade.

2.8 Conclusão

Neste capítulo, buscou-se conceituar protótipo, estigma e estereótipo e mostrar correlações entre estas noções. Em seguida, foram apresentados os resultados de um teste de percepção com o objetivo de tornar manifestas as avaliações dos falantes acerca de produções linguísticas de um dos estereótipos linguísticos do dialeto mineiro.

Pode-se concluir, a partir das análises dos testes, que o falante mineiro tende reconhecer as formas reduzidas como formas não padrão, mas ao mesmo tempo a reconhecem como expressivas e familiares.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE VARIACIONISTA

Este capítulo tem por objetivo apresentar o quadro teórico dentro do qual se desenvolveu o presente trabalho. Trata-se da Teoria de Variação e Mudança, (Labov, 1972 a,b, 1994, 2001, 2002, 2008, 2010).

3.1 O quadro teórico

A Teoria da Variação faz uso de análise estatística de dados linguísticos a partir de usos registrados em determinada comunidade com intuito de traçar o perfil da variação. Isso é necessário porque há que se considerar que o aspecto social direciona o pesquisador para a sistematização da variação. Sobre isto, Tarallo (1986, p.11) afirma que:

[...] um levantamento exaustivo de dados da língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade; 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem; 3) análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a (s) outra (s); 4) encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada; 5) projeção histórica da variável no sistema linguístico da comunidade.

Num outro momento da pesquisa, a análise dos dados coletados também é fator de apreensão para os sociolinguistas, pois, em consonância com Labov (2008, [1972], p. 63), o método pode interferir decisivamente no resultado final desta busca. O que seria, então, confiável em termos de obtenção de dados e análise

dos mesmos? Uma possibilidade para diminuir os resultados que não refletem a realidade em relação aos fatos linguísticos coletados seria observar a fala de uma maneira mais espontânea.

Como instrumento para a análise quantitativa utilizar-se-á o pacote de programas GoldVarbX (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), em versão para ambiente Windows do pacote de programas Varbrul; os resultados encontrados permitirão testar a hipótese inicial.

Alguns princípios norteiam a concepção de linguagem nesta teoria, segundo Labov (2001, p. 7-8):

- (a) a heterogeneidade de uma dada língua pode ser descrita de forma ordenada em qualquer comunidade;
- (b) a mudança linguística somente ocorre em gramáticas da comunidade, nunca em idioletos;
- (c) as mudanças linguísticas não ocorrem em agrupamentos periféricos, como se postulava em teorias anteriores, mas sim, em grupos socioeconômicos centrais;
- (d) as mudanças linguísticas se propagam de forma rápida de forma que se comparar, diacronicamente, os dialetos de uma mesma cidade, as mudanças/variações serão nítidas.

No que diz respeito à propagação, essa deve ser compreendida tanto como uma difusão das formas inovadoras pelas classes sociais como pelas redes sociais dos indivíduos (LABOV, 2002). A propagação pode ser afetada positiva ou negativamente pela avaliação social. Por avaliação entenda-se que são as respostas aos diferentes níveis de percepção e valoração social dada pelos falantes às variantes em uso.

Conforme o modo pelo qual são avaliadas, as variáveis linguísticas podem ser categorizadas como:

- a) Indicadores, que estão em nível inconsciente sem serem identificados pelos falantes, por exemplo, a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ no

português falado atual: peixe/peixe, desprovida de qualquer tipo de avaliação. (COELHO *et al*, 2012, p. 34).

- b) Marcadores, que são percebidos pelos falantes e detectados por técnicas de avaliação subjetiva da língua. O uso alternado do *tu* e *você* em certas regiões do Brasil é um exemplo deste tipo de categorização. (COELHO *et al*, 2012, p. 34).
- c) Estereótipos, que são traços socialmente marcados de maneira consciente, podendo ser estigmatizados; como exemplo, tem-se o fonema /l/ de encontros consonantais pronunciado como /r/, como em “craro, Cráudia”, forma socialmente estigmatizada. (COELHO *et al*, 2012, p. 33).

No processo de estereotipização: a) os indivíduos são avaliados de acordo com categorias tais como: sexo, etnia, estilo de fala; b) um conjunto de características tais como: papéis desempenhados na sociedade, habilidades, interesses; c) os indivíduos avaliam uns aos outros assim como pessoas de diferentes grupos (HEWSTONE & GILES, 1997).

Certos estereótipos podem adquirir prestígio ou ser estigmatizados socialmente. Há estereótipos que podem ter prestígio e serem tomados como positivos em determinadas comunidades linguísticas, negativos em outras e há, também, aqueles que podem ser avaliados, ao mesmo tempo, como positivos ou negativos (LABOV, 1972, 2001). O fato é que a avaliação negativa pode alterar o processo de mudança de uma variável, em qualquer língua, de lento e gradual para um processo mais rápido podendo chegar à extinção da forma estigmatizada. Além de valores conscientes em relação à língua, os falantes de uma mesma comunidade de fala compartilham, inconscientemente, aspectos essenciais do sistema linguístico como, por exemplo, as regras gramaticais, cabendo ao indivíduo optar por falar de uma forma ou de outra.

3.2 Em busca de estratificações sociais

A teoria da variação trabalha com dados reais, que são estratificados conforme características sociais dos informantes entrevistados conforme um roteiro pré-estabelecido de questões que visam à elucidação de narrativas de experiência pessoal. Um tipo de estratificação é a faixa etária.

Esse fator deve ser tratado com muito cuidado levando-se em conta que, raras as exceções, o pesquisador não terá oportunidade de acompanhar, por décadas, uma determinada variável numa comunidade linguística específica, sendo assim, as análises são feitas por intermédio da pesquisa nas mudanças linguísticas em diferentes faixas etárias utilizando a dimensão, conforme Labov (2001), afirma sobre o tempo aparente. Ainda em relação a este fator, Sankoff (2006) afirma que é necessário ter cautela com relação à aplicação do tempo aparente nas possíveis mudanças linguísticas, atente-se para o excerto seguinte:

Juntos, tendências e estudos da última década confirmaram a validade e utilidade de tempo aparente como uma ferramenta conceitual potente para a identificação de alteração no idioma em andamento. A mudança existe, mas o tempo aparente, geralmente, subestima a taxa de mudança. (SANKOFF, 2006, p.14)⁵⁶

As amostras utilizadas nesta pesquisa compõem-se de entrevistas de fala espontânea com duração entre quarenta e sessenta minutos. A sistemática adotada na composição das amostras poderá incluir falantes de localidades distintas para dar conta de variação diatópica. Para medir a força de variação diafásica, serão apuradas as ocorrências de diminutivos nas formas plenas e reduzidas. Já em relação à variação diastrática, as variáveis sexo e faixa etária serão analisadas como fatores intervenientes no processo do uso das formas plenas e reduzidas.

⁵⁶ “Together, trend and panel studies of the past decade have confirmed the validity and usefulness of apparent time as a powerful conceptual tool for the identification of language change in progress. Far from misleading us about the existence of change, apparent time generally underestimates the rate of change.”

A estratificação por idade tem sido um ponto nevrálgico para os estudos sociolinguísticos quando se refere a agrupar falantes com a finalidade de averiguar sobre tempo aparente, principalmente quando se quer analisar esses mesmos falantes numa situação na qual pode ocorrer uma *mudança em progresso* (LABOV, 1994, 2001, CHAMBERS, 1995).

Há uma tendência dos jovens em apresentar uma frequência maior das variantes não-padrão; variáveis estáveis ou aquelas que pertencem a uma mudança em progresso serão capturadas nas faixas etárias dos mais velhos.

Por outro lado, conforme Labov (2001), compreender os efeitos da idade sobre qualquer fenômeno linguístico implica compreender, também, os relacionamentos sociais que são instaurados ao longo da vida dos falantes, quais são seus grupos referenciais, bem como compreender o porquê de ocorrer o relaxamento das normas na fase de vida dita mais velha.

Ainda conforme Chambers (1995), sobre a formação da linguagem nos seres humanos, pode-se prever que há algumas fases distintas a saber: i) infância: desenvolvimento vernacular a partir de convívio com família e amigos; ii) adolescência: as normas vernaculares tendem a estar sob forte influência dos grupos referenciais para a idade; iii) vida adulta: a padronização tende a se consolidar por causa das relações sociais que, teoricamente, são mais estáveis, permanecendo, assim, até a idade dos mais velhos.

Labov (2001) afirma que os limites de mudança ocorrem na fala de indivíduos no final da adolescência, período que vai de 16 a 20 anos. Entretanto, na pré-adolescência, é possível ocorrer formas inovadoras pelo fato de estarem em busca de uma identidade social, assim, aproximam-se dos seus pares, reforçando a forma de falar para se opor à forma adulta de se falar. E, nesta fase, os indivíduos são caracterizados como extremamente individualistas, conforme pode se confirmar na teoria da psicologia ao nomear e descrever as gerações atuais por intermédio das relações comportamentais, pois ao mesmo tempo em que os jovens buscam se distanciar, linguisticamente, de gerações anteriores a sua, buscam compensar esta perda se solidarizando com seus pares. A partir dessas

considerações, a distinção linguística de outras gerações criada pelos jovens, faz com que eles sejam, possivelmente, o foco da inovação na língua. (CHAMBERS, 1995)

3.2.1 Sexo

Os fenômenos da variação e mudança linguística estão intrinsecamente ligados ao processo de construção linguística do falante e, um dos fatores extralinguísticos que contribuem para a caracterização de uma identidade do sujeito é o fator sexo. Algumas explicações sobre este fator são aceitas pelos sociolinguistas, tais como:

- a) homens usam mais as variantes estigmatizadas que as mulheres; elas seriam mais resistentes ao uso de variantes de menor prestígio;

- b) mulheres tendem a se adaptar linguisticamente a uma variedade de situações.

As explicações para tais atitudes podem considerar que as mulheres são conservadoras, inovam, em termos de língua, menos que eles; buscam alcançar prestígio se se considerar que, ao longo da história humana, a questão da ascensão social ainda é algo que não está consolidado; teoricamente, elas não sofrem, ainda, tanta pressão social quanto os homens em suas relações profissionais.

Sobre as questões do fator sexo numa análise linguística, Labov (2001) faz uma divisão entre as possibilidades de mudanças que envolvem as mulheres; assim, ele postula que: i) em mudanças vindas de cima (*changes from above*), as mulheres utilizam mais as formas de prestígio se comparadas aos homens; b) em mudanças vindas de baixo (*changes from below*), as mulheres lideram as mudanças linguísticas, ou seja, no começo das mudanças, as mulheres são mais rápidas na utilização do item novo, desde que não estigmatizados.

Na explicação deste fenômeno, Labov (2001, p.278) se utiliza do pressuposto de que, pelo fato de as mulheres possuírem menor poder aquisitivo, a compensação para isto estaria ligada ao fato de elas se assegurarem por meio do capital linguístico.

Dessa forma, as mulheres teriam um comportamento mais cuidadoso com a linguagem.

Outra possibilidade para justificar o porquê de as mulheres serem resistentes à mudança, refere-se ao fato de elas sempre possuírem destaque social, o histórico de relações sociais ainda tem garantido à mulher o papel de falante que resiste à mudança linguística.

Para a literatura sociolinguística, o fator sexo ainda requer maior detalhamento; por isso, Labov (2001, p. 284) argumenta que.⁵⁷

O mecanismo da mudança, portanto, não está ligado a diferenças de sexo de maneira clara e simplesmente. Entretanto, qualquer um dos sexos (masculino ou feminino) poderia ser um fator dominante. Mas os casos em que os homens estão na liderança são minoria. Além disso, as mudanças de dominação masculina são relativamente isoladas [por exemplo, mudança em Martha's Vineyard ocorrida a partir dos homens para mostrar a identidade da ilha]. Eles não estão incluídos quando as mudanças são em cadeia que alteram o sistema de fonológico como um todo: todas essas mudanças examinadas até agora são dominadas por mulheres.

⁵⁷ "The mechanism of change is therefore not linked to sex differences in any clear and simple way. Either sex can be the dominant factor. But the cases where men are in the lead form a small minority. Furthermore, the male-dominated changes are all relatively isolated shifts [e.g. the Martha's Vineyard shift of males to show island identity]. They do not include chain shifts that rotate the sound system as a whole: all such chain shifts examined so far are dominated by women."

3.2.2 Variação diatópica

Fatores como colonização regional, organização social interferem neste processo. Sobre isto, Chambers e Trudgill (1980, p.54) afirmam que não pode existir qualquer dialeto social sem considerar o regional porque os falantes têm um *background* social aliado a uma posição geográfica, atente-se para o excerto: “Todos os dialetos são ambos regional e social, uma vez que todos os falantes têm um papel social, bem como uma localização geográfica.”⁵⁸

Uma distinção importante é a que se apresenta entre urbano e rural, que, por sua vez, associa-se à distinção entre campo e cidade.

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. A cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAMS, 1973 p. 11).

Essa questão transcende a ideia de território, pois a formação do espaço está relacionada às áreas sociais, econômicas, interacionais dentre as quais se destaca o uso que se faz da linguagem. Por causa dos movimentos de industrialização, a cidade consolidou-se como local de destaque a partir das modificações decorrentes das que ocorreram no campo. Assim, a imagem de campo se consolidou tendo em vista os parâmetros urbanos.

A dicotomia entre rural e urbano ultrapassa a noção de território porque tem em conta relações sociais que geram o sentimento de pertença ao local (e isso influencia diretamente no comportamento das pessoas nestes dois espaços distintos (COUTINHO *et al* 2013). O local, por sua vez, define-se como “resultado

⁵⁸ “All dialects are both regional and social, since all speakers have a social background as well as a regional location.”

de uma história que deve se conceber como a obra de agentes ou fatores sociais, de sujeitos coletivos, operando por impulsos sucessivos.” (LEFEBVRE, 1999, p.69)

Já o espaço rural pode ser descrito como o local onde a natureza predomina sobre o ambiente social criado pelo homem, as relações primárias ocupam uma parte mais importante tendo as relações pessoais como proeminentes (SOROKIN, ZIMMERMAN E GALPIN, 1981). Uma combinação de traços entre o rural e o urbano aparece no quadro 7:

Quadro 6 Diferenças entre rural e urbano

DIFERENÇAS	URBANO	RURAL
1. Ocupacional	- atividade industriais, comércio, profissões liberais, atividades não agrícolas.	- agricultores e famílias
2. Ambiental	- predomínio do ambiente construído pelo homem; grandes comunidades;	- predomínio da natureza; pequenas comunidades
3. Densidade demográfica	- correlação positiva	- correlação negativa
4. Características raciais e psicossociais	- heterogeneidade	-homogeneidade
5. Estratificação	- mais estratificado	- menos estratificado
6. Mobilidade	- mais intensa, entretanto: nas catástrofes sociais migração da cidade para o campo	- menos intensa; corrente migratória: do campo para a cidade
7. Interação	- mais numerosas - sistema de interações: ampla - relações secundárias, impessoais, casuais e de breve duração, complexidade maior - interação feita por meio de número e endereço	- menos relação <i>per capita</i> - área de interação: mais restrita - relações primárias, pessoais e duradouras

(Elaborado a partir de SOROKIN, ZIMMERMAN E GALPIN, 1981, p. 200-224)

Nas descrições anteriores, alguns tópicos são interessantes para este trabalho: no item (4), os comportamentos psicossociais tendem a ser mais ou menos os mesmos, o que levaria a crer que o comportamento linguístico também poderia

ser assim considerado. Na área urbana, as comunidades são mais heterogêneas se se considerar a população no mesmo tempo, ou seja, a diversidade é mais evidente em todas as áreas, inclusive no comportamento linguístico.

No item (7), há o predomínio das relações pessoais mais duradouras e, por conseguinte, maior simplicidade nas relações interpessoais. As relações entre os falantes não supõem um caráter homogêneo e sistemático, mas heterogêneo, por excelência, com influências sociais indissociáveis. Por esse motivo, é impossível conceber a superioridade de uma variedade linguística em detrimento de outra, pois língua é instrumento que marca a identidade quer seja individual, quer seja social de cada um sobre as outras. Isso evoca algumas indagações: por que alguns falares têm um maior grau de aceitabilidade nas comunidades linguísticas? O que estaria permeando essa condição? (COUTINHO *et al* , 2013, p. 70).

Então, encaminhar uma das hipóteses desta tese para o rural e/ou urbano justifica-se pelo fato de, historicamente, haver comportamentos diferentes dos habitantes de tais áreas e é claro que as produções linguísticas devem ser aqui consideradas.

Para finalizar esta seção, retoma-se Williams (1973) que afirma que todas as transformações pelas quais passam as relações entre o rural e o urbano, de alguma forma, mudam o mundo.

Ao serem apresentados alguns parâmetros que caracterizam o rural e o urbano, buscou-se delimitar um entendimento acerca destes espaços sociais e é perceptível que está longe de se encerrar as discussões sobre estes conceitos, pois a cada nova época, novas formas de interação surgem e, com isso, a noção de território que perpassa o rural e o urbano começa a dar lugar a uma nomenclatura diferenciada: o espaço. Então, em relação ao uso das formas reduzidas do diminutivo, a base será amalgamar o “espaço” às questões ligadas às relações sociais. Dessa forma, para compreender as diferenças entre o rural e urbano é preciso ultrapassar os conceitos tradicionais e estereotipados de

delimitação territorial; em termos linguísticos, a interação social e linguística também complementa estas noções.

Explicitar os mecanismos linguísticos que podem ser encontrados nas variações dialetais permite dizer a língua não pode ser tomada como um domínio homogêneo e sim como algo não sistemático; heterogêneo por excelência, com influências sociais indissociáveis. Por esse motivo, é impossível conceber a superioridade de uma variedade linguística em detrimento de outra, pois língua é instrumento que marca a identidade quer seja individual, quer seja social de cada indivíduo.

3. 3 A análise

A amostra que será analisada nesta tese compõe-se de entrevistas sociolinguísticas gravadas e transcritas, pertencentes a dois *corpora* do dialeto mineiro que pertencem ao Projeto Mineirês.⁵⁹

3.3.1 Amostra

Serão analisadas 20 entrevistas de Piranga (MG) e 20 entrevistas de Mariana (MG). Desse modo, nossa amostra vai permitir a comparação de dois conjuntos de entrevistas com informantes de zona rural Piranga (MG) e a comparação de entrevistas de zona urbana Mariana (MG).

3.3.1.1 As variáveis

3.3.1.1.1 Variável dependente

A variável dependente a ser analisada compõe-se de duas variantes, e pode ser descrita como presença/ausência de segmento vocálico final em palavras que apresentam os sufixos –inho e -zinho. As variantes em análise aparecem exemplificadas a seguir:

⁵⁹ Disponível no site www.fale.ufmg.br/mineires, organizado pela Prof.^a Dra. Jânia Ramos (UFMG).

(A)-inho (-a)

(82) *Mariinha* disse qui vai ficá com o bebê pro cê ir prá festa.(MJIM1)⁶⁰

(83) ...quer um *bejim*? (MJIM1)

(B)-zinho (-a)

(84) Ele tem um *quezinho* pela dona da loja.(FJIM3)

(85) Vou sair *devagarzim...* (...) (FJIM3)

As ocorrências em (83) e (85) serão referidas nesta pesquisa como variantes plenas e as ocorrências (84) e (86) serão referidas como variantes reduzidas, conforme Já afirmado anteriormente.

3.3.1.1.2 Variáveis independentes

Em relação à alternância existente na escolha das variantes, vai-se avaliar quantitativamente a força dos seguintes fatores.

3.3.1.1.2.1. Fatores internos ou variáveis internas**A) Classe de palavra: nomes, adjetivos, advérbios e outros**

Nome:

(86) ...*tinha um fi um mininim*

(FJIP09)

Adjetivo:

(87) ...*eu mi lembro de Cáss piquininim* (FAIP19)

Advérbio:

(88) ...*panhava verdura tudo de tardinha* (FIIP34)

⁶⁰ Exemplos retirados do *corpus* da pesquisa piloto realizada na elaboração do projeto que deu origem a esta tese. A identificação dos informantes segue os mesmos parâmetros que foram explicitados no capítulo 1.

Na fala cotidiana, ocorre a produtividade favorecendo a variação, observe-se as distinções a seguir:

Quadro 7 Produtividade de nomes -inho e -zinho

Nome	Diminutivo padrão	Fala cotidiana
Xícara	xicarazinha	Xicrinha
Bom	bonzinho	Bãozim
Fácil	facilzinho	Facinho

Os exemplos anteriores confirmam a ideia de que o diminutivo requer ainda muitos estudos para que seja feita uma descrição adequada dos ambientes linguísticos de sua ocorrência; sobre isto, Lee diz que o diminutivo possui um “estatuto independente na gramática” (LEE,1999, p.122).

Como já relatado no capítulo 1, as teorias morfológicas atestam que algumas classes gramaticais favoreceriam o emprego do diminutivo. Em tese, -inho é anexado a formas não verbais, como as descritas anteriormente, contendo ainda uma vogal temática como *pern-a* → *pern- -inha*.

Já o sufixo -zinho, normalmente, ocorre adjungido a uma forma não verbal e seria atemático, ocorrendo em palavras proparoxítonas e vocábulos terminados em sílabas pesadas.

Atemático:

(89) *Amigozinho*

Proparoxítona:

(90) *passarozinho*

Silaba pesada:

(91) *sozinho*

(92)

B) Nomes: nomes próprios, nomes comuns

Nomes próprios:

(93) *...Rogério Beicim é né o irmão dela...*(MJIP10)

Nomes comuns:

(94) *porque Ronaldim fez dois gols.* (MJIM57)

A ocorrência de diminutivos com os nomes comuns já é esperada, mas com os nomes próprios é interessante observar que, nas ocorrências das entrevistas aqui analisadas, os nomes próprios masculinos recebem muito mais o diminutivo, em quaisquer variantes que os nomes próprios femininos. Acredita-se que esta explicação tenha sustentação na Teoria Lexical que postula que o masculino possui morfema zero; assim, ele aceitaria com mais facilidade quaisquer uma das formas plenas ou reduzidas do diminutivo. Veja-se a seguir:

(95) *Vaguinho* (MJIP15)

(96) *Ronaldinho* (FJIMSN)

(97) *Zé Toizim* (MIIP40)

(98) *Tonim* (FAIP19)

C) Realização fonológica do segmento seguinte: [+/-vocálico]

+ Vocálico:

(99) *Espera um poquim e vai pra praia* (MJIM58)

- Vocálico:

(100) *Raladinho para dá um gostim.* (FJSM78)

A realização fonológica do segmento vocálico seguinte vai depender da variante utilizada na ocorrência e isto está subordinado a algumas regras da fonologia que

explicita acerca dos segmentos fonológicos, em especial nesta pesquisa, o que vai definir o uso ou não das formas diminutivas é a qualidade das vogais que sucedem as variantes aqui estudadas.

D) Gênero morfológico: feminino, masculino ou outro

(101) Feminino: *Pus minha malinha assim.* (FAIM91)

(102) Masculino: *mai foi só essa que deu um trabaizim* (MIIP40)

(103) Outro: *virano devagarzim cabô tombano* (FJIP15)

O gênero morfológico é um fator que será analisado porque a realização das variantes diminutivas tendem a depender da existência ou não da vogal temática.

3.3.1.1.2.2 Fatores externos ou variáveis externas

A) Idade do informante (9-29; 35-59; mais de 69)

9-29 anos:

(104) *la ter uma escolinha de futebol.*

(MJIM78)

35-59 anos:

(105) *o Daiu é o mai véi quês trata de Pelezim* (FAIP19)

Mais de 69 anos:

(106) *Chiquim de Saiê é irmã do cumpade Bastião Vicente* (FIIP35)

B) Escolaridade (fundamental/superior)

Fundamental:

(107) *e falô que ela tinha ficado com Sergim um amigo dela* (FJIP09)

Superior:

(108) *...um monte de latinha de cerveja.*(FJSM80)

C) Sexo do informante (masculino/feminino)

Feminino:

(109) *agora assim cascavel eu tenho medo que ele fica enroladinha*
(FJIP08)

Masculino:

(110) *Brinco... de lutinha na cama.* (MJIM78)

D) Local de nascimento (Piranga (MG) ou Mariana (MG))**Piranga**

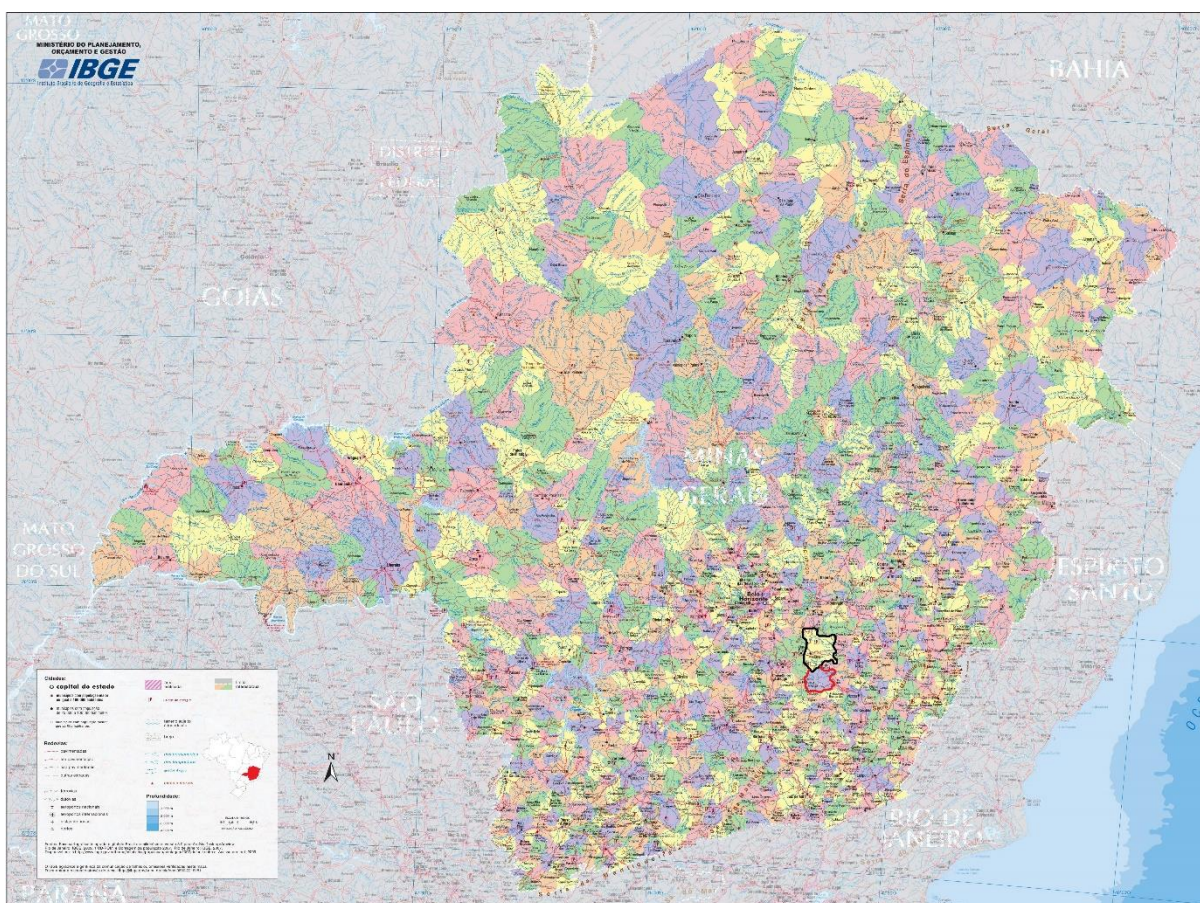
(111) *... on que Paulim morô?* (FAIP19)

Mariana

(112) *A chitinha ficava um ano guardada dentro do saco* (FAIM85)

No mapa que segue, conforme dados do IBGE de 2010, tem-se a divisão política das duas cidades: Mariana, circundada em preto e Piranga em vermelho.

Mapa 1 Mapa Político de Minas Gerais (Mariana-MG e Piranga-MG)



3.4. Identificando Piranga

A cidade de Piranga⁶¹ possui uma área que se estende por 658,8 km² e conta com 17.230 habitantes de acordo com o último censo de 2010⁶². A densidade demográfica é de 26,2 habitantes por km² no território do município. Limita-se, geograficamente, com os municípios de Senhora de Oliveira, Porto Firme, Presidente Bernardes; Piranga⁶³ se situa a 34 km, na direção Sul Leste, de Mariana a maior cidade dos arredores, possui dois distritos: Santo Antônio do Pirapetinga e Pinheiros Altos.

⁶¹ Piranga está situada na Mesorregião da Zona da Mata Mineira e é coberta pela Mata Atlântica

⁶² Fonte: IBGE: Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2014.

⁶³ Piranga foi elevada à categoria de cidade no dia 5 de Outubro de 1870.

Do ponto de vista histórico, segundo Oliveira (2006), Piranga, antiga Guarapiranga, durante o século XVIII, tornou-se um centro de agricultura de subsistência, além da mineração já praticada naquele local. Barbosa (1971) afirma que, apesar das controvérsias em relação aos primeiros ocupantes e exploradores da região, parece haver consenso entre os historiadores de que o paulista João de Siqueira Afonso, em 1704, teria sido um dos primeiros a se estabelecer na região.

Piranga foi, também, palco de desavenças entre os índios e as pessoas que ali habitavam, pois com fim da exploração aurífera, houve a necessidade de se cultivar a terra. Assim sendo, por volta do ano 1750, a maioria de seus trabalhadores na agricultura eram indígenas, fato que poderia ter, também, influenciado a linguagem local.

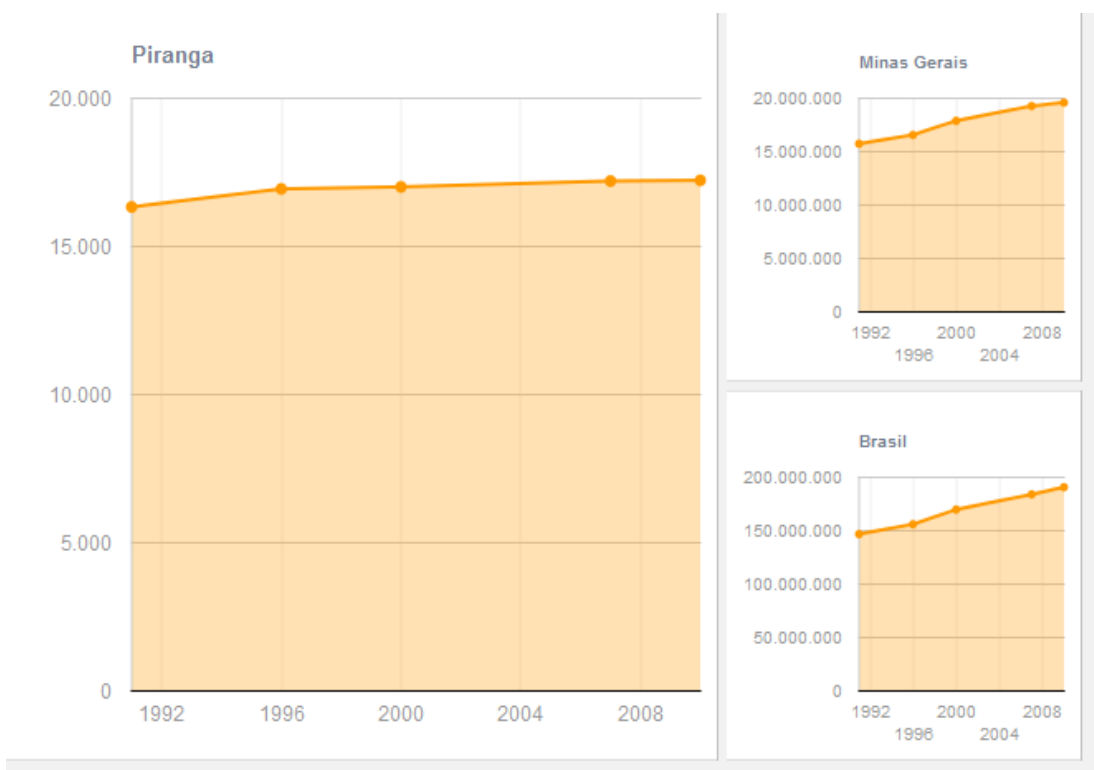
De acordo com José (1965), alguns grupos indígenas habitaram, no século XVIII, o norte do sertão dos rios Pomba e Peixe que, na época, fazia limites com o povoado de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga, atual Piranga. Dentre estes grupos, pode-se destacar os Cropós (ou Coropós), os Croatos (ou Coroados), de origem Goitacá, além dos Puris e dos Botocudos que pertenciam à família Macro-Jê e que resistiram ao processo de colonização

Nas divisões administrativas do Estado, o distrito, com a denominação de Nossa Senhora da Conceição do Piranga, passa, com a lei de Nº 843 de 7 de setembro de 1923, a chamar-se Piranga⁶⁴.

Em relação à população atual de Piranga, é importante ressaltar que, em relação às populações do estado de Minas Gerais e ao Brasil, a cidade tem crescido pouco, ou seja, tem mantido, praticamente, os mesmos índices populacionais do final do século XX. Isto pode ser comprovado por intermédio do infográfico a seguir:

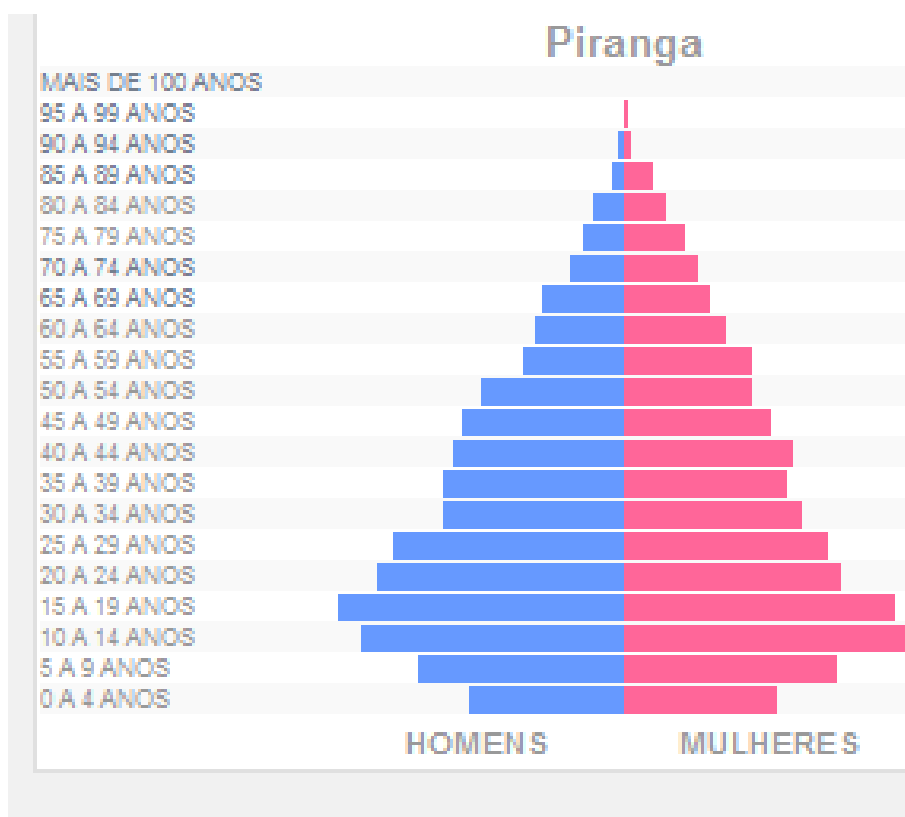
⁶⁴ 1.Adj (tupi piránga) vermelho, s. m. barro vermelho. 2 Ictiol Espécie de piranha pequena, de queixo vermelho (Serrasalmus rhomboeus). S.f .Bot Planta bignoniácea de que os índios extraem uma tinta vermelha para fazer as suas tatuagens; carajuru. P.-saíra: ave de cor vermelho-cochinilha cuja fêmea é de cor azeitonada no dorso e amarela no ventre.(<http://www.dicio.com.br/>)

Infográfico 1 Evolução populacional da cidade de Piranga



Presume-se que a estabilidade populacional de Piranga pode ter motivações ligadas ao fato de as pessoas estudarem fora do município, em Conselheiro Lafaiete, por exemplo. Com isso, o vínculo profissional se consolida fora da cidade também, pois conforme dados de IBGE (2010), as atividades principais na cidade ainda são a extração vegetal e a silvicultura configurando um conjunto de atividades que fizeram nos séculos XVIII e XIX a composição da economia da cidade, conforme comenta Oliveira (2006, p.15) “Ao analisarmos a composição da riqueza em Guarapiranga, percebemos [...] características tradicionais, como por exemplo, os produtos cultivados, os rebanhos [...]”.

Infográfico 2 Pirâmide etária de Piranga – IBGE (2010)



Outro dado interessante refere-se à faixa etária predominante na cidade que é a população entre 15 e 19 anos (27,1%). Assim, Piranga apresenta, conforme IBGE (2010), uma distorção em relação ao estado de Minas Gerais e ao país que têm feito um caminho oposto: nesta faixa etária há pouco crescimento populacional.

Pode-se notar, também, uma ligeira estabilidade da população masculina sobre a feminina, isto faz prever que, provavelmente, haverá tendência nos dados pelas variantes reduzidas –im e –zim.

Entretanto, é sabido que qualquer generalização acerca dos efeitos da variável sexo sobre uma variante em análise requer certa cautela, pois há que se considerar as peculiaridades na organização da sociedade de cada comunidade linguística, bem como compreender, no caso desta pesquisa a cidade de Piranga, como cada indivíduo, feminino ou masculino, desempenha um papel social.

3.5 Identificando Mariana

O município de Mariana situa-se na vertente sul da Serra do Espinhaço, na Zona Metalúrgica de Minas Gerais, conhecida como Quadrilátero Ferrífero, área total é de 1196,7 Km², com 697 metros de altitude. Faz parte da Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte e limita-se com os municípios de Ouro Preto, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Acaiaca, Piranga, Catas Altas e Alvinópolis. Atualmente, a população é de 58.233 habitantes em 2014⁶⁶, com a densidade demográfica de 44,4 hab./km²

A principal atividade industrial do município é a extração do minério de ferro e seus distritos desenvolvem atividades agropecuárias e apresentam artesanato variado. O município de Mariana é composto de 12 distritos: Mariana, Acaiaca, Bandeirantes, Cachoeira do Brumado, Camargos, Cláudio Manuel, Diogo de Vasconcelos, Furquim, Monsenhor Horta, Padre Viegas, Passagem de Mariana e Santa Rita Durão.

Historicamente, a atual cidade de Mariana teve início a partir de expedições de bandeirantes paulistas que, comandados por Salvador Fernandes Furtado, acamparam, em 16 de julho de 1696, no dia da Virgem do Carmo, às margens do Ribeirão do Carmo. Assim, iniciou-se o povoamento que deu origem ao Arraial de Cima do Ribeirão do Carmo e, por estas épocas, já haviam sido detectadas as jazidas auríferas. (DASSUMPÇÃO, 1989).⁶⁷

Em 1711, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, considerando o desenvolvimento do arraial, elevou-o à categoria de vila, sob a denominação de vila de Albuquerque, nome modificado por Dom João V, em 14 de abril de 1712, para vila do Ribeirão do Carmo que aos poucos foi se desenvolvendo e conseguindo, assim, tornar-se o principal centro de comércio da região.

⁶⁶ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

⁶⁷ Sobre a formação longitudinal dos arraiais, acompanhando os caminhos ver DÁSSUMPÇÃO, L. Considerações sobre a formação do espaço urbano setecentista nas Minas. Revista do departamento de História da UFMG. Belo Horizonte. Nº9 pp.130-140, 1989.

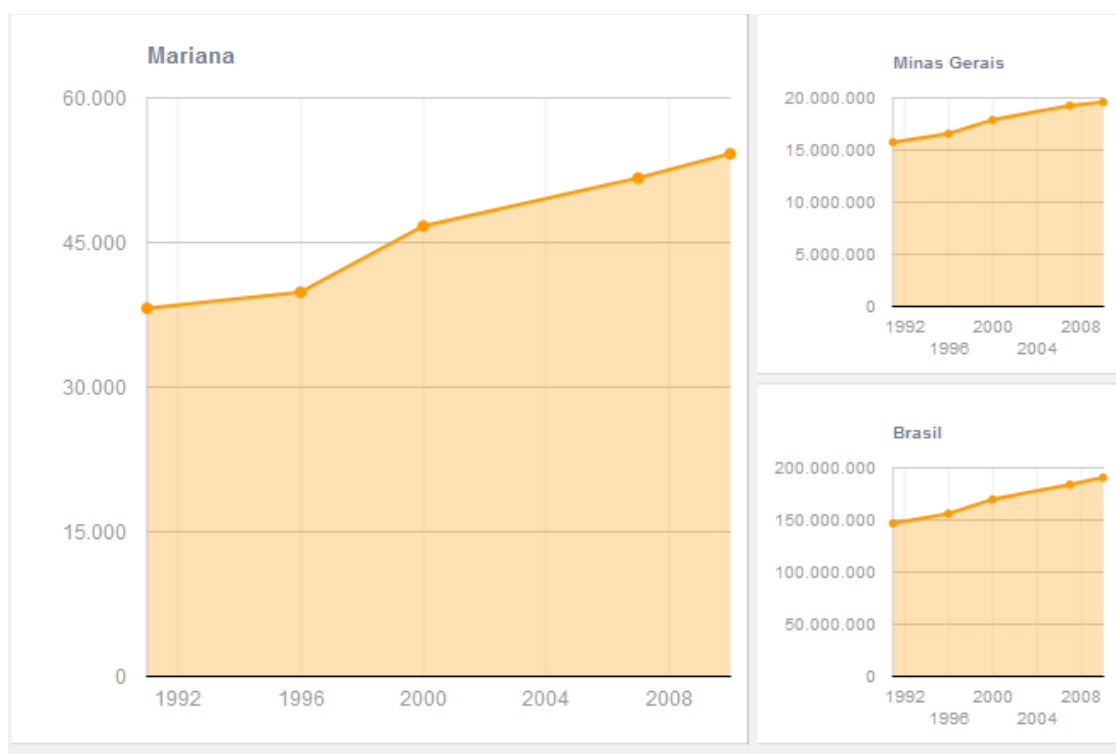
Uma carta de 23 de abril de 1745, expedida por Dom João V, elevou a vila à categoria de cidade, com o nome de Mariana, em homenagem à rainha dona Maria Ana d'Áustria. Mariana foi a primeira vila de Minas Gerais e a primeira localidade da capitania a receber foros de cidade.

A cidade é considerada pioneira em comunicação, pois em 1730 foi instalado o “Correio Ambulante”, ou seja, a primeira agência dos Correios no estado a fim de estabelecer a comunicação entre Rio de Janeiro, São Paulo e a capital mineira.

Depois disso, a comarca de Rio Piranga, que foi criada pela Lei n.º 1.740, de 8 de outubro de 1870, passou a denominar-se, por ocasião do disposto no Decreto n.º 7, de 8 de janeiro de 1890, comarca de Mariana. Em tempos atuais, a Lei estadual n.º 1.039, de 12 de dezembro de 1953 determina que o município de Mariana é termo judiciário único da comarca do mesmo nome.

No infográfico a seguir, percebe-se que houve um crescimento populacional significativo em meados da década de 90 se se comparar os mesmos índices do município com os do estado de Minas Gerais e os do Brasil. No entanto, a partir do século XXI, parece ter havido uma retração nestes mesmos índices se comparados aos do estado e do país. Observe-se o infográfico que segue:

Infográfico 3 Evolução populacional da cidade de Mariana - IBGE (2010)



A população preponderante está na faixa etária entre 10 e 34 anos, segundo o IBGE (295), sendo o sexo masculino, até os 24 anos, a maioria, mesmo que de forma discreta, em relação à população feminina. A partir dos 24 anos, este quadro começa a sofrer uma reversão: o grupo das mulheres passa a ser maioria na cidade.

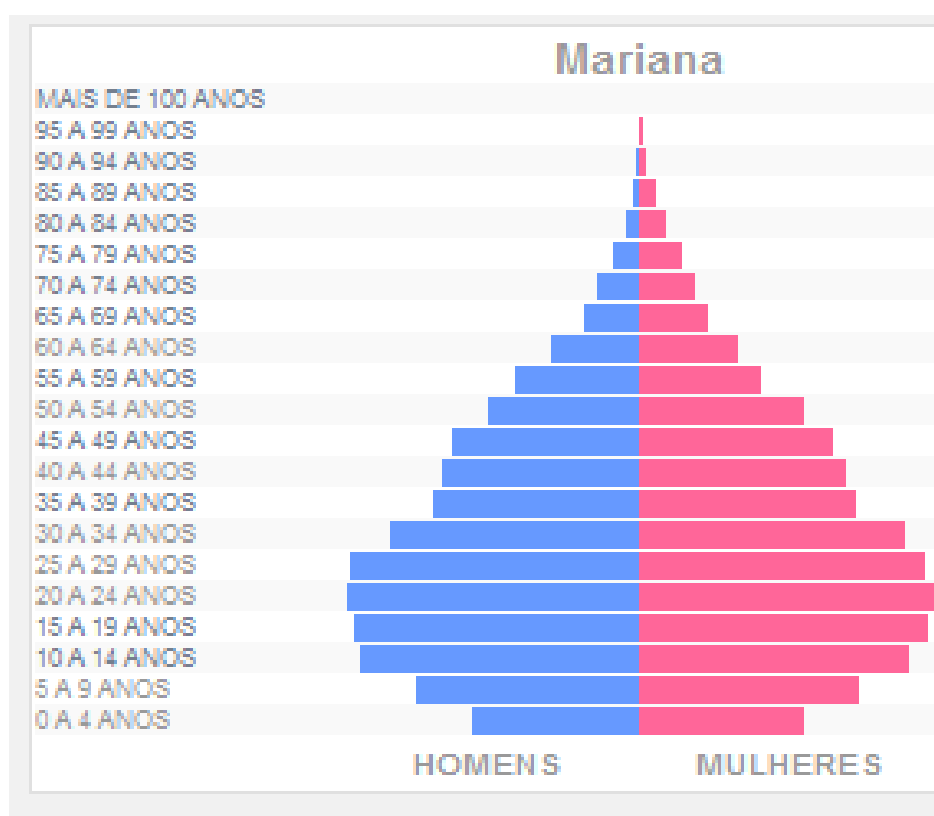
Para se compreender o porquê de Mariana apresentar um crescimento populacional, nos dias atuais, menor que o do estado e também do Brasil, vale a pena revisitar, brevemente, como se deu a formação populacional da cidade no ápice da exploração aurífera. A história de Mariana, no seu auge da extração do ouro, século XVIII, foi o destino de muitos que vinham para explorar a riqueza natural; contudo, com a chegada da decadência aurífera, a população urbana se transferiu para a zona rural, fazendo com que os moradores evadissem da cidade. Já no princípio do século XX, os governantes locais, tentaram reconstruir a opulência que um dia fez parte da identidade marianense.

Somente em 1945, quando foi elevada à condição de Patrimônio Histórico

Nacional, Mariana retoma seu crescimento populacional. Em 1960, começa outro ciclo exploratório na cidade: o minério, mas foi em 1970 que cidade conheceu a verdadeira explosão demográfica com a instalação de grandes companhias mineradoras: um grande fluxo de pessoas procuram a cidade para fixar residência. Se se considerar que Bourdieu (1998) compreende o espaço social sempre marcado por interesses dos grupos que nele estão inseridos, percebe-se que o capital simbólico volta a fazer parte da estrutura social de Mariana em meados da década de 70.

A estabilidade apresentada nos dados atuais pode não ser um indício de queda no número de habitantes e sim um aumento gradual da população que foi, em 1992, segundo IBGE (2014), de 38.911 habitantes.

Infográfico 4 Pirâmide etária de Mariana⁷²



Os dados seguintes apontam para um ligeiro índice de aumento da população feminina em relação à masculina.

3.6 Conclusão

Neste capítulo, foram apresentados o quadro teórico de nossa pesquisa, os fatores internos e externos da análise variacionistas, além de uma descrição da amostra. O próximo capítulo ficará por conta de demonstrar os resultados encontrados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 4

VARIANTES DO DIMINUTIVO EM FOCO: RESULTADOS

Este capítulo destina-se a apresentar as análises qualitativas e quantitativas dos dados do diminutivo no PB arrolados nos *corpora* selecionados no capítulo anterior a partir dos resultados gerados pelo programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), por isso, retomar-se-á, inicialmente, o conjunto de variáveis testadas e indicaremos quais se mostraram significativas. Tais discussões serão feitas à luz dos pressupostos teóricos assumidos pela Teoria da Variação (Labov 2010, [1972 a,b, 1974, 1994, 2001,2008]).

Foram oito os fatores testados: classe de palavras; tipo de nome; realização fonológica do segmento seguinte; gênero morfológico, idade do informante, faixa etária, sexo do informante e local de nascimento. A partir da ferramenta GoldVarbX, foram selecionados os seguintes fatores: classe de palavras, grupo morfológico, realização fonológica do segmento seguinte, faixa etária, sexo.

A apresentação dos resultados no formato de tabelas será feita a seguir. Inicialmente, apresentar-se-á os dados globais referentes à variação entre forma plena e forma reduzida dos diminutivos. Em seguida, será detalhada a variável, conforme o tipo de diminutivo: -inho ou -zinho. A razão desse detalhamento

advém da proposta de Armelin (2014) segundo a qual -inho tem o estatuto de núcleo e -zinho possui o estatuto de adjunto e não seria um núcleo. A expectativa desta pesquisa é que o sufixo nuclear favoreça a redução, o que permitiria agrupar diminutivos e pronomes, por ambos manifestarem tendência recente à redução fonológica.

4.1 Quantificação e análises dos dados

O resultado do procedimento utilizado iniciou-se a partir de codificações das ocorrências, de acordo com as variáveis extralinguísticas por intermédio do programa GoldvarbX que é uma das ferramentas importantes no auxílio ao sociolinguista para investigar fenômenos linguísticos, buscando equacionar os vários fatores intervenientes no processamento dos dialetos.

Dessa forma, realiza-se uma primeira etapa, de cunho estatístico, em que os percentuais das variantes entrelaçados possibilitem identificar: A) *knockout*: quando um ambiente categórico se instala; b) *singleton group*: quando, em um grupo, só um fator ocorre; c) *no factors*, quando, em um grupo, fator ocorreu.

A partir daí, os dados são inseridos no aplicativo e, por intermédio da combinação de fatores com características equivalentes, surgem os resultados iniciais. A próxima etapa recodifica os dados lançando mão das ações eliminar ou amalgamar os dados para que a variante representada após o processamento represente realmente o fenômeno. A retirada de algumas variáveis tem a função de expurgar do programa dados sobre uma variante que não vai exercer nenhum tipo de efeito significativo, por isso, muitos pesquisadores defendem que a inclusão de multifatorial seria a saída, pois a seleção dos grupos que continuarão ou tem fundamento matemático e não apenas da percepção do pesquisador. GUY & ZILLES (2007, p. 188)

Por outro lado, a junção de fatores tem relação com a semelhança entre eles, é de ordem quantitativa na expectativa de oferecer resultados qualitativos. Na presente pesquisa, investiga-se quais dos fatores internos e externos agiriam sobre as variantes –inho, -im, -zinho, -zim determinando o uso de cada uma delas. Quais forças estariam agindo, quando dois informantes, de pontos distantes da cadeia etária, para que eles produzissem um discurso utilizando a mesma variante?

Exemplos:

(113) *é meia bubinha memo.* (FIIP34)

(114) *nu começo fiz um ranchim.* (MAIP29)

(115) *e é Antônio Luzia morava na banda de lã naquele assentozinho.*

(FIIP34)

(116) *ela briga cum menino piquenu minorzim que ela.* (FJIP09)

Depois de fazer análises menos complexas, o GoldvarbX realiza a etapa nomeada de *análise multivariacional* em que fatores internos e externos ao fenômeno passam a ser analisados. Então, o programa torna-se mais criterioso eliminando as células que alterariam o estatuto da variável, nesse momento, grupos insignificantes são descartados porque sua atuação sobre a variável é prejudicial.

Finalmente, ocorre a análise binária; para tanto, o programa estabelece quais conjuntos de fatores devem ser descartados e quais mantidos. Na presente pesquisa, busca-se encontrar respostas aos seguintes questionamentos:

- a) os mais velhos produziram, discursivamente, mais diminutivos na forma reduzida que os mais jovens?
- b) Os jovens tenderiam a usar mais que tipo de variante?

- c) As mulheres realmente representam o segmento do fator sexo que oferece alguma resistência ao usos de, pelo menos, duas formas de qualquer variável linguística?
- d) Que comportamento linguístico teria o grupo dos medianos face aos demais fatores testados?

Dando sequência a esta investigação linguística, os fatores testados foram:

I- Variáveis internas:

- a) Classe de palavras: nomes, adjetivos, advérbios, outros.
- b) Nomes: próprios, comuns, outros.
- c) Realização fonológica do segmento seguinte: + vocálico, -vocálico.
- d) Gênero morfológico: masculino, feminino, outro.

II- Variáveis externas:

- a) Idade do informante por grupo etário: de 9 a 29 anos; de 40 a 59 anos; mais de 69 anos.
- b) Sexo do informante: masculino, feminino.
- c) Local de nascimento: Piranga (MG), Mariana (MG).

Por meio da análise controlada de dados coletados no *corpus* de Piranga (MG), baseado na sociolinguística laboviana, verificou-se que o papel de alguns grupos de fatores, medidos em termos de percentuais e de pesos relativos (a partir da ferramenta GoldVarbX) foram significativos para as análises iniciais deste trabalho:

- i) Classe de palavras.
- ii) Grupo morfológico.
- iii) Realização fonológica do segmento seguinte.

iv) Faixa etária.

v) Sexo.

A sistematização dos resultados permitirá elucidar estas questões e, quem sabe, deparar-se com outras inéditas.

4.2 Os resultados globais

4.2.1 A variável dependente

Observe-se na tabela 3 a distribuição geral das variantes no corpus.

Tabela 3 Distribuição das variantes no corpus

	N.º	%
Plena	279	63
Reduzida	102	37
Total	381	100

Input:0.817

Exemplos:

(117) ... *poquê sua casa é muito arrumadinha...* (FJFP10 - Variante plena)

(118) ... *de dia saí pá casa de vizim não...* (FJFP10 - Variante reduzida)

(119)

Observe-se agora as tabelas com o resultado de cada fator.

4.2.2 A variável independente: rural/urbano

Veja-se, agora, a distribuição conforme o fator rural/urbano.

Tabela 4 Distribuição geral de ocorrências das formas reduzidas e plenas conforme o tipo de área

	Formas plenas N. ^o	Formas reduzidas N. ^o	Total	P. R.
Urbano	112	19	131	.08
Rural	128 51,2%	122 48,8%	250	.80

Exemplos:

(120) ...aí quando foi meio dia certinho eu ganhei ele... (FJFP08 – Rural)

(121) ...que num pó pegá mais ... uma multa passarinho é quinhentos real... (MJFM18 - Urbano)

Como se pode notar, o uso das variantes reduzidas, na área urbana é inferior ao percentual referente à área rural, o P.R. da área urbana foi de .08 à aplicação da regra de uso das variantes reduzidas, ou seja, há grande possibilidade de ocorrência de redução nas realizações de diminutivo na área rural cujo P.R. é de .80. Esta variável se mostrou fortemente significativa. A probabilidade de ocorrência da variante reduzida na área urbana é muito inferior.

Um ponto de destaque nesta tabela é que há forte evidência, que corrobora a hipótese inicial, de que o espaço geográfico rural tende a favorecer as formas não

padrão do diminutivo.

Já na zona urbana, há o predomínio das formas plenas, que são as formas padrão usadas na escrita. A cidade de Mariana beneficiou-se de processos de desenvolvimento ocorridos, principalmente, nas duas últimas décadas. Foram ali instaladas, além dos dois já existentes, mais três pólos de educação superior. Tal fato pode ter contribuído para que os moradores, de posse de mais um capital simbólico⁷⁰, que é o conhecimento, tenham mais acesso a cultura, tanto aquela que se circunscreve nos ambientes escolares, quanto aquela efetivada por meio das artes como um todo.

Sobre Piranga, área rural, é interessante observar que, no seu passado, a presença indígena dos Coroados e Coropós foi efetiva em seu território, como povos que mantinham uma relação muito conturbada com o colonizador. Segundo Castro (2010, p.62), os aldeamentos não foram apenas espaços de dominação dos colonizadores, mas também, o espaço onde os índios puderam criar suas raízes. Nesse encontro entre indígenas e homens brancos, vale destacar que a linguagem de comunicação predominante era o do combate e os índios desta região, mesmo que de forma negativa, sempre estiveram em contato com o homem branco. E, a partir desse contato, mesmo que conturbado, algumas trocas linguísticas podem ter acontecido.

Pode-se, então, supor que o uso recorrente das formas reduzidas de diminutivo podem ser uma das marcas deixadas pelo contato anterior, a língua dos Coroados, um subtipo da família Macro Jê.

⁷⁰ O outro capital simbólico, conforme citado anteriormente, foi iniciado pela instalação de mineradoras para a exploração do minério de ferro.

Tabela 5 Distribuição de ocorrências das formas plenas e reduzidas entre o fator sexo

Sexo	Formas plenas	Formas reduzidas	Total	P. R.
	N. ^o	N. ^o		
Homem	60	67	127	.76
Mulher	180 70,9%	74 29,1%	254	.37

Exemplos:

(123) ...é... os dois era a mesma coisa que cachurrim... (MZFP29 – Sexo masculino)

(124) ... e passô paquela casinha lá... (FZFP21 – Sexo feminino)

Os dados da tabela comprovam a generalização de que mulheres são mais conservadoras em relação às variantes reduzidas, já os homens pelo fato de, socialmente, ocuparem uma posição confortável em relação à aceitabilidade social, fazem mais uso da variante não padrão.

Assim, pode-se dizer que os dados desta pesquisa constatarem maior frequência de uso da forma reduzida do diminutivo entre falantes do sexo masculino.

4.2.4 A variável independente: faixa etária

O terceiro fator testado foi a faixa etária.

Tabela 6 Distribuição de ocorrências das formas plenas e reduzidas diante do fator faixa etária

Faixa etária	Formas plenas	Formas reduzidas	Total	P. R.
	N. ^o	N. ^o		
de 9 a 29 anos	79	50	129	.74
de 40 a 59 anos	76 60,8%	49 39,2%	125	.28
acima de 69 anos	85 66,9%	42 33,1%	127	.48

Exemplos:

(125) ... no fraudinha tinha um mininu de 11 anos... (MJFM58 – faixa etária de 9 a 29 anos – forma plena)

(126) ... porque tem uns bunequim lá... tem poder... (MJFM58 – faixa etária de 9 a 29 anos – forma reduzida)

(127) ...prá fazê esse quintaizinho aqui... (FZFM24 – faixa etária de 40 a 59 anos – forma plena)

(128) .. é aquela muié de...Marquim Deládia... (FZFM24 – faixa etária de 40 a 59 anos – forma reduzida)

(129) *Geraldo num teve na escola não... Geraldo nem Mundinho...*
(MIFP32 – faixa etária acima de 69 anos – forma plena)

(130) *Puxo prá lá... tudo piquininim...* (FIFP34 - faixa etária acima de 69 anos – forma reduzida)

Em termos percentuais, tem-se a geração dos jovens com 129 ocorrências e o percentual de 61,2% de uso das formas plenas, em contrapartida, 38,8% de uso das formas reduzidas, o P. R. encontrado foi de .74. Isso sinaliza que a geração jovem favorece o uso da variante reduzida. O que chama a atenção é que a faixa dos adultos, com P.R. de .28, provoca o efeito de desfavorecer no que tange ao uso das formas diminutivas reduzidas. Já os idosos desfavorecem o uso das variantes reduzidas, o P.R. desta faixa etária é de .48.

Assim, os resultados mostram que o grupo dos jovens tem representatividade por provocar um efeito favorecedor em relação à regra de aplicação do uso das formas plenas. O grupo dos adultos é o que mais desfavorece o uso das formas reduzidas e favorece a variante plena, supõe-se que esta faixa etária está inserida, plenamente, no mercado de trabalho, além de ter posições mais estáveis em relação a ele e, por isso, a identificação com o uso da norma padrão é bem maior.

O grupo dos idosos apresentar o P.R. de .48 é um resultado não esperado, pois os testes realizados no capítulo 2 mostraram que haveria favorecimento maior por parte dos idosos no usos das formas diminutivas reduzidas.

4.2.5 A variável independente: classes de palavras

Os resultados encontrados estão descritos na tabela:

Tabela 7 Distribuição de ocorrências das formas reduzidas: fator classe de palavras

Classes de palavras	Formas plenas	Formas reduzidas	Total	P. R.
	N.º	N.º		
	%	%		
nome	187	97	284	.50
	65,8%	34,2%		
adjetivo	45	26	71	.30
	63,4%	36,6%		
advérbio	8	18		
	30,8%	69,2%	26	.95

Exemplos:

(131) ... *eu vô passa nu canim...* (MIFP37 - nome - variante reduzida)

(132) ... *começa assim é ... mais fraquinho...* (FIFP32 – adjetivo – variante reduzida)

(133) ... *hoje pranto ... muintim de mi...* (MIFP40 – advérbio – variante reduzida)

Para o uso de diminutivo nas formas plenas, com a categoria nome: 65.8%, com o P. R. de .50; com a base adjetiva, encontrou-se 63,4%, na base adverbial o resultado mostrou-se bastante expressivo P.R. .95, ou seja, há grande probabilidade de ocorrência das formas reduzidas com a classe dos advérbios. Nas formas reduzidas, para nome, ocorreram em 34,2%, para o adjetivo, 36,6%; com P.R. de .30 que é inexpressivo, ou seja, as bases adjetivas deveriam favorecer a redução das formas diminutivas por elas demonstrarem certo grau de afetividade, conforme foi descrito por Amadeu Amaral (1920) no capítulo 1, mas não foi isso que ocorreu.

4.2.6 A variável independente: realização fonológica do segmento seguinte

O outro fator a ser testado foi saber se a realização do segmento seguinte teria alguma influência na manutenção ou das formas plenas ou das reduzidas. O resultado encontrado pode ser atestado pela tabela que segue:

Tabela 8 Distribuição de ocorrências das formas plenas e reduzidas: fator realização fonológica do segmento seguinte

Realização fonológica do segmento seguinte	Formas plenas	Formas reduzidas	Total	P. R.
	N. ^o	N. ^o		
	%	%		
- vocálico	116 46,6%	133 53,4%	249	.81
+ vocálico	124 93,9%	8 6,1%	132	.07

Exemplos:

(134) ...era de tardinha aí desceu o morro lá... (FZFP07 - favorecimento da forma plena – ambiente + vocálico)

(135) ... fiz um currazim de porco... (MZFP – desfavorecimento da forma plena – ambiente –vocálico)

O que se pode perceber, por meio da tabela, é que as formas reduzidas, em ambiente + vocálico, são desfavorecidas, pois obtiveram total de 6,1% das ocorrências, enquanto as formas plenas, neste mesmo ambiente, obtiveram 93,9%, o P.R.este tipo de realização fonológica foi de .7. O ambiente - vocálico favoreceu a aplicação da regra com 53,4% da forma reduzida, sendo o P. R.

de .81 significativo para as realizações sem a presença de vogal em segmento seguinte. Este resultado favorecendo a apócope remete à questão de a forma reduzida –im constituir-se em uma sílaba pesada e isso, talvez, favorecer a harmonia vocálica.

4.2.7 A variável independente: gênero morfológico

O próximo fator testado e que se revelou significativo é o gênero morfológico. Observe-se os resultados exibidos pela tabela seguinte:

Tabela 9 Distribuição de ocorrências das formas reduzidas e plenas para o fator gênero morfológico

Gênero morfológico	Formas plenas N.º	Formas reduzidas N.º	Total	P. R.
Feminino	117 95,9%	5 4,1%	122	.14
Masculino	123 47,5%	136 52,5%	259	.71

Exemplos:

(136) ...*era só eu abrir uma portinha atrás dele...* (MJFM58 – gênero morfológico feminino desfavorece o uso da forma reduzida do diminutivo)

(137) ...*até em defunto eu dô um bejim...* (FIFM116 - gênero morfológico masculino favorece o uso da forma reduzida do diminutivo)

Os resultados mostram que palavras do gênero masculino favorecem a forma reduzida: 52,5% , com o P. R. de .71. já para o gênero feminino, os resultados

encontrados apresentam o P.R. de .14, probabilidade que desfavorece o uso de diminutivos na forma reduzida em palavras deste gênero.

4.2.8 Fatores não significativos

Dois oitenta e dois fatores testados, apenas dois não se mostraram significativos: tipo de nome e tipo de sufixo.

4.2.8.1 A variável independente: nomes comuns e próprios

A última variável independente testada é a realização das formas diminutivas quando a base é um nome comum ou um nome próprio. Os resultados encontram-se dispostos na tabela seguinte:

Tabela 10 Distribuição de ocorrências das formas reduzidas e plenas para o fator nomes próprios e comuns

Tipos de nomes	Formas plenas	Formas reduzidas	Total	P. R.
	N.º	N.º		
Próprios	73 67%	36 33%	109	.36
Comuns	167 61,4%	105 38,6%	272	.57

O fator realização dos diminutivos em contextos de nomes próprios ou comuns mostrou-se não significativa na amostra aqui analisada. Os nomes próprios obtiveram o percentual de 67,0% de realização de formas plenas e 33% nas de formas reduzidas, cujo P.R. foi de .36. Não foi muito diferente a performance dos diminutivos em contexto de nomes comuns, pois as formas plenas obtiveram um total de 61,4 e 38,6% para as formas reduzidas com o P.R. de .57.

4.2.8.2 A variável dependente: tipo de sufixo

Tabela 11 Efeito da redução fonológica no uso de diminutivos conforme o tipo de sufixo

	Formas plenas N.º/ total	Formas reduzidas N.º/ total	P. R.
-inho	177/279	102/279	.50
-zinho	63/102 61,8%	39/102 48,8%	.45

Selecionada em primeiro lugar, esta variável diz respeito tanto à forma –inho quanto à forma –zinho. Como mostra esta tabela, a forma –inho, dentre as formas plenas, obteve o P.R. de .50, enquanto a forma –zinho obteve o P. R. de .45. Isto significa que a aplicação de –inho é discretamente preferida em relação a –zinho, pois esse fator não foi selecionado pelo programa estatístico.

O resultado é, de certo modo inesperado, dado o favorecimento de redução fonológica quando o sufixo é não composicional. Se se tiver em conta que no rol das ocorrências com –zinho, há casos em que o –z é epentético, certamente o número de sufixos composicionais seria diferente. Foram colocadas no ANEXO VII todas as 63 ocorrências para análise num momento posterior.

4.3 Conclusões

Como pode ser visto, dos fatores internos classe de palavras, tipos de nomes, realização fonológica do segmento seguinte e gênero morfológico apenas o fator nomes próprios e comuns não se mostrou significativo para a análise em questão. Em relação aos externos, todos se mostraram significativos, conforme mostram as tabelas de 3 a 9.

4.3.1 Refinando os resultados

Uma das premissas da sociolinguística é a de que a variação tende a ser fortemente condicionada por fatores sociais. Nos dados analisados neste capítulo, esta premissa vai ao encontro dos resultados obtidos, pois, todos os fatores externos, em relação à variável estrutural, puderam se confirmar como significativos, entretanto, dentre eles, o fator externo que se mostrou representativo foi o referente à localidade do falante, com o P.R. .80 guiado para o favorecimento da aplicação do diminutivo nas formas reduzidas. Isto significa que, na comunidade analisada, o falante da área rural, aqui nomeada como Piranga, tende a optar por estas formas do diminutivo. Na área urbana pesquisada, os fatores internos foram significativos, principalmente, quando cruzados com os externos.

Conforme foi visto nos resultados apresentados, foram testados oito fatores: classe de palavras; tipo de nome; realização fonológica do segmento seguinte; gênero morfológico, idade do informante, faixa etária, sexo do informante e local de nascimento. Dentre estes, foram selecionados como significativos i) fatores internos: classes de palavras, realização do segmento vocálico seguinte, gênero morfológico; como fatores externos, foram selecionados ii) idade do falante, sexo e localidade.

A partir dos resultados encontrados nas análises anteriores, a forma plena do diminutivo obteve número maior de ocorrências entre os informantes pesquisados

(63%). A forma reduzida ocorreu em 37% das ocorrências arroladas, resta, então, saber o motivo pelo qual isto acontece e qual ou quais fatores estariam favorecendo a redução?

Neste trabalho, conforme já foi dito, será assumida a hipótese de Armelin (2014) na qual as noções de composicionalidade e não-composicionalidade de itens lexicais dariam conta de explicar o fenômeno.

A distinção composicionalidade/não-composicionalidade pode ser explicada conforme o funcionamento, no caso desta pesquisa, do sufixo diminutivo na palavra: ele pode ser utilizado como modificador ou como núcleo. Os diminutivos composicionais comportam-se como modificadores, buscando conservar a categoria e o gênero da palavra formada como, por exemplo *cadeira* > *cadeirinha*. Os não-composicionais desempenham função nuclear por influenciarem mais fortemente as propriedades formais da palavra formada: *camisa* [subst. fem.] > *camisinha* [subst. fem. camisa pequena] > *camisinha* [subst. fem. preservativo]. Diminutivos composicionais podem formar diversas categorias: substantivos, adjetivos, advérbios, gerúndios e participios, entretanto, construções não-composicionais, tendem a restringir-se à formação de substantivos.

Algumas características na formação de palavras ocorrem quando se realizam, também, operações sintáticas e fonológicas; por esse motivo, os morfemas compõem-se de traços gramaticais, sintáticos e semânticos que podem ser definidos como abstratos, considerados como universais e de raízes que são combinações de significados e sons de cada língua.

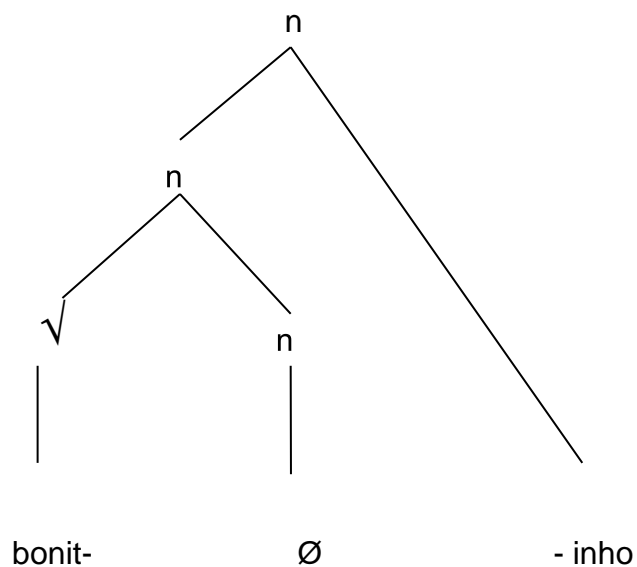
Nessa linha de raciocínio, categorias como: nomes, adjetivos e verbos são formadas quando as raízes estiverem exatamente em um local que seja possível os núcleos funcionais as atingirem: isso faz com que apesar de as palavras pertencerem a determinadas categorias morfológicas, a derivação é sintática. Dessa forma, surge a proposta de domínio de localidade, idealizada por Arad (2003), na qual há palavras que derivam diretamente da raiz e outras que são formadas a partir de raízes já categorizadas.

Então, nomes, adjetivos e verbos vão se formar quando a raiz unir-se a um elemento que apresente categoria a partir de determinadas regras. Para haver produtividade, algumas condições devem ser observadas: i) aplicação a um tipo de base, ii) condicionamento para que o falante tenha condições de discernir o significado da nova palavra que está sendo formada e, finalmente, descartar formas porque outras serão mais ajustáveis a qualquer sistema linguístico. Assim, a formação de palavras pode acontecer por meio de processos sintáticos, como movimentos de núcleo e adjunção, em qualquer nível gramatical.

As considerações anteriores são postuladas pela Morfologia Distribuída que teve seu início a partir da publicação do artigo de Moris Halle e Alec Marantz (1993), em que palavras e sentenças são formadas por intermédio dos mesmos mecanismos sintáticos, sendo a sintaxe o único componente gerativo do sistema. Por esse motivo, supõe-se dizer que o diminutivo teria duas posições sintáticas: uma que partiria do domínio funcional e está situada entre o núcleo de categorização e a projeção responsável pela marcação de número e a outra que estaria disponível e teria uma ligação direta com a raiz, abaixo do núcleo categorizador: LexP que é uma posição que se liga diretamente à raiz, por não ser núcleo funcional, não exibe caráter composicional e o resultado é a formação de palavras numa semântica não-previsível. Elementos composicionais, via de regra, unem-se à raiz já categorizada e os não-composicionais entram na formação a partir do momento em que ainda não se completou a fase de categorização.

Refinando tais hipóteses da MD, Armelin (2014) reanalisa a relação hierárquica entre a forma de diminutivo -inho e as marcas de gênero nos nomes. A autora propõe que as diferentes vogais finais exibidas pelo nome no PB teriam, como realização fonológica, um núcleo sintático de gênero. A vogal que completaria o diminutivo -inho dependeria da raiz para sua formação; como exemplo tem-se os nominais *masculinos* terminados em -a: “o *problema* o *probleminha* *o *probleminho*”⁷¹ em que a vogal final tem uma relação de dependência, no contexto de masculino, com a raiz. Assim, a raiz se concatenaria diretamente com o núcleo e -inho apareceria apenas na derivação sintática quando a concatenação já está efetivada. Entretanto, para melhorar esta proposta que geraria estrutura inadequada, Armelin (2014) apresenta uma complementação à ideia inicial que

seria a seguinte: -inho seria uma espécie de clítico que necessita adjungir ao núcleo do gênero e isto se configuraria como processo pós-sintático. Observe-se a configuração que segue:



Nela, pode-se perceber que -inho é marcado no núcleo, fato que favoreceria as reduções. Em suma, a composicionalidade ou não-composicionalidade das palavras formadas pelo acréscimo de marcas de diminutivo revelam a natureza sintática deste sufixo.

⁷¹ Exemplo extraído de Armelin (2014).

Retomando os dados coletados, nesta pesquisa, entre os informantes, tem-se exemplos de diminutivos não-composicionais:

(138) ... *ela lava ropa agora... tem **tanquim*** (FJIP10)

(139) *pego as **perninhas** do sapo ... e cada **nozinho** diz que é a idade dele* (FJIP09)

(140) ... *no **fraudinha** tinha **mininu** de 11 anos...* (MJIM58)

Nestes exemplares, o sufixo diminutivo, incorporado à base lexical, assume outro significado semântico, observe-se os sentidos gerados a partir dos dois grupos:

Grupo I: tanquinho = tanque pequeno

nozinho = laço pequeno dado de forma apertada

fraldinha = material absorvente

Grupo II: tanquinho = eletrodoméstico

nozinho = articulação

fraldinha = categoria de esporte

Como se pode ver, no grupo I, as bases lexicais mantêm estreita relação com as respectivas bases, ao passo que, no grupo II, o sentido é desvinculado daquele que deu origem. Isto ocorre por causa das diferentes posições sintáticas ocupadas pelos sufixos composicionais e não-composicionais no interior da base lexical.

Retomando a hipótese arrolada no início deste capítulo, tem-se que o estatuto nuclear de –inho favoreceria mais a redução do sufixo diminutivo que –zinho e, a partir da 4.2.8.1, pode-se confirmar tal posicionamento, pois, dos dados totais apurados como pertencentes à variante reduzida, obteve-se 36,6% dos dados,

destes, 27,3% referem-se à redução com –im e 9,3% das ocorrências com –zim. Dentre as 36 ocorrências com –zim, 15 referem-se a -z epentético, perfazendo um percentual de 42%.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE

O DIMINUTIVO E SUAS VARIANTES PLENA E REDUZIDA

Neste capítulo, serão apresentados os resultados das análises dos dados colhidos i) por intermédio do teste de atitude (Capítulo 3) e da fala espontânea das cidades de Mariana (MG) e Piranga (MG), entre informantes que se encaixaram nas faixas etárias de 9 a 29 anos 40 a 59 anos e acima de 69 anos (Capítulo 4), com o intuito de averiguar a redução na formação do sufixo diminutivo. O trabalho em questão, como dito na proposta inicial, buscou responder explicitar a distribuição de usos dos diminutivos plenos *-inho*, *-zinho* e reduzidos *-im*, *-im*.

O objetivo central foi apresentar uma análise variacionista das realizações de diminutivo nas formas plenas (*-inho* e *-zinho*) e reduzidas (*-im* e *-im*). Para a análise dos dados, foi utilizada como ferramenta o programa GoldvarbX que selecionou as variáveis estatisticamente significativas confrontadas com fatores internos e externos relacionados ao fenômeno em análise.

A fim de identificar a atitude do falante em relação ao seu uso do diminutivo na fala cotidiana, foi realizado o teste de atitude que teve como parâmetro o modelo desenvolvido por Osgood, Suci e Tannenbaum (1957), com escalas relacionadas em 7 intervalos que revelam a percepção do entrevistado sobre um fato ou fenômeno. Para esse fim, foram elaboradas 25 perguntas sobre as temáticas uso da língua nacional e regional, bem como outras que evocassem, nos informantes, percepções positivas ou negativas. Para esta análise, foram selecionadas 11 perguntas dispostas em 2 grupos. Os entrevistados fizeram parte de grupos etários nos seguintes intervalos: 15 a 21 anos; 22 a 35 anos; 36 a 49anos; 50 a 59 e mais de 70 anos, moradores das área rural ou urbana.

Os resultados mostraram que para a primeira afirmativa do teste de atitude “*Mineiro nunca fala final de palavras*”, os entrevistados se posicionaram contrários, pois 72% dos entrevistados percebem a variável e 48% rejeitaram o estereótipo, fato que é corroborado por meio dos resultados encontrados no capítulo 4 sobre a variante reduzida que obteve 37% de ocorrências, ou seja, as pessoas entendem que usar a forma plena seria uma maneira de estar próxima à norma padrão e, com isso, ter mais prestígio social. Isto remete à ideia de que a redução de palavras pode ser caracterizada pelas pessoas como estigma, uma marca negativa e, portanto, evitada.

É importante perceber como as pessoas criam categorias linguísticas e as representam em sua mente, os chamados protótipos, tendo significados positivos ou negativos, também chamados de estereótipos.(LABOV, 1994).

Outro ponto que chama a atenção no teste de atitude são os resultados encontrados para a pergunta “*Mineiro, mais novo, usa muitos diminutivos na sua fala*” . em que 82% dos entrevistados discordaram, reforçando o caráter negativo do estereótipo. Contrariamente a isso, no fator faixa etária testado no capítulo 4, verificou-se que os jovens, das três faixas etárias, são os que mais produzem diminutivos, possivelmente, eles têm baixa consciência sobre as variantes plenas ou reduzidas..

Com relação à pergunta “*Mineiro, mais velho, usa muito diminutivo na sua fala* há o reforço do estereótipo na medida em que os resultados da entrevistas indicam direção contrária à variante não-estigmatizada e este fato foi refutado pela tabela 4.2.4. ao apresentar os mais velhos com ocorrências maiores da forma plena.

Ao questionamento: *A palavra “bunitim” soa pior que “bonitinho”, a percepção dos entrevistados foi uma discreta tendência à neutralidade para as 3 possibilidades de respostas: Concordo/ Discordo/Ponto neutro., com menor grau de rejeição ao estereótipo. Já a tabela, exibiu resultados nos quais há a preferência da forma reduzida quando a base lexical é o advérbio, em seguida a aparece o nome como sendo a segunda base lexical favorecedora da redução. A teoria de Armelin*

(2014) serviu-nos de base para distinguir as noções de composicionalidade e não-composicionalidade a fim de definir o estatuto a qual pertence as bases lexicais que aceitam formas reduzidas. Como foi visto no Capítulo 1, era esperado encontrar maior número de ocorrências com o adjetivo, conforme o descrito por Maurer Júnior (1959).

Para o questionamento “*Só os mineiros da zona urbana falam as palavras de forma completa*” os entrevistados confirmaram a hipótese de que as pessoas consideram que somente quem reside na área urbana tem domínio da norma culta e é, dessa forma, portadora e detentora de prestígio social. Isso pode ser confirmado com os dados expostos pela tabela 11, na qual os percentuais para a forma plena é maior que a reduzida.

Em contrapartida, quando perguntados “*Mineiros, da zona rural, usam formas reduzidas*” 76% concordaram e, com isso, reforçam o estereótipo de que falantes da área rural não têm acesso à norma culta, ou seja, variantes reduzidas seriam a marca de falantes com o pertencimento neste espaço.

E, finalmente, a pergunta “A Língua Portuguesa falada pelos mineiros é pior” em que os entrevistados afirmaram, perfazendo total de 44%, que o dialeto mineiro é o pior. Entretanto, não é isto que foi mostrado na tabela sobre as variantes plena e reduzida: a preferência dos informantes é pela variante plena em detrimento do uso da variante dita típica da área rural.

Conforme já foi demonstrado neste trabalho, não há neutralidade na relação entre língua e falante, há um conjunto de atitudes e sentimentos, atrelados à questão social, que faz com que os indivíduos ou comunidades linguísticas optem por uma forma e não por outra ao produzirem a linguagem. E, conforme, foi visto no capítulo 3, há julgamentos, positivos ou negativos, acerca do modo de cada um falar. A partir disso, surge uma série de sentimentos e atitudes que vão desde estereótipos a preconceitos linguísticos que se baseiam em algumas atitudes e crenças produzidas pelo senso comum. Há uma hierarquização dos diferentes falares que seleciona o que deve ser admirado e estereotipado. Observe-se

alguns “universais”:

- i) o único lugar no país que falaria a norma culta padrão seria em São Luís do Maranhão;
- ii) alguns sotaques são de prestígio enquanto outros desagradáveis e, como valor capital simbólico, seria considerado como inferior;
- iii) os dialetos regionais seriam passíveis de classificações tais como: o paulista pronuncia R de forma muito carregada; o baiano fala “cantando”; o carioca usa muitos termos provenientes de gíria; gaúcho tem sotaque carregado por pronunciar todos os finais de sílabas e o mineiro “engole” o final das sílabas abusando das reduções.

É nesse sentido que a Sociolinguística tem o papel de deixar claro que a imensa variedade linguística existente no país só confirma um ponto na Linguística: homogeneidade na língua não existe porque a língua, como fato social, sofre a influência de todo sistema cultural vigente. Assim, a diversidade linguística não é um problema para a língua que deve ser corrigido, principalmente nos espaços escolares, mas como algo inerente ao próprio sistema linguístico das línguas humanas.

De acordo com o descrito, anteriormente, por Lippman (1922), o estereótipo não é apenas uma escolha pessoal oriunda de uma experiência, mas sim consequência do envolvimento com a mídia e, principalmente, com os conteúdos transmitidos pela educação, quer seja formalizada ou aquela adquirida no ambiente familiar.

Do ponto de vista cognitivo, o estereótipo é um fenômeno social por se tratar de grupos que nomeiam indivíduos a partir de rótulos genéricos e que são assumidos como verdadeiros para determinados grupos sociais. Conforme Simões (1985, p.207), em sua pesquisa relacionada à estereótipos ligados aos idosos, pode-se obter três generalizações. Observe-as no seguinte excerto:

- a) abusivas, porque são aplicadas de maneira uniforme a todos os membros de um grupo (admitindo poucas exceções);

- b) extremas, ou seja, atribuídas de forma superlativa;
- c) mais frequentemente negativas do que positivas.

Todas as descrições anteriores servem de motivo para caracterizar as variantes reduzidas do diminutivo no dialeto mineiro formas como formas linguísticas estereotipizadas em relação aos outros estados brasileiros. Por esse motivo, este trabalho teve como objetivo apresentar indícios de que não é necessário somente atribuir conceitos genéricos, mas analisar, cientificamente, os dados linguísticos a partir de ocorrências coletados em *corpora* previamente definidos. Isto porque é importante considerar a localidade na qual estão inseridos os grupos de falantes. Em Minas Gerais, alguns dialetos tiveram sua origem no contato da língua portuguesa, principalmente, com os falares indígenas a partir do século XVI. A diferença na pronúncia de determinados sons por estes povos fez com que surgisse, em certas áreas rurais, o dialeto caipira que foi considerada uma língua que fazia frente à língua considerada oficial por parte da coroa portuguesa. (AIRES; ABUD; ARAUJO, 2010, p. 433). A partir daí, começa a surgir o preconceito em relação à fala de determinadas classes sociais que eram consideradas sem nenhum prestígio social.

Traçar o percurso linguístico, bem como delinear todos os fatores pertinentes a quaisquer alterações dos falares do PB, é tarefa que vem sendo empreendida por muitos estudiosos da linguagem no Brasil. O professor Zágari (1977) foi o pioneiro na pesquisa acerca dos falares mineiros, ele propõe pelo menos três falares diferentes: i) falar baiano, situado na região norte do estado; ii) falar paulista, na região do triângulo mineiro e no sul do estado e iii) falar mineiro que corresponderia à capital Belo Horizonte e cidades vizinhas e as Zonas da Mata, Metalúrgica e Vertentes. Sabe-se que esta iniciativa deu origem e incentivou outros pesquisadores a fazer estudos a fim de conseguir uma divisão do estado, por meio das isoglossas, o mais próxima da realidade possível. A seguir, tem-se o mapa proposto pelo ALEMIG:

Mapa 2 Distribuição dos falares de Minas Gerais segundo o ALEMIG – Zágari (1977)



Como se pode ver, é contraproducente afirmar que há um dialeto mineiro presente, de maneira uniforme, em todo o espaço geográfico, há diversos falares que são resultantes das combinações, conforme vimos anteriormente, de fatores internos externos que, quando combinados em programa estatístico adequado, oferecem os mais instigantes dados para análises.

Cabe ressaltar que as características do falar caipira, que podem ser encontradas nas piadas, conforme foi descrito no capítulo 3, estão sempre associadas ao falar caipira e, por sua vez, associam-se a uma identidade mineira, exemplo deste fato são as reduções do diminutivo que foram discutidas neste trabalho.

É inquestionavelmente que existe uma intrínseca relação entre a linguagem e a sociedade e esse vínculo, ao longo das últimas décadas, vem sendo discutido e analisado com o objetivo de sistematizar os vários fenômenos que circundam a linguagem humana. Também não há como discorrer sobre o fenômeno linguístico sem mencionar seu precursor Saussure que foi o primeiro estudioso moderno a apresentar o caráter formal e estrutural da língua. A partir dessa distinção, abriu-se espaço para que os estudos linguísticos contemporâneos buscassem respostas para muitas indagações que pairam sobre os ambientes linguísticos.

Depois, na década de 60, Labov, demonstra que é possível sistematizar o sistema

linguístico de qualquer língua natural, dando destaque a fatores sociais para explicar os fenômenos da variação e mudança linguística. Esse novo olhar descritivo sobre a linguagem tornou-se a forma mais real de se avaliar as forças sociais, com os fatores externos, operando sobre os fatores estruturais de determinada língua.

Com os estudos linguísticos labovianos, é possível aliar teoria à prática para explicitar que julgamentos como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito” adjetivando qualquer dialeto é, nada mais, nada menos, que uma forma enviesada de compreender a capacidade linguística de todo ser humano, criando, assim, uma visão estereotipada em relação a determinadas formas existentes de se processar uma linguagem. É claro que há muito que se fazer para que o modelo de análise sociolinguístico possa dar conta da relação existente entre os fatores estruturais e os fatos empíricos, ou seja, elaborar um conjunto mínimo de princípios gerais que configurem uma teoria da variação e/ou mudança linguística a partir de uma variável.

Nesta pesquisa, buscou-se analisar as formas plenas e reduzidas do diminutivo à luz da Teoria da Mudança e Variação Linguística e, no decorrer da pesquisa, várias questões que circundam esta temática emergiram. Não é tão fácil caracterizar com precisão o diminutivo, pois há que se considerar que as formações diminutivas são, em primeiro lugar, fonte inesgotável de construção de sentidos que contribuem para marcar identitariamente um povo.

Do ponto de vista da sociolinguística, o diminutivo e suas variantes apresentam uma gama enorme de usos não se limitando à noção semântica de redução; por isso, é preciso compreender quais condições estariam licenciando os usos do diminutivo. O certo é que esta pesquisa realizou seu propósito no que se refere às metas traçadas na introdução bem como todo percurso metodológico e descritivo do fenômeno em questão. No entanto, é preciso buscar novas formas e maneiras de compreender sobre mais este aspecto da língua. É fato que, devido ao caráter polissêmico de diminutivo, será preciso que outras pesquisas sejam empreendidas para compreender outras faces do diminutivo.

6. REFERÊNCIAS

AIRES, M. J. F. ; ABUD, A. M. ; ARAUJO, S. R. F. P. *O falar caipira em letra de música e o preconceito linguístico*. In: Anais do 6º Seminário de Pesquisa em Linguística Aplicada (SePLA). Taubaté, (UNITAU), 2010, p. 431-442.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora O Livro, 1920.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARAD, M. *Locality Constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs*. NLLT, 21, 737-778. 2003.

ARMELIN, Paula R. Gabbai. *The non-compositional domain: diminutives and augmentatives in Brazilian Portuguese*. Estudos Linguísticos, São Paulo, 43 (1): p. 395-410, jan-abr, 2014.

BACHRACH, Asaf & Michael WAGNER. *Syntactically driven cyclicity vs. output-output correspondence: the case of adjunction in diminutive morphology*. U. Penn Working Papers in Linguistics, 2007. Vol.10.1.

BACK, E.; MATTOS, G. . *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo: F.T.D., 1972.

BARBOSA, Jerônimo S. *Gramática philosophica da língua portugueza*. 6. Ed. Lisboa: Typographia da Academia Geral de Ciências de Lisboa, (1875).[1787]

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p.166.

BENUA, L *Transderivational identity: phonological relations between words*. Ph. D. Dissertation. Univ. of Massachusetts at Amherst. 1995.

BISOL, L. Introdução à teoria fonológica. In: _____ . (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2001.

BISOL, Leda. *O diminutivo e suas demandas*. D.E.L.T.A., 2010. 26:1, p. 59-85.

BOBALJIK, Jonathan David. *Where's Φ ?: agreement as a post-syntactic operation*. *Natural Language and Linguistic Theory*, 2005.

BODENHAUSEN, G. V., & MACRAE, C. N. Stereotype activation and inhibition. In R. S. Wyer, Jr. (Ed.), *Stereotype activation and inhibition: Advances in social cognition* (Vol. 11, pp. 1-52). Mahwah, NJ: Erlbaum.1998.

BOURDIEU, Pierre.. Efeitos de lugar. In:_____. *Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-166.

BROWN, Patricia M.; TURNER, John C. The role of theories in the formation os stereotype content. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 67-89.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CÂMARA JR, M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.

CÂMARA JR, M. J. M. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1997.

CASTRO, Natália P. *Pontes de Faria.entre coroados e coropós: a trajetória do padre Manuel de Jesus Maria nos sertões do Rio da Pomba (1731-1811) / Natália Paganini Pontes de Faria Castro*. – 2010. 212 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

COELHO, I. Lehmkuhl *et al* . *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172 p.

COSTA, Iara B. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. In; LARI, Rodolfo. *Gramática do português falado, v. II: níveis de análise lingüística*. Campinas: UNICAMP, 1993.

COUTINHO, C. M. F. *et al*. *O rural está no urbano, o urbano está no rural: considerações a partir do espaço*. Revista Desenvolvimento Social n.º 10, vol.3. p. 63-73. 2013.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958. p. 278.

CRYSTAL, David. *Language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo* 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

DÁSSUMPÇÃO, L. *Considerações sobre a formação do espaço urbano setecentista nas Minas*. Revista do departamento de História da UFMG. Belo Horizonte. Nº9 pp.130-140, 1989.

DI SCIULLO, Anna Maria & Edwin Williams. *On the definition of word*. Linguistic Inquiry Monograph 14. Cambridge (MA): MIT Press, 1987.

DOOLEY, Robert A. *Léxico guarani, dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística*. ASSOCIAÇÃO LINGÜÍSTICA INTERNACIONAL – SIL Brasil, 2013.

EMILIO, Aline. *Diminutivo X grau normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem variacionista*. Revista da Abralin, São Paulo, v. 2, n. 1, jul. 2003. Disponível em http://www.abralin.org/revista/RV2N1/artigo1/RV2N1_art1.pdf. Acesso em 02 mar 2011.

FREITAS, Myrian Azevedo de, BARBOSA Maria Fernanda M. *A alternância do diminutivo –inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista* Revista Alfa, São Paulo, 57 (2): 577-605, 2013.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GONÇALVES, C. A. V. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Fac Letras/UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C.A.V. A flexão e derivação: o grau. In: *Ensino de gramática: descrição e uso*. BRANDÃO, S. F. & VIEIRA, São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-168.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLE, M. & MARANTZ, A. *Distributed morphology and the pieces of inflection*. In: K. Hale and S.J. Keyser (Eds.). *The View From Building 20*. Cambridge, Mass: MIT Press, 111-176. 1993.

HEWSTONE, G.; GILES, H. Social groups and social stereotypes. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Org.). *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, 1997.

INKELAS, S. *Prosodic constituency in the lexicon*. Doctoral Dissertation. Stanford University. Stanford, 1989.

INKELAS, S. Deriving cyclicity. In: HARGUS, S.; KAISSE, E. M. (Ed.). *The studies in Lexical Phonology*. San Diego: Academic Press, 1993.

JAMESON, Fredric. Sobre los estudios culturales. In: GRÜNER, Eduardo (Org.). *Estudios culturales: reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires: Paidós, 1998. p. 69-137

JOSÉ, Oiliam. *Indígenas de Minas Gerais: aspectos sociais, políticos e etnológicos*. Belo Horizonte: MP, 1965.

KIPARSKY, P. *Some consequence of lexical phonology*. London: Phonology Yearbook, 1985.

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype: catégories et sens lexical*, Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KRÜGER, H. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In Lima, M. E. O. & Pereira, M. E. (Orgs.) *Estereótipos, preconceitos e discriminação*. Salvador: EDUFBA. 2004.

LABOV, W. *Academic ignorance and black intelligence*. The Atlantic Monthly, June. 1972. p. 59-67.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internes factors*. Cambridge, MA: Blackwell,.. 1994. vol. I.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. .Oxford: Blackwell, 2001. vol. II.

LABOV, W. Review of Penelope Eckert, *Linguistic variation as social practice*. Language in Society, 2002.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. Where shall I begin? In: SCHIFFRIN D., FINA, A. De, NYLUND A. (Ed.), *Telling stories: language, narrative and social life*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2010.

LEBEN, William, *Suprasegmental phonology*. PhD dissertation, MIT. Distributed by Indiana University Linguistics Club, 1973.

LEE, S. Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado Unicamp, IEL Campinas, 1995.

LEE, S. Hwa. *Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro* Revista Est. Ling., Belo Horizonte, v.8, n.1, p.113-124, jan./jun. 1999.

LEE, S. Hwa. *Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB*. Revista Diadorim, Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Número especial 2013.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMA, Maria Manuel, "Considerações em Torno do Conceito de Estereótipo: Uma Dupla Abordagem", Revista da Universidade de Aveiro - Letras, Publicação do Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 1997, pp. 169-181.

LIPPMANN, W. *Public opinion*. Harcourt: Brace, 1922, 427 p.

MACRAE, C. N., & BODENHAUSEN, G. V. *Social cognition: Thinking categorically about others*. Annual Review of Psychology, 51, 93-120. 2000.

MARANTZ, A. Locality domains for contextual allomorphy across the interfaces. In: Matushansky, O.; Marantz, A. *distributed morphology today: morphemes for Morris Halle*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

McGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation. In: . *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MENDES, Gesoel, GUIMARÃES, Maximiliano. *Diminutivo em Português Brasileiro: sufixação ou infixação?* Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, 40 (1): p. 364-378, jan-abr 2011.

MORENO, Cláudio. *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal em português*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (Dissertação de Mestrado)

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

NEVES, M. F (Org). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1951.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. *Comendo o final das palavras: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG*. 2012.296 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal e Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Luís H. de. *Nas malhas da incerteza: comportamento e estratégias*

camponesas na Freguesia de Guarapiranga (1750-1820). 2006. 241f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

OSGOOD, C. E., SUCI, G. J., TANNENBAUM, P. H. *The measurement of meaning*. Urbana, IL: University of Illinois, 1957

PENNA, M. Em busca de um conceito de identidade para as sociedades complexas. In: PENNA, M. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo”*. Erundina. Cortez Editora: São Paulo, 1992a. p.149-166.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto. 2010.

ROCHA LIMA, C. Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro, José Olympio.1983.

RODRIGUES, A. D. . *A composição em Tupi*. LOGOS, CURITIBA, v. 14, p. 63-70, 1951a.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T.E. *Cognitive development and the acquisition of language*. New York, Academic Press, 1973, p.111-144.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 10 jun. 2013.

SANKOFF, Gillian. Age: apparent time and real time. *Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics*. Second Edition. Article Number: LALI: 01479. 2006.

SILVA, M. Cecília P. de Souza; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 2002.

SIMÕES, F. M. Campos. *Valor semântico dos diminutivos -inho e -zinho nas propagandas: representação e construção de identidades sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, J. S. *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 198-224.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. London: Penguin Books Limited, 2000.

TURUNEN, V. Johanna. *Sobre a descrição das dimensões semânticas e pragmáticas do diminutivo em português*. Revista Escrita, número 9, 2008.

TURUNEN, Virpi Johanna. *A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil*. 2009. 194p. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ULMANN, Stephen. *Introdução à semântica*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

VIARO, Mário. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. São Paulo: USP, 2011. 220 p. Tese (Livre docência) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VILLALVA, Alina. *Sobre a formação dos chamados diminutivos No Português Europeu*. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2010, p. 787-793.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Yakov (Ed.). *Directions for historical linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 2006. [1968]. p. 95-195.

WILLIAMS, Raymond. *Base and superstructure in marxist cultural theory*. New Left Review, 82: 1973.

ZÁGARI, M. R. L.; RIBEIRO, J. ; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

7. ANEXOS

Anexo I

INFORMANTES IDENTIFICAÇÃO		IDADE	ÁREA/LOCALIDADE URBANA X RURAL	ESCOLARIDADE ANALFABETO/EDUCAÇÃO BÁSICA/
1	V.I.M.	15	Urbana	Educação
2	A.M.G.	16	Urbana	Educação
3	E.F.G.	16	Urbana	Educação
4	S.F.R.	17	Urbana	Educação
5	V.V.	18	Urbana	Educação
6	D.B.N.	19	Urbana	Educação
7	Q.T.T.O.	20	Urbana	Educação
8	O.G.H.	21	Urbana	Educação
9	Z.C.L.	21	Urbana	Educação
10	L.E.S.	21	Urbana	Educação
11	Y.C.B.	24	Urbana	Superior
12	S.D.E.T.	25	Urbana	Educação
13	P.P.R.	25	Urbana	Superior
14	V.H.S.R.	26	Urbana	Superior
15	J.S.S.	27	Urbana	Educação
16	W.O.	27	Urbana	Superior
17	E.S.V.X.	31	Urbana	Educação
18	M.J.P.P.	33	Urbana	Educação
19	W.K.H.	34	Urbana	Superior
20	B.N.M.	34	Urbana	Educação

		anos		
21	R.S.A.C.	36	Urbana	Educação Básica
		anos		
	A.A.P.	37	Urbana	Superior
		anos		
21	V.N.S.B.	37	Urbana	Superior
		anos		
21	S.D.	38	Urbana	Educação Básica
		anos		
24	F.S.T.	54	Urbana	Educação Básica
		anos		
25	E.O.P.	57	Urbana	Educação Básica
		anos		
26	M.L.F.	57	Urbana	Educação Básica
		anos		
27	F.C.M.M.	60	Urbana	Superior
		anos		
28	E.D.C.	63	Urbana	Superior
		anos		
29	D.P.A.	70	Urbana	Educação Básica
		anos		
30	C.P.	70	Urbana	Superior
		anos		
31	V.K.L.	71	Urbana	Educação Básica
		anos		
32	R.V.B.	73	Urbana	Educação Básica
		anos		

Anexo II

INFORMANTES IDENTIFICAÇÃO		IDADE	ÁREA/LOCALIDAD E URBANA X	ESCOLARIDADE ANALFABETO/EDUCAÇÃO
1	K.J.	39	Rural	Educação
2	M.A.R.	39	Rural	Educação
3	W.E.T.	41	Rural	Educação
4	V.B.L.	44	Rural	Educação
5	Y.I.O.	45	Rural	Educação
6	M.N.V.	46	Rural	Educação
7	Z.E.R.	52	Rural	Educação
8	S.T.P.	53	Rural	Educação
9	G.J.L.	54	Rural	Educação
10	D.O.N.	55	Rural	Educação
11	R.G.H.	68	Rural	Superior
12	S.S.E.	73	Rural	Educação
13	J.R.C.	75	Rural	Educação
14	M.C.C.A	75	Rural	Educação
15	S.M.O.P.	77	Rural	Educação
16	J.M.O.	78	Rural	Educação
17	M.L.O.P.	78	Rural	Educação

Anexo III

FAIXAS ETÁRIAS	INFORMANTES IDENTIFICAÇÃO		IDADE
15-21 anos	1	V.I.M.	15 anos
	2	A.M.G.	16 anos
	3	E.F.G.	16 anos
	4	S.F.R.	17 anos
	5	V.V.	18 anos
	6	D.B.N.	19 anos
	7	Q.T.T.O	20 anos
	8	O.G.H.	21 anos
	9	Z.C.L.	21 anos
	10	L.E.S.	21 anos
22-35 anos	1	Y.C.B.	24 anos
	2	S.D.E.T.	25
	3	P.P.R.	25 anos
	4	V.H.S.R.	26 anos
	5	J.S.S.	27 anos
	6	W.O.	27 anos
	7	E.S.V.X.	31 anos
	8	M.J.P.P.	33 anos
	9	W.K.H.	34 anos
	10	B.N.M.	34 anos
36-49 anos	1	R.S.A.C.	36 anos
	2	A.A.P.	37 anos
	3	V.N.S.B.	37 anos
	4	S.D.	38 anos
	5	K.J.	39 anos
	6	M.A.R.	39 anos
	7	W.E.T.	41 anos
	8	V.B.L.	44 anos
	9	Y.I.O.	45 anos
	10	M.N.V.	46 anos
50-69 anos	1	Z.E.R.	52 anos
	2	S.T.P.	53 anos
	3	G.J.L.	54 anos
	4	F.S.T.	54 anos
	5	D.O.N.	55 anos
	6	E.O.P.	57 anos
	7	M.L.F.	57 anos
	8	F.C.M.M.	60 anos
	9	E.D.C.	63 anos
	10	R.G.H.	68 anos
= ou ≥ que 70	1	D.P.	70 anos
	2	C.P.	70 anos
	3	V.K.L.	71 anos
	4	R.V.B.	73 anos
	5	S.S.E.	73 anos
	6	J.R.C.	75 anos
	7	M.C.C.A.	75 anos
	8	S.M.O.P.	77 anos
	9	J.M.O.	78 anos
	10	M.L.O.P.	78 anos

Anexo IV**TESTE DE ATITUDE**

Identificação:

a) Nome (apenas iniciais): _____

b) Sexo: Masculino Feminino

c) Escolaridade:

 Superior completo Superior incompleto Ensino Médio Ensino Educação Básica II Ensino Educação Básica I Apenas assina o nome

d) Idade:

 de 15 a 21 anos de 22 a 35 anos de 36 a 49 anos

de 50 a 69 anos

 acima de 70 anos

Profissão: _____

ANEXO VI

PESQUISA PILOTO

Apresento, a seguir, os resultados de uma pesquisa piloto realizada sobre a variável proposta como objeto de estudo neste projeto. As quatro variantes presentes no corpus são exemplificadas abaixo:

(1) *só eu tê uma dorinha aí... ele fica bravo...* (G.A.S. 21a.)

a. –zinho

(2) *ele era muito bonzinho...* (C.M.A.A. 75 a.)

b. –im:

(3) *cumbinô tu diritim...* (C.L.A. 46 a.)

c. –zim

(4) *aí nois virô lá pô Zé Toizim...* (L.O.C. 25 a.)

A amostra utilizada compõe-se de entrevistas gravadas sob a forma de diálogos, advindas do corpus do dialeto mineiro de Piranga (MG). O objetivo é verificar o comportamento dos diminutivos a fim de verificar a distribuição das variantes, conforme três grupos etários.

A tabela 1, abaixo, mostra que tanto os jovens quanto os velhos utilizam-se da variável –inho em maior proporção em relação aos medianos que intensificam o uso de –im; o diminutivo –zinho obteve menor ocorrência entre todas as faixas etárias. Outro dado interessante a preferência de um dos entrevistados do grupo pelo redobro da vogal *i*, ou seja, a iotização em palavra que seria de se esperar que o diminutivo se realizasse como *vasilhinha* ou *vasilhazinha*. Observem-se os exemplos em que o informante usa, pelo menos três vezes, a mesma palavra sem modificar o diminutivo dela:

(5) *Gerardo tinha muita vasiinha de prástico né... (G.M.A. 22 a.)*

(6) *... pego deu Maria duas vasiinha de prástico ... (Idem)*

(7) *aí Maria pego levo a vasiinha... (Idem)*

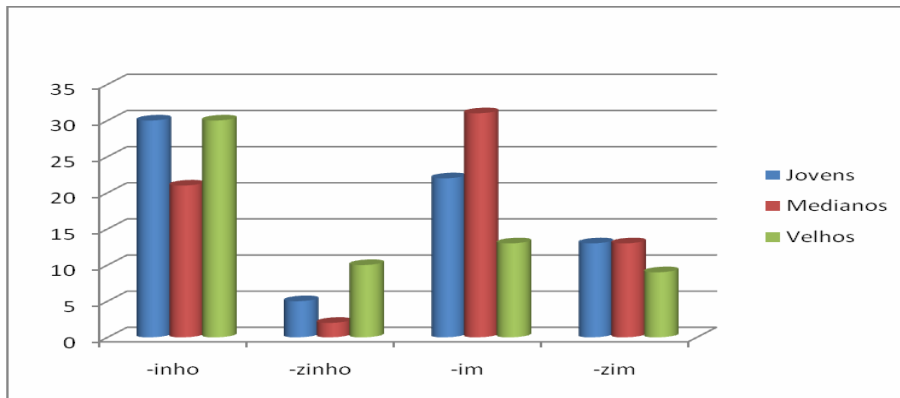
Na tabela a seguir, tem-se a distribuição geral encontrada nesta análise preliminar, conforme brevemente já descrita.

Tabela 12 Usos das formas diminutivas entre falantes da cidade de Piranga (MG)

VARIÁVEIS DO DIMINUTIVO	OCORRÊNCIAS			
	Jovens No. %	Medianos No. %	Velhos No. %	TOTAL
-inho	30 37%	21 26%	30 37%	81
-zinho	5 29%	2 12%	10 59%	17
-im	22 33%	31 47%	13 20%	66
-zim	13 37%	13 37%	9 26%	35

O gráfico abaixo permite visualizar a distribuição das variantes conforme a faixa etária do informante.

Gráfico 11 Distribuição do uso de -inho;-zinho; -im; -zim entre jovens, medianos e velhos na cidade de Piranga (MG)



O gráfico mostra que os idosos preferem a variante –inho e os adultos, a variante –im. Os jovens, por duas vezes, preferem -zim a –zinho; e –inho e –im. Embora preliminares, estes resultados levam a formulação de algumas questões de interesse:

(a) por que –zinho tem frequência menor que –inho? (b) por que jovens e velhos apresentam perfil semelhante em relação ao par –inho/-im? Certamente fortes condicionamentos lingüísticos estejam atuando. O mesmo se pode dizer em relação à preferência por –inho em contraposição a –zinho.

Outro ponto interessante refere-se ao uso de nomes próprios: em todas as faixas etárias, é recorrente o uso da forma reduzida –im:

(8) *Zélia Toizim era nossa professora?* (L.O.C. 25 a.)

(9) *...passá um muleque lá tale Quinzim aí.* (J. M.R. 49 a.)

(10) *Chiquim de Saiê... é irmã do cumpade Bastião Vicente...* (R.B.T. 95 a.)

Anexo VII

CASOS EM QUE O -Z É EPENTÉTICO

Mariana

... ia pra fazer um feijãozinho.

... com direito a cafezinho, balinha.

Gostava muito de um futebolzinho.

Quando eu era menorzinha

... apesar de uma discussãozinha.

Tem uns robozinho que vi no Gugu.

Uma torta que tinha uma mãozinha elétrica e joga na minha cara.

... conheço a de Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho.

O menino, o meninozinho entra nessa roda e ficará sozinho

O menino, o meninozinho entra nessa roda e ficará sozinho.

Mãezinha do céu eu não sei rezar.

... mamãezinha quando deita põem a mão no coração.

Ele levantou da cadeira de roda e ficou em pezinho assim e começou a mudar os passinhos.

Pra cozinhar eu consegui um empregozinho la de servente de pedreiro.

Farmácia Santa Terezinha.

Minha tia morava sozinha.

Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve...

... com o rabo levando igualzinho mas ele é grandão

... só tem uma ruazinha essa... .

... tem sempre uma reuniãozinha pra gente...

E um chapeuzinho de boneca.

Piranga

... e cada nozinho diz que é a idade dele
 ... aquela dorzinha aquela dorzinha branda aquela dor fininha
 ... dá uma discusãozinha é só discussão
 ... igualzinho mesma coisa que fala no livro fala no filme também
 ... chamava Terezinha
 ... Cizinha mais a Rita fico lá oianu
 ... ela interno lá ni Lafaete vei boazinha
 ... eu fiquei uns mei em Toinzinho de lá
 ... de Toinzinho eu vim prá cá
 ... e quem que terminô foi Ziquinho
 ... Ziquinho é que terminô
 ... numa casa velha que Manezinho tinha ali na frente
 ... ele era muito bonzinho
 ... Tazinha Nenem Nilza Jair de Gerardo Cuca
 ... Totonho de Manezinho
 Dezinho tudo até Totonho estudô
 ... Totonho de Manezinho
 ... e é Antônio Luzia morava na banda de lá naquele assentozinho
 ... que morava ali na no Manezinho João Bento
 ... né Manezinho aí né?
 ... não queni que cês mexe com Zezinho
 Zezinho fico falano que eu sô meio que as otras
 ... vamo Terezinha lá
 ... agora hoje em dia eu fico oiano assim eh esses rapaizinho
 ... prá fazê esse quintaizinho aqui...
 ... esse quintaizinho aqui num dava nada...
 ... Cadinéia ... foi não boba... foi Tazinha.
 ... se ele fô eu tenho que í boba aqui eles num dexa sozinho não aqui ninguém...
 ... aí eu fui lá mostrô ô menina mai aí Zinho Zinho de Zinho casado cum aquela fia de

(Corjesus de Taquaraçu.

... aí eu fui lá mostrô ô menina mai aí Zinho Zinho de Zinho casado cum aquela fia de

(Corjesus de Taquaraçu.

... aí eu fui lá mostrô ô menina mai aí Zinho Zinho de Zinho casado cum aquela fia de

(Corjesus de Taquaraçu.

... Zinho veio aí quase seis hora da tarde

... morreno lá ne Zinho

... lá ne Zinho.

... morava sozinho, menina, morava sozinho

... morava sozinho, menina, morava sozinho

... e ia me dexá sozinha cê ia corrê demai